



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS**

**NOMADISMO DA EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA RIBEIRINHA: potências da
multiplicidade...**

KÁTIA LIÊGE NUNES GONÇALVES

**Belém-PA
2018**

KÁTIA LIÉGE NUNES GONÇALVES

NOMADISMO DA EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA RIBEIRINHA: potências da
multiplicidade...

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, como requisito obrigatório da Atividade **de Defesa de Tese**, para fins de obtenção do grau de Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Oliveira do Espírito Santo

Área de Concentração: Educação em Matemática

BELÉM-PA
2018

KÁTIA LIÉGE NUNES GONÇALVES

**NOMADISMO DA EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA RIBEIRINHA: potências da multiplicidade...**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adilson Oliveira do Espírito Santo – Orientador (UFPA)

Profa. Dra. Sílvia Nogueira Chaves (Membro interno – UFPA)

Prof. Dr. Iran Abreu Mendes (Membro interno – UFPA)

Profa. Dra. Claudia Glavam Duarte (Membro externo – UFRGS)

Profa. Dra. Alexandrina Monteiro (Membro externo – UNICAMP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G635n Gonçalves, Kátia Liége Nunes
 NOMADISMO DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA RIBEIRINHA : potências da multiplicidade... /
 Kátia Liége Nunes Gonçalves. — 2018
 141 f. : il. color
- Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas
 (PPGECM), Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém,
 2018.
 Orientação: Prof. Dr. Adilson Oliveira do Espírito Santo
1. Filosofia da Diferença . 2. Currículo nômade. 3. Educação Matemática Ribeirinha . 4. Ciência
 menor. 5. Nomadismo . I. Santo, Adilson Oliveira do Espírito, *orient.* II. Título
-

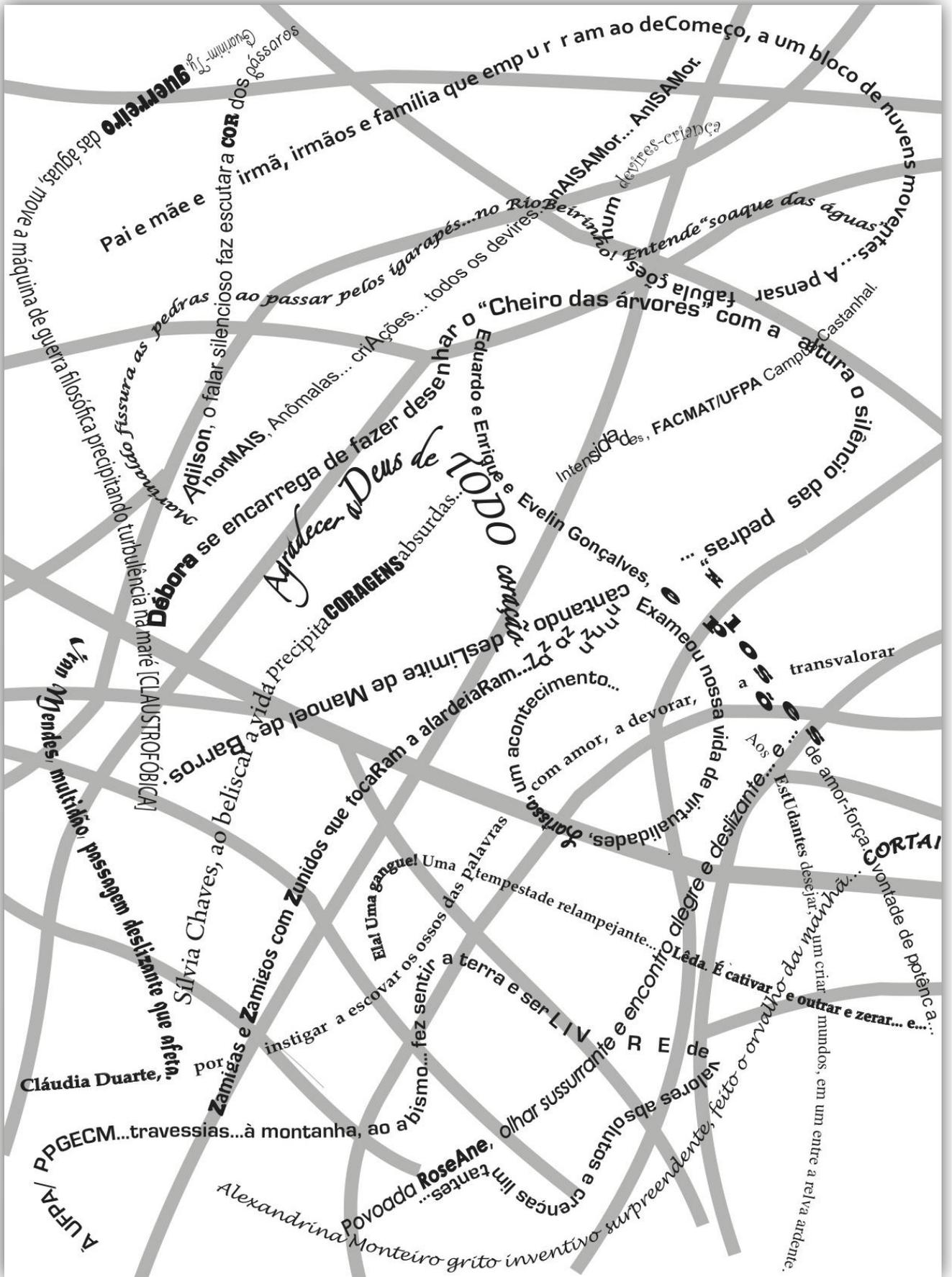
CDD 372.01

Tenho uma confissão a fazer: noventa por cento ($90\% = 90/100 = 0,90 = 0,9$) do que escrevo é invenção. Só dez ($10\% = 10/100 = 0,10 = 0,1$) por cento é mentira.

Manoel de Barros, 2008

Às **Vidas** que me *carregam* em
infin*itude* de *amor*...

Eduardo e **Enrique** e **Evelin**,
filhos-pais-amigos-mães-irmãos.



APLAUSOS-RIZOMA Lala-Roque¹ e Kátia Gonçalves e...

¹ Larissa de La-Rocque C. Teles, Bacharel em Design/UEPA, mestranda do PPG de Design da UNB. Diagramadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará-IFPA/Belém.

**A fórmula é “n menos 1” ,
eliminar a unidade, eliminar
o universal” , em que as
multiplicidade são conjuntos de
singularidades.**

**Ainda há de se perguntar:
“que as singularidades científicas
como as da matemática, da
física ou da química, como ponto
de congelamento, sejam
reproduzíveis, tudo bem, mas e
daí?”**

Multiplicidade (n - 1)?

SUMÁRIO

PLATÔ I - ESCRITA-VIDA

<i>Uma vida... adiv... devir...</i>	16
<i>Espaço estriado do Xadrez: matemáticas- forma</i>	21
<i>Espaço liso do Go: matemáticas deseducadas</i>	36

PLATÔ II - PENSAR CURRÍCULO COM DES ENCONTROS E INTERCESSORES E...

<i>Jogadas nas intersecções</i>	
<i>com intercessores e nômades</i>	
<i>insurgente e...</i>	58
<i>...Tabuleiro Claustrofóbico e</i>	
<i>Tabuleiro Vagamundo...</i>	68

**PLATÔ III - CARTOGRAFIA: O ENTRE IGARAPÉS
E MATEMÁTICAS E...**

**Liberdades e Capturas e...
MATEMÁTICAS e... 80**

**Potência Caleidoscópica: grupos, bandos,
tribos, gangues e todos seus devires... 83**

**PLATÔ IV - METARFOSEAR E INSURGIR
COM AS MOSCAS E...**

**Desterritorializar e
Reterritorializar e
Des-re-territorializar e
Potencializar
uma vida nômade ... 120**

**Clandestinidadade: matemáticas e educações
entre coisas e...
Força do nomadismo... multiplicidades... 128**

REFERÊNCIAS de Intercessores e muitos 133

LISTA de IMAGENS e... 139

RESUMO

Educação Matemática e Matemática e Educação-Matemática e Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas, ainda se localizam petrificadas nas quadraturas do jogo do xadrez, em que tudo se movimenta ao comando do Currículo-realeza, o aparelho de Estado, o segmentário, o da sedentariedade... O texto escrita-vida-máquina-de-guerra faz um ensaio para arrombar o pensamento questionamentos desestabilizantes e incessantes: qual a potência da clandestinidade da Matemática e Educação Matemática? Como ensinar a pensar o não pensado entre os fluxos da Educação Matemática e Matemática e Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas por um espaço fechado codificado e decodificado pela armadura curricular?... Desconfiando das certezas inventadas, por entre borbulhas estoura uma hipótese de tese na extrema ebulição, e se inscreve: Educação Matemática Ribeirinha está pautada em currículo sedentário-Estado, o nomadismo faz passar, des-territorializa e inventa resistências. As escrituras são arrastadas, por vezes, pelos jogos do Xadrez e do Go, não como metáfora, mas como arma de guerra para mover o texto rizomático imanente, em que esse em meio ao dogmatismo cristalizado se territorializa e desterritorializa e des-re-territorializa a cada pensamento bifurcante matemático (ciência maior e menor), da filosofia e da arte. Busca fôlego na Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, tomando-os como intercessores criativos, por provocar o pensamento a fissurar o dado. A pretensão em problematizar o nomadismo da Educação Matemática ribeirinha em aulas de uma turma multisseriada de escola ribeirinha do municipal de Barcarena-Pará, passa por encontrar um professor, alunos, o Garinim-Ty, fotoGrafias, paisagens, contAções, imagens, oralidades e ... e ... Vem carregando CARTOgrafias que se agitam em dimensões ética, estética e política, dando voz aos fluxos de força presentes na pesquisa, assim como por meios de imagens – obras de arte e fotoGrafia-devir, uma força, dispositivo de des-territOR/alização do olhar, uma potência do entreLugar, provoca perceptos e afectos para além de uma imagem do pensamento julgador. O texto é composto por quatro Platôs e que dá entrada a um labirinto vivo, movediço, sem ponto de partida e de chegada, e tende a violentar o pensamento de modo que possa sair outros MOVimentos do pensar a existência e de escriturAção. Essa escritura-devir convoca ao leitor a inSurgir, contra a maquinaria do currículo arborescente e a rizomar um pensar em *matemáticas* nas aulas em escolas *RIO*beirinha, nas águas turbulentas e profundas, nas terras secas com pedras sobre pedras e... e...

PALAVRAS-CHAVES: Nomadismo – Filosofia da Diferença – Educação Matemática Ribeirinha – Ciência menor – Currículo nômade.

RESUME

L'éducation mathématique et mathématiques et l'éducation-mathématique et l'éducation mathématique ribeirinha, sont encore imaginés dans le domaine rigide d'un jeu d'échecs, comme si tout s'était toujours commandé par le « Curriculum-royauté », « l'appareil de l'Etat », le segmentaire, celui de la sédentarité. Le texte écriture-vie-machine-de-guerre provoque un essai pour éclater des pensées et des questions troublantes et incessantes : quelle est la puissance de la clandestinité des mathématiques et de l'éducation mathématiques ? Comment enseigner à réfléchir celui qui n'est pas réflexi entre le flux de l'éducation mathématique, les mathématiques et l'éducation mathématique ribeirinha et les mathématiques dans un espace restreint et codifié et décodifié par une armature curriculaire ? Lors que nous ne faisons pas confiance à des certitudes inventées, entre les boules de savon éclate une hypothèse de thèse qui brûle la pensée en s'inscrivant : l'éducation mathématique ribeirinha s'est guidé par un curriculum sédentaire de l'Etat, le nomadisme fait passer, dé-place et invente des résistances. Les écritures sont retardés, quelques fois, par les jeux des échecs et du Go, pas comme une métaphore, mais comme l'armée de guerre pour pousser le texte rhizomatique immanent, dont celui entre le dogmatisme se place, se déplace, se re-dé-place à chaque pensée mathématique fermée (science majeur et mineur), de la philosophie et de l'art. Entreprendre des forces à partir de la philosophie de la différence, d'après Deleuze et Guattari, nos interprètes créatifs, puisqu'ils provoquent la blessure du donnée à partir de la pensée. La prétension en créer un problème à résoudre dans le nomadisme de l'éducation mathématique ribeirinha dans des cours pour un groupe multiple d'une communauté de la ville de Barcarena, au Pará, nous amène à la rencontre du professeur, des élèves, du Garinim-Ty, des photographies, des paysages, des récits, des images, des oralités et... et... Il nous apporte des cartographies qui bougent les dimensions éthique, esthétique et politique, qui donne la voix aux flux de force présents dans la recherche, tout comme à partir des images – oeuvres d'art et photographies de l'avenir, la force, le dispositif de déplacement du regard, la puissance du entrelien, qui provoque des perceptions et affections au delà d'un image d'une pensée qui pourrait juger. Le texte est composé par quatre Platôs et ouvre un labyrinthe vif, mouvant, sans point de départ ou point d'arrivée, et arrive même à violer la pensée tel point de faire sortir des mouvements autres de penser l'existence et l'écriture. Cette écriture-avenir appelle le lecteur à se poser contre la mécanisation du curriculum et à rhizomer une pensée en mathématiques dans les cours des écoles Rivièrbeirinhas, dans les eaux nerveuses et profondes, dans le terrain sec qui coule pierre sur pierre².

MOTS-CLES: Nomadisme. Philosophie de la différence. Education mathématique ribeirinha. Science mineur. Curriculum nomade.

²Tradução de Viviane Dantas Moraes, Professora Doutora em Língua e Literatura francesa do Departamento de Letras na Universidade Federal do Maranhão/UFMA. **Um encontro:** pra ficar! *Rester...*

ABSTRACT

Education Mathematics and Mathematics and Education-Mathematics and Mathematics Education Riverside and Mathematics are still petrified in the chessboard, in which everything moves to the command of the Royals Curriculum, the state apparatus, the segmentary, the sedentary...The writing-life-machine-of-war makes an essay to break the thought destabilizing and incessant questions: What is the clandestine power of Mathematics and Mathematics Education? How to teach to think the unthinking between the flows of Mathematical Education and Mathematics and Mathematical Education and Mathematical Mathematics by an enclosed space codified and decoded by the curricular armature? Distrusting of the invented certainties, between bubbles burst a hypothesis of thesis in the extreme boiling, and inscribes: Mathematical Education Riverside is based on sedentary-state curriculum, nomadism makes pass, deterritorializes and invents resistances. Seeks inspiration in the Philosophy of Difference of Deleuze and Guattari, taking them as creative intercessors, for provoking thought to fissure the die. The pretension to problematize the nomadism of Mathematical Education riverside in classes of a multisite class of riverside school of the municipal of Barcarena-Pará, passes to find a teacher, students, Garinim-Ty, photo- spellings, landscapes, counts, images, orities and... and ... Cartographies that are agitated in ethical, aesthetic and political dimensions, giving voice to the flows of force present in the research, as well as by means of images - works of art and photo-spellings-devir, a force, dispositive of deterritorialization of the look, an inter-Place power, provokes perceptions and affections beyond an image of judgmental thinking. The text is composed of four Plateaus and gives entrance to a live labyrinth, unstable, with no point of departure and of arrival and tends to violate the thought so that it can leave other *MOV*ments of the existence to think and of scripture -Action. This scripture-devir. Calls on the reader to instigate, against the machinery of the curriculum and the rhizome of thinking in mathematics in classes in *RIVER*side schools, in the turbulent and deep waters, in the dry lands with stones on stones and... and...

Keywords: Nomadism - Philosophy of Difference - Mathematical Education Riverside - Minor Science - Nomadic Curriculum

Platô I

Escrita-vida



Desconfiar. Resistir.
Renunciar. A história.

A racionalidade.
Prefereir a diferença.
A singularidade.

O rizoma.
A multiplicidade...

Suspeitar
das ideias pensadas.

Inventar...

Uma vida... adiv... devir...

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos.

Gilles Deleuze, L'Immanence : une vie... , 2002

Uma vida...a vida de todos e de ninguém. Uma vida... Olhar o quê? Para quem? Em toda parte? Em todo momento? Em todas as direções? Aqui passa uma vida imanente³... “Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata” (Deleuze, 2002, p. 14). A vida como um devir, o não-imitar, o não-modelo, a singularidade, a heterogeneidade, a multiplicidade, a invenção, movimentando-se nomadamente, em fluxos turbilhonares que envolveram uma vida...vidas...

Desapegando-se das certezas e verdades que nos toma como refém a cada diálogo com tantooooooooos outros. Ziguezagueando a vida, composta de virtualidades, acontecimentos e singularidades, reagindo a um pensamento da representação da consciência, exponho nestes rabiscos o exercício de intensidades... virtualidade... forjando uma vida... uma escrita de tese... um ensaio borrado em um rascunho com rasuras, riscos... que não quer ficar, quer ser lançado para fora do papel tintado, quer tratar a escrita como um fluxo, não como um código, quer intercessores para problematizar a Educação e Matemática e Educação-Matemática e Educação Matemáticas Ribeirinha e as coisas *no entre...* experimentando a insurgência com os interlocutores filósofos contemporâneos, entre os **irreverentes**: Deleuze e Deleuze-Gauntari e ... e...

³A imanência não se reporta a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas (...). Assim como o campo transcendental não se define pela consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de o conter. Pode-se dizer da pura imanência que ela é *UMA VIDA*, e nada diferente disse” (Deleuze, 2002, p. 12).

Borrões, rabiscos borrados, tinta, perigo...

Coisas se movimentam no meio a trepidações

Em labirintos. Entradas? Saídas?

Desesperada exploro caminhos alagadiços

Na contramão sigo os riscos errôneos

Des**E**ncontros digladiadores solitários fissuram.

Sim ao arrombamento e a violência!

Permitir ser capturada pelo que corta... sangra.

Somos atravessados por uma vida imanente...

Pura potência... beatitude

Bravo! Viva! Resista!

Ensaio borrado, Kátia Gonçalves e...

Então como dar a escrita de uma tese, um devir-animal ou vegetal, um devir-mulher, um devir-molécula, até um devir-imperceptível que está sob o julgo do método arborescente? Como experimentar e inventar uma escrita-vida que se recusa a interpretação, ao pensado, a imagem da representação e quer ser rizomática? Pensar... violentar o pensar para invocar a escrita como algo que burla, que corrói, que destrói, “que aceite a escrita-corpo, corpo-devir, que se abre a contaminação, recusando uma razão limpa e sem falhas” forjando “uma poética de si” e que se potencialize a cada entrada e saída, espedaçando-se em uma escrita-vida (Brito, 2011, p. 245-246). Escrita que carrega a vida imanente, cheia de fabricações de devires e que está sempre no *entre, no meio*. Que *desterritorialize e reterritorialize e des-re-territorialize!* Em que o corpo-escrita é penetrado por um devir-não-escritor... (Deleuze e Parnet, 1998).

Ao estilo Espinosista, foi preciso encontros tristes e alegres, dentre esses, um com aumento no grau de potência no agir, foi com Corazza, Tadeu e povoados, em “Manifesto por um pensamento da diferença da educação” (2003, p. 9), que esbarrou com uma política anarquista arremessada a/os a/norma/is para pensar a Educação, em que o outro se encontra em si mesmo, abrindo-se às outras forças coletivas em recusa “a exterioridade dominadora, cega e limitada pelos laços que a ordem existente pretende nos impor” (Colson, 2001, p. 48-49). Esse registro/mobilização negritam expressões que impulsionam o pensamento a suspeitar das ideias, inclinando-se à divergência, preferindo a diferença à hermética identidade. Levam-nos a ativar a singularidade, a sermos rizomáticos, a celebrarmos as potências da multiplicidade. Ou seja, foge da filosofia da representação⁴ e carrega o pensamento à diferença, a Filosofia da Diferença⁵.

Mas como buscar essa mobilização sem questionar as determinações que são impostas pela ciência maior/régia⁶? Nela estão postos e a postos dispositivos que constituem as leis, as macropolíticas e toda a maquinaria governamental para

⁴ A filosofia da representação, desde Platão, passando por Descartes e atravessando a filosofia moderna, remete sempre à unidade. Daí sua dificuldade de lidar com o outro enquanto outro, pois no limite tudo o que há se reduz ao Uno (Gallo, 2008, p. 8).

⁵ Parte do princípio da multiplicidade e não da unidade e pensa o mundo como múltiplo. Tem o importante conceito que é o de “*fora* ou de *exterior*, como forma de reagir a uma filosofia da consciência que remete à interioridade do sujeito” (Idem., p. 9).

⁶ Ciência maior ou régia codifica, modela fórmulas, cria teorias, aponta resultados, a que aprisiona e emoldura (Deleuze e Guattari, 2012).

que ergam as diretrizes e ordens (e progresso) no âmbito educacional. Impõem-nos: a escritura deve ser assim, a norma é desse jeito, primeiro isso, depois aquilo, não pode conversar com esse e nem com aquele, é preciso respostas, prescrições...

Por isso experimentar uma ciência menor/nômade como máquina de guerra, a que acontece na vivência da sala de aula, no meio, em que se localizam as micropolíticas, na imanência, onde a Educação Matemática pode se movimentar turbilhonarmente e atravessar os corpos docilizados, disciplinados. Para Deleuze e Guattari, “a ciência nômade não é uma simples técnica ou prática, mas um campo científico no qual o problema dessas relações se coloca e se resolve de modo inteiramente diferente do ponto de vista da ciência régia” (2012, p. 36).

Portanto,

estamos diante de duas concepções da ciência, formalmente diferentes; e, ontologicamente, diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia. No limite, só conta a fronteira constantemente móvel (...). Parece que a ciência nômade é imediatamente mais sensível à conexão do conteúdo e da expressão por si mesmos, cada um desses dois termos tendo forma e matéria. É assim que para a ciência nômade a matéria nunca é uma matéria preparada, portanto homogeneizada, mas é essencialmente portadora de singularidades (Idem, p. 35, 37).

Que rede de poder cerca a inquestionável doutrina da Matemática ensinada em âmbito educacional?

A Educação Matemática como máquina de guerra nômade pode criar conexões rizomáticas com outros conhecimentos e outras ciências nas escolas?

Quantas matemáticas cabem na sala de aula
para acoplar ao pensamento do estudante?

O que potencializa a
Educação Matemática
quando atravessada pela Filosofia da Diferença?

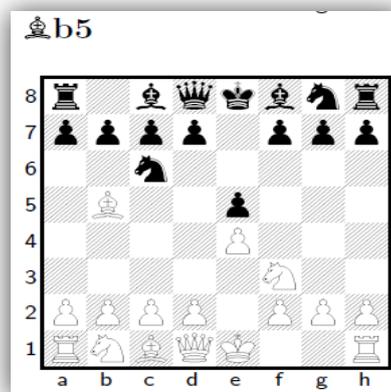
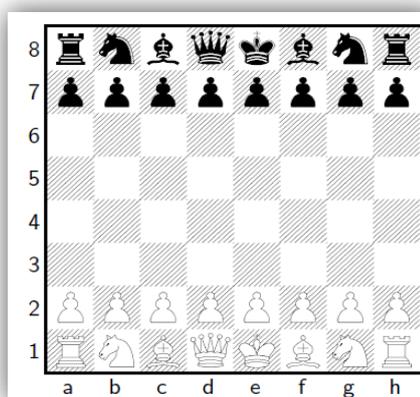
As invenções matemáticas não podem cessar!

É preciso fazer barulhos para pensar no redondo e no círculo – no Sol – na figura teórica/fixa e nas figuras problemáticas/vagas em suas transformações e deformações.

É o que dizer da Educação Matemática que atravessa as marés e chegam aos igarapés – aos ribeirinhos nas escolas?

Ou são os ribeirinhos que atravessam essas águas e cortam a Educação Matemática e a Matemática?

Espaço estriado do Xadrez: matemáticas-forma



Tabuleiro preto e branco, dividido em 64 partes (8 horizontais x 8 colunas). Além de horizontais (linhas) e verticais (colunas). Ah! Têm as diagonais, muito requerida ao longo das jogadas! Toda fixidez para os movimentos e capturas das peças. As estratégias do jogo estão postas em imagens pensada antecipadamente. Aqui o espaço estriado é métrico, para ocupar basta medir, deduzir, admitindo-se o modelo teoremático⁷. Jogada pronta! $2 \times 2 = 4$; $2 \times 4 = 8$ etc. Basta fincar na memória:

Xeque-mate ao rei adversário!

O Xadrez é jogo do Estado que se submete a regras institucionalizadas. Nas jogadas no tabuleiro há previsibilidade, tudo está posto em velocidade relativa, de um ponto a outro em espaço fechado. Lá basta fazer o exercício da reconhecimento – seguir o pensado. As peças no jogo do xadrez já estão codificadas e decodificadas, têm características próprias de onde advêm suas posições e movimentos pré-estabelecidos (rei branco – casa preta), possuem relação biunívoca entre si e com seus adversários. O controle do tempo pelo relógio governa o pensamento. Realeza sempre realeza, sacerdote sempre sacerdote. Capturar uma peça é tomá-la do

⁷É todo esse movimento que a ciência régia se esforça por limitar, quando reduz ao máximo a parte do "elemento-problema", e o subordina ao "elemento-teorema" (A geometria grega está atravessada pela oposição entre esses dois pólos, teoremático e problemático) (Deleuze e Guattari, 2012, P. 27).

adversário deixando o espaço vazio, em que o único objetivo do jogo é dar o “mate” no rei adversário. Afirma Deleuze: “o xadrez é uma semiologia” (2012, p. 14).

No Xadrez – aparelho estatal – não existe guerra, a violência é intrinca aos elementos que o compõe. Assim como no “Currículo Assentado”, o resolvido, em que tudo está posto estabelecido pelos órgãos educacionais e leis que limitam o pensado, “opera individualizações por sujeitos e objetos, forma bons cidadãos, bons saberes, bons valores, fazendo com que tudo, no campo do currículo, fique firme, sólido, estável” (Tadeu e Corazza, 2003, p. 19). Como nos ensina Foucault (2001), “vontade de verdade” é que o está cravado no currículo escolar – na **grade** curricular, Xadrez que aprisiona –, o que retém e toma o uno, a identidade. Ou se tornar a “*A Imagem*, com força gravitacional”, e se deixe

estriar com cintas, muros, aramados, tapumes, de modo que até pode ser compreendida e praticada como sendo de resistência contra a exploração de classe, o monoculturalismo, o fracasso escolar, a exclusão, as dominações de gênero e de raça, embora se trate apenas de uma resistência institucionalizada e regrada, já que suas operações são hierarquizadas e métricas (Tadeu e Corazza, 2003, p. 20).

No que expõem os conteúdos matemáticos, tudo está fixo, os algoritmos são 10 e formam a ‘base fundamental’ das Matemáticas. Existe uma linearidade para a apropriação desses. Carrera (2013, p. 212). conta sobre ‘aquelas’ verdades passadas por gerações: “a Matemática é exata, pois “ $2+2 = 4$ ”, “o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos””, por isso “não é possível criar ou divergir”. São estabelecidos modelos, axiomas, trajetos e que o outro só vai habilitar: $x + 2x = 4$; Bb^5 ⁸ (modelo na jogada do xadrez). A resposta está dada! Matemáticas-forma! Para esse processo Deleuze (2000) apresenta como sendo o modelo da reconhecimento, que está essencialmente enredado na imagem do pensamento. Ele nos mostra ainda que,

não podemos nos contentar em invocar certos fatos contra a imagem de direito do pensamento dogmático. Como para a reconhecimento, devemos prosseguir a discussão no plano do direito, questionando a legitimidade da distribuição do empírico e do transcendental, tal como é operada pela imagem dogmática. Com efeito, parece-nos, antes de tudo, que há

⁸O sistema algébrico de notação é o sistema oficial usado pela Federação Internacional de Xadrez (FIDE) em torneios de modalidade Standard/Pensado. A notação algébrica é de extrema importância no xadrez, pois permite descrever o desenvolvimento de uma partida, para fins de registro e posterior estudo/análise (Melo et al., 2014, p. 24).

fatos de erro. Mas que fatos? *Quem* diz "bom-dia Teodoro", quando Teeteto passa, quem diz "são três horas", quando são três e meia, quem diz que $7+5=13$? O míope, o distraído, a criança na escola. São exemplos efetivos de erros, mas que remetem, como a maior parte dos "fatos", a situações perfeitamente artificiais ou pueris e que dão uma imagem grotesca do pensamento, porque o referem a interrogações muito simples que podem ou devem ser respondidas por proposições independentes. O erro só ganha um sentido quando o jogo do pensamento deixa de ser especulativo para tornar-se uma espécie de jogo radiofônico. É preciso, pois, reverter tudo: o erro é que é um fato, arbitrariamente extrapolado, arbitrariamente projetado no transcendental; quanto às verdadeiras estruturas transcendentais do pensamento e quanto ao "negativo" que as envolve, talvez seja preciso procurá-las em outra parte, em outras figuras que não as do erro (Deleuze, 2000, p. 148).

Erro? Pensamento violentado? Seria necessário usar um número decimal ou registro indicando arredondamento para ser aceito o certo? É cerceado e capturado o pensamento do novo, do diferente que inviabiliza as criações, as aberrações?! As peças só podem pular nos quadrados indicados nas direções \leftrightarrow ou \updownarrow ou \leftrightarrow ou \perp aquelas, as certas! O que é o erro se não possibilidades de invenções. Importa mais pensar na exatidão do resultado ou na mobilização de resultados?

No campo de batalha do tabuleiro enquadado, em que as matemáticas-forma e suas quadraturas em paralelas e formatadas são levadas pela altivez do rei e da rainha e a direção que tomam para erguê-las ou derrubá-las. O Xadrez maquinico tudo está identificado e com suas peças indo ora na diagonal, ora na vertical, ora na horizontal, em que o lance pode ser definido *a priori*: 1.e4 e5 2.Dh5 Bc5 3.Bb4 Cf6 4.Dxf7++9. Nada pode sair dos trilhos esquadrinhado quadrados – pretos e brancos. As **matemáticas-forma** se fortalecem na fragmentação dos quadriculados, na hierarquia que estabelece o *status quo* de cada peça do jogo. Elas estão assim como o número está para ser subserviente a Aritmética: sempre servindo para “dominar a matéria, para controlar suas variações e seus movimentos, isto é, para submetê-los ao quadro espaço-temporal do Estado — seja *spatium* [espaço] imperial, seja *extensio* [extensão] moderna” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 68-69).

O endurecimento das **Matemáticas-forma** é movido pela ciência imperial (ciência régia), mirando sempre manter a característica totalitária, no intuito de constituir um modelo universal. As **Matemáticas-forma** procuram estabelecer

⁹ Um dos mates clássicos na abertura em partidas de iniciantes: Mate pastor- a ideia é atacar o peão débil negro, que se encontra na casa f7 que é defendido apenas pelo rei, de acordo com os seguintes lances (Melo et al., 2014, p. 24).

determinada ordem, obedecendo rigorosamente a princípios epistemológicos, regras e normas metodológicas impostas pela Sua Majestade a Rainha Matemática, pois estão alicerçadas no método científico e em axiomas petrificados. São estritamente egoístas, abocanham da ciência nômade (menor) o “que pode apropriar-se, e do resto faz um conjunto de receitas estritamente limitadas, sem estatuto verdadeiramente científico, ou simplesmente o reprime e o proíbe” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 28).

O espaço estriado e mensurado do Xadrez está delimitado em quadrículos postos em território fixo, em que já se sabe estrategicamente quem será o ganhador da partida já anteriormente pensada pela imagem da representação, da reconhecimento, basta codificar e decodificar as jogada do Exército Estatal. Todos os movimentos dos militares no tabuleiro estão para aniquilar a força do pensamento, mas cada oponente já sabe como se conduzir num espaço milimetricamente traçado.

Seguem a guerrilhar:



A onipotente, passa a revista em todas as fileiras, colunas e diagonais.



O poder, move-se a olhar os pelotões em todas as fileiras!



Leva sua estola se movendo em todas as diagonais, ocupando-se das demências.

Arrasta-se em todas as fileiras e colunas e tem movimento combinado entre o Rei em uma mesma jogada.



É astuto, pula sobre os outros, pode avançar e retroceder no tabuleiro e captura somente na casa de destino. Seu movimento é chamado de “L”. A Lei?



Movimenta-se uma casa de cada vez. Pebleu que pode ser promovido ao surpreender a vossa alteza!

Eles querem subordinar a força da fluidez do espaço liso, o nomadismo que tem peças que deslizam sem limites, itinerantes, ambulantes, movem-se com turbulência, fogem de hierarquias, urgem o problemático, misturam-se...

Nesse espaço, a matéria-fluxo já não é recortável em fatias paralelas, e o movimento não se deixa mais cercar em relações biunívocas entre pontos. Nesse sentido, a oposição qualitativa gravidade-celeridade, pesado-leve, lento-rápido, desempenha não o papel de uma determinação científica quantificável, mas de uma condição coextensiva à ciência(...) (Deleuze e Guattari, 2012, p. 41).

O nômade que problematiza a Matemática em escolas ribeirinhas, na cidades, nas ruas, nos guetos..., simplesmente arrisca e aciona sua máquina de guerra e vibra seu pensar e pergunta(-se):

O que se ensina nas pedras calafetadas com cimento nas cidades, também se ensina nos rios bifurcados e nas terras fofas do campo? O que se quer que o outro saiba? Qual ideal de cidadão, tão explícitos nos projetos políticos pedagógicos escolares que se pretende produzir? O que certifica tal conteúdo matemático e não outro para cada instituição/espaço educacional? Por que não contestamos o rei e rainha – os quais são dotados de uma natureza interior ou de propriedades intrínsecas ao jogo – assim como aos ministérios, as secretarias, aos diretores escolares? Como ensinar a pensar o não pensado entre os fluxos da Educação Matemática e Matemática e Educação Matemática Ribeirinha por um espaço fechado codificado e decodificado pela armadura curricular?

Não há renúncia a esses conhecimentos/conteúdos da Matemática em que a Educação Matemática Ribeirinha coloca em pauta, suscitam-se perturbações para possibilidades de colocar em jogo fluido tais conhecimentos sedentários e estatizados. Escapar dos processos de disciplinarização e de controle, da fixidez de posições instituídas é o que querem o professorado dos Anos Iniciais, pois ficam sempre a mercê das jogadas dos estatutos de uma ciência maior. Educados a registrar a representação da Matemática dos cálculos, das simbologias universalizadas, das formas, das fórmulas/modelos, da aplicação, sem requerer movimento-criação. Como fugir disso e pensar outras coisas em Matemática e Educação Matemática Ribeirinha? O que pode a Matemática e Educação Matemática na escola e na rua e no campo e na

igreja e na casa e...? Qual a potência da clandestinidade da Matemática e Educação Matemática?

Educação Matemática, apesar de se encrencar com aquela Matemática hegemônica e mantê-la banida no fora, também reconhece a importância de um viajar junto a ela, permitindo, assim, o dentro – há algo que as conecta. Sua constituição não estava apenas marcada na repulsa a uma Matemática imperiosa, mas numa aproximação quase amorosa que fez com que fossem questionados, em um dado momento, seus usos nos jogos de verdade e poder (Fernandes, 2014, p.168).

Educação Matemática e Matemática e Educação-Matemática e Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas e... Aqui uma e a outra e outras pretendem andar em bando, em gangues na clandestinidade, uma Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas turbilhonares, movimentando-se em espaço aberto em que “as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 26). Como mobilizar o pensamento fora desse tabuleiro delimitado pela ciência maior já aprisionada pelas regras dos lugares instituídos: campo/ribeirinho ou urbano/cidade?

Uma das estratégias do **Go** possibilita andar pelo espaço liso nômade da escola ribeirinha, por “entre”¹⁰ dois espaços estriados: a floresta com açazais, verticalidade de árvores majestosas, no alto de palmeiras – peconha¹¹ aos pés – a arte de extrair o açáí; nas cidadelas de pedras, horizontalidade, com empilhados de construções e comercializações. Na luta contra o Estado-forma os nômades podem ir guerrear primeiramente contra os camponeses (do interior), depois vão ao embate com os urbanos (da cidade) falando do açáí e/ou dos morangos; do matapi na pesca de camarões ou do comércio empreendedor. A vida da escola vem de batalhas nesses espaços...

¹⁰O “entre” significa igualmente que o espaço liso é controlado por esses dois lados que o limitam, que se opõem a seu desenvolvimento e lhe determinam, tanto quanto possível, uma função de comunicação, ou, ao contrário, que ele se volta contra eles, corroendo a floresta [com açazais] por um lado, propagando-se sobre as terras cultivadas [cidadelas de pedras], por outro, afirmando uma força não comunicante ou de desvio, como uma “cunha” que se introduz” (Deleuze, 2012, p. 60-61). [Grifos *Kátia Gonçalves* e...].

¹¹Laço de corda ou pedaço de saco para que os apanhadores de açáí subam nas palmeiras apoiando os pés ao caule fino do açazeiro com a força de suas pernas e braços para pegar o fruto do açáí.

Mas como toda forma sucumbi ao encontro com a outra força, eis que vem a escola ribeirinha com a Educação Matemática e Educação Matemática Ribeirinha e MATEMÁTICA... O que uma diz da/com a outra? Onde se encontram? Quem dispara a força, o rio-beirinho ao igarapé ou o igarapé à ondulação da maré? Matemática corre para Educação Matemática, Educação Matemática vai ao rio à Educação Matemática Ribeirinha? Ou todas trafegam turbilhonarmente rumo ao oceano, ou é ao igarapé?

Que dizem/pensam dela, a MATEMÁTICA: imPróprio¹²?

Como des-territorializam um nome-adjetivado já territorializado, em que “marca, demarca, institui. Traz limites para dizer o que se é, doméstica”? (Clareto, 2015, p.796). Que poder esse nome com **M** maiúsculo detém, que acaba sendo imPróprio? E a quem e para quê importa esse nome dito e escrito nas alturas?

Ela, considerada a Rainha, a UNiversal, a MAIOR da ciência maior, a MATEMÁTICA, a dos Matemáticos, aquela que coabita junto aos monstros – “*monstros monstruosos e monstros de estimação*” – no “Jardim dos Matemáticos” (Lins, 2009, p.94)¹³, território imexível do Estado, onde praticam a Matemática sem serem importunados, sendo acessível apenas a realeza. Lugar onde os matemáticos olham de monóculos o fracasso de tantos com relação à Matemática escolar, mas “não sabem que não é um fracasso de quem não consegue aprender *embora tente*, e sim um sintoma de *recusa* em sequer se aproximar daquelas coisas. Uma espécie de auto-exclusão induzida” (Idem, p. 95). Prestam serviços às escolas, em que as práticas de poder, as tecnologias do corpo, regime de verdade formatam corpos dóceis, assim como ensina Foucault (Souza, 2009). Desenha-se a “vontade de verdade” que rege a “vontade do saber” (Foucault, 2001, p. 14).

¹² “O nome próprio [impróprio] só vem a ser um caso extremo de nome comum, compreendendo nele mesmo sua multiplicidade já domesticada e relacionando-a a um ser ou objeto posto como único. O que é comprometido, tanto do lado das palavras quanto das coisas, é a relação do nome próprio como intensidade com a multiplicidade que ele apreende instantaneamente” (Deleuze e Guattari, 2014, p. 53).

¹³ Matemática, Monstros, Significados e Educação Matemática, mantém estreita discussão com a “teoria dos monstros” o livro *Pedagogia dos Monstros*, editado por Tomaz Tadeu da Silva, 2000.

Os “*monstros monstruosos*” paralisam os matemáticos, pois estes não entendem como os “*monstros monstruosos*” se movem e por isso não sabem como agir para com eles. Um professor-matemático pode dizer: sei coisas do meu mundo e não do seu! Você nem minha língua sabe falar! “Não estou preparado para o monstro na medida em que ele não me é *familiar*: o encontro com o monstro é o momento propriamente crítico, em todos os sentidos”, assim como o meu encontro com os alunos é embaraçoso (Lins, 2009, p. 104). Sempre que possível deixo os monstros escaparem, ou os mantenho no limbo.

No Jardim do Matemático, onde o Estado-forma controla e estabelecem as leis, os “*monstros monstruosos*” tem fascínio pelo os ensinamentos da Matemática dos Matemáticos, ou será que desejam aquilo (saber dos Matemáticos) que poucos dizem que têm? Lá vivem livres juntos a uma Matemática quase enigmática, desejada, imperiosa, onipotente, perfeita, verdadeira, irrefutável, poderosa, a dos “inteligentes”, toda ‘potência’ de um conhecimento tão requerido! Inebriados pela beleza da Rainha, convocam “*as formas mascaradas da vontade de potência*” dita por Nietzsche no aforismo § 338 de *Vontade de Potência* (2017, p. 120):

1) Desejo de *liberdade*, de independência, e também de equilíbrio, de paz, de *coordenação*. Há também desejo de solidão, de “liberdade de espírito”. Numa forma inferior: vontade de ser, “instinto de conservação”.

2) A *subordinação* para satisfazer a vontade de potência da coletividade: a *submissão*, tornar-se útil e indispensável junto do que detém o poder: o *amor*, caminho indireto para atingir o coração dos poderosos, — a fim de dominá-los.

3) O sentimento do dever, da consciência, a consolação imaginária de pertencer a uma escala superior à dos homens que detêm efetivamente o poder; o reconhecimento de uma categoria hierárquica que permita *julgar* até os mais potentes; a condenação de si mesmo; a invenção de *novas escalas de valores*...

E os matemáticos que passeiam pelo Jardim e instigam a servidão dos seus aprendizes buscando a compreensão da linguagem dos seus súditos, gracejam:

Ah! Vocês meus “*monstros de estimação*”, não sei como se comunicam comigo?! Não nos assustamos um com os outros. Vejo que conseguem ‘entender’ o que defini, por exemplo, sobre função: ao estabelecer que, “‘limite de uma função f é tal e tal”, é isso que “limite de uma função f ” *fica sendo, e isso não se dá por alguma causa natural* (definição descritiva), mas por uma determinação simbólica (definição construtiva)” (Lins, 2009, p. 95). É assim que pode indagar/pronunciar um

professor-matemático a seus monstros que já se aproximam dele ou que tateiam falar a língua do Jardim do Matemático, ou até desvendou alguns segredos tão bem enterrados pelo seu mestre.

Profere-se que a Matemática dos matemáticos é abstrata. É teórica. É difícil. É dos matemáticos... Eles, sempre encontram resposta para as perguntas: São descobertas? Ou são invenções? É pura? É aplicada? Lutam por decretos de legitimação da profissionalização, fortificados pelos muros que guardam o Jardim do Matemático, da realeza inquestionável, do Estado-forma. Mas nessa discussão os “*monstros de estimação*” já sabem articular as linguagens (natural e matemática)¹⁴ dos Matemáticos. O Professor-matemático ao perceber que um, dois, ou três alunos por já dominarem o matematiquês, logo entende que aqueles alunos – os “*monstros de estimação*” – são também um ‘ser especial’, assim como ele! Provavelmente, esse aluno será o dominador/domesticador de monstros, que terá tráfego livre no Jardim do Matemático, lugar em que está a Matemática dos Matemáticos.

Foucault ao ministrar sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, traz em pauta três sistemas de exclusão; “a palavra proibida”, “a segregação da loucura” e a “vontade de verdade”, se detêm na última. Expõe para tanto “procedimentos que permitem o controle dos discursos”, um deles trata de determinar as condições, funcionamento e a imposição de regras, bem como, de quem terá acesso a elas (2001, p. 36). E, em meio a seu discurso apresenta

uma anedota tão bela que teme, seja verdadeira. Ela reduz uma só figura todas as coerções do discurso: as que limitam os seus poderes, as que dominam suas aparições aleatórias, as que selecionam os sujeitos que falam. No início do século XVII, o xogum ouvira dizer que **a superioridade dos europeus** — em termos de navegação, comércio, política, arte militar — dever-se-ia a seus conhecimentos matemáticos. **Desejou apoderar-se de saber tão precioso.** Como lhe tinham falado de um marinheiro inglês que possuía o segredo desses discursos maravilhosos, ele o fez vir ao seu palácio e aí o reteve. **A sós com ele, recebeu lições. Aprendeu a matemática.** De fato, manteve o poder e teve uma longa velhice. Foi no século XIX que houve matemáticos japoneses. Mas a anedota não termina aí: tem uma versão europeia. A história conta, com efeito, que aquele marinheiro inglês, Will Adams, fora um autodidata: **um carpinteiro que, por ter trabalhado em um estaleiro naval, aprendeu a geometria.** Deve-se ver nesta narrativa a expressão de um dos grandes mitos da cultura europeia? Ao saber monopolizado e secreto da tirania oriental, a Europa oporia a comunicação universal

¹⁴ Códigos linguísticos da língua materna criados socialmente, aliado ao sistema simbólico de caráter formal, cuja elaboração é indissociável do processo de construção do conhecimento matemático (Gonçalves e Silveira, 2008).

do conhecimento, o intercâmbio indeterminado e livre dos discursos (Idem., p. 37-38) [Grifos *Kátia Gonçalves* e...].

Os mesmos monstros que guardam e sustentam a Matemática dos Matemáticos, são os que querem escapar com os segredos do Jardim do Matemático e comunicar àqueles que se encontram com a *Matemática da rua*. “É como se o “cientista” da ciência nômade fosse apanhado entre dois fogos, o da máquina de guerra, que o alimenta e o inspira, e o do Estado, que lhe impõe uma ordem das razões” (Deleuze e Guattari, 2012, p.28).

A mente move, remove e pergunta ao pensamento: o monstro que escapa da vanglória da realeza são os que se movem em intensidade de atravessamentos? Que *MOV*imento fazer com os olhos para que as coisas se embaralhem ao ponto de nunca se tornarem uma coisa e sim coisaS que *MOV*imente, um olhar-caleidoscópico?

EduCação MateMática: um *MOV*imento...

EduCação Matemática, *MOVI*-se dentro de *MOV*imentos que mobiliza guetos. Des-territorializa territórios em combate (Clareto, 2015). EduCação + Matemática, territórios, com seus muros e suas estruturas que tende a blindar seus habitantes, estabelecem um dentro-fora, com instituições repletas de regulações que determinam fronteiras enevoadas, um acoplamento¹⁵, e um lutar por devir-território: EduCaçãoMatemática, MatemáticaEduCação, emátiEduCMatcaação... Logo, “um território conquistado demanda manutenção. Guerreiros *da* verdade institucionalizam, criam e reforçam estrias e caminhos” a serem percorridos de seu território. Novamente levantando muralhas ao seu redor (Idem., p. 803).

¹⁵“(No) acoplamento, a conduta autopoietica de um organismo **A** passa a ser fonte de deformação para um organismo **B**; e a conduta compensatória do organismo vivo **B** atua, por sua vez, como fonte de deformação para um organismo **A** (...) e assim sucessivamente, de maneira recorrente até que seja interrompido o acoplamento. Desta maneira, se desenvolve uma corrente tal de interações concatenadas que, ainda que a conduta de cada organismo seja determinada pela sua organização autopoietica, tal conduta é para o outro fonte de deformações compensáveis e, portanto, pode qualificar-se de significativa no contexto da conduta acoplada. Estas são interações comunicativas” (Maturana e Varela, 1997 em Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p. 20-21).

Ciência maior/régia e menor/nômade em combate? Quem é a ciência maior e a ciência menor? Interessa? Estão se aproximando ou se repelindo, com suas peculiaridades voltadas aos status dos conhecimentos e suas áreas de profissionalização? Um cabo de guerra parece ser usado para medir forças. Vontade de poder! Mas que forças serão usadas nessa batalha? Sabe-se que o ganhador é lançado ao chão? Importa saber que a corda só poderá ser puxada e não empurrada? Pensou-se na possibilidade na força de atrito na superfície de contato? Ainda de um lado da corda está a Educação que mobiliza apenas procedimentos metodológicos, estratégias de ensino e a Matemática do outro lado que trata de conteúdos, conhecimentos matemáticos, objetos ora abstratos, ora concretos... E a Educação Matemática quer transitar por entre os aspectos interdisciplinares, didáticos, pedagógicos, sociológicos, filosóficos, históricos, sociais...

Bom ficar à espreita!

Mas e se os deuses não estiverem lá de prontidão, na batalha, para exigir que o desejo do combate eterno não se renda ao sentimento de vitória, à seguridade da vitória? E se os deuses tiverem abandonado o campo de batalha ou tiverem sido expulsos de lá? Resta só a arrogância da eterna vitória e o medo de perder o território conquistado. A polêmica, e a belicosidade da batalha sucumbem ao medo e ao desejo de manutenção do território, da conquista? Resta a manutenção e as forças reativas no comando, vontade de poder negativa (Clareto, 2015, p. 802).

Deleuze e Guattari alerta que, “a ciência maior tem perpetuamente necessidade de uma inspiração que procede da menor; mas a ciência menor não seria nada se não afrontasse às mais altas exigências científicas, e se não passasse por elas” (2012, p.208). Portanto, “não é Matemática, não é Educação, ao mesmo tempo em que atravessa uma, outra e ambas. É multiplicidade de atravessamentos” (Clareto, 2015, p.798-799). Mas, o Jardim do Matemático deixará de existir? Precisar ser invadido ou abandonado pelos monstros? Nesse contexto é preciso aprofundar o estranhamento entre a Matemática do Matemático e a Matemática da Rua/Rio, pois é lá que circulam os monstros – *monstros monstruosos* e *monstros de estimação*. E a Educação? Sempre esteve com os monstros? Lins ao comentar sobre “A Cultura dos Monstros: Sete Teses” de Jeffrey Cohen do livro *Pedagogia dos Monstros apresenta* a sétima tese e última, grifando sobre “o monstro está situado no limiar... do tornar-se”.

Torna-se o entendimento de que apenas na aceitação do monstro enquanto monstruosos *para mim* é possível o *tronar-se*, não como substituição do antes errado pelo agora correto, mas como a aceitação da *diferença* e a possível admissão do *diferente*. O monstro monstruoso pode tornar-se de *estimação*, mas isso não quer dizer que eu queira viver lá onde ele mora; mais importante, isto talvez me leve a entender que esta experiência da diferença e do diferente quer dizer que o outro – o aluno – poderia estar em meu lugar anterior, o de ver monstros monstruosos onde eu – professor – vejo monstros de estimação” (Lins, 2009, p. 112).

Educação Matemática no desejo¹⁶ de *tornar-se em* Educação Matemática, e a necessidade dissimétrica¹⁷ de passar do liso ao estriado e do estriado ao liso, *MOV*mentar-se:

Educação = Matemática

Educação + Matemática

Educação - Matemática

Educação + - Matemática

Educação > Matemática

Educação < Matemática...

Educação ≠ Matemática...

Contudo, ambos estão ligados, se relançam. Nunca nada se acaba: a maneira pela qual um espaço se deixa estriar, mas também a maneira pela qual um espaço estriado restitui o liso, com valores, alcances e signos eventualmente muito diferentes. Talvez seja preciso dizer que todo progresso se faz por e no espaço estriado, mas é no espaço liso que se produz todo devir (Deleuze e Guattari, 2012, p.208).

Mesclar o que é misturado, multidão dentro-fora de pessoas, aglomeração dentro-fora de profissionais. Um povoado, um bando que, lançam-se aos perigos... A Educação Matemática pode dizer: “Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de

¹⁶“Criar mundos, construir modos de estar, ser, experimentar os verbos da vida (amar, trabalhar, pesquisar, viver, pensar...) em conexão direta com os mais diferenciados elementos de seu entorno e suas infinitas possibilidades de montagem” (Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p. 67). Deleuze diz em Diálogos que, “o desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões e agenciamentos” (Deleuze e Parnet, 1998, p 64).

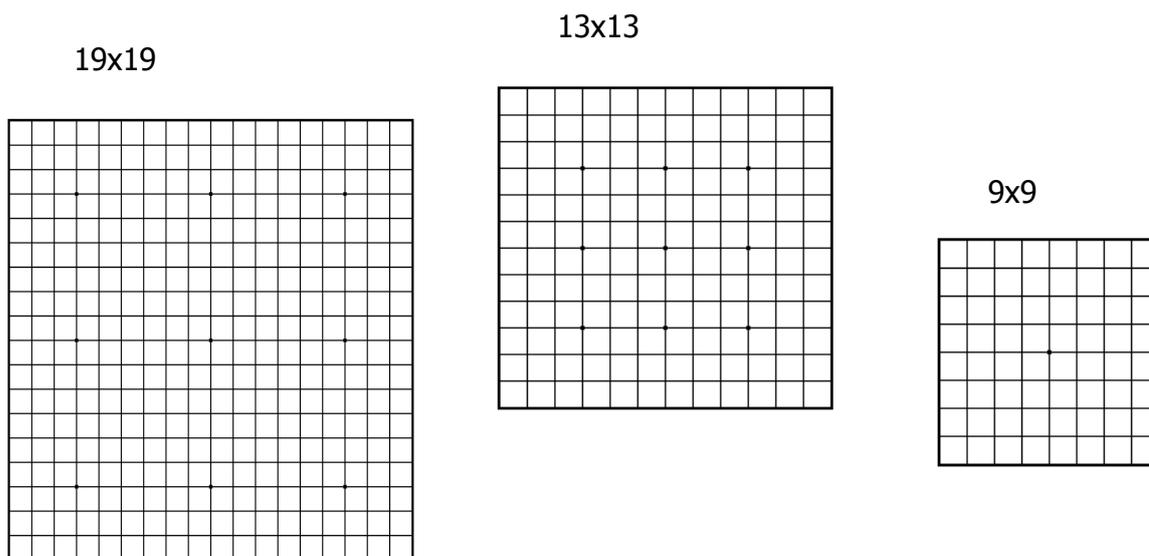
¹⁷ Discussão em Mil Platôs – V, sobre ciência nômade dos espaços lisos e ciência régia dos espaços estriados em *Modelo matemático* (Deleuze e Guattari, 2012, p. 203-211).

faunas e floras” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 10). E essa junção de tribos – com tantos pensamentos explodindo/colidindo – pode de Formar uma nação tribal.

MATEMÁTICA e Educação Matemática e Educação Matemática Ribeirinha, espaços-força em que o pensamento se torna máquina de guerra que ataca, avança – territorializa e desterritorializa... Mas será preciso destituir as referências, como quem atira uma pedra por uma máquina de guerra! Partir da velocidade absoluta do meio, dos acontecimentos, das singularidades, das subjetividades. Jogar as pedras a movimentos em devires, sem vislumbrar passado e nem futuro, apenas aproveitar o surgimento da geografia e nela se espalhar como na jogadas do **Go**.

No jogo **Go** as estratégias vão sendo pensada a cada jogada no tabuleiro posto: os enfrentamentos dependem do tabuleiro escolhido? O que interessa: fixar no território, sair dele ou se movimentar? Escapar das formas-quadráticas do jogo do xadrez ou se curvar cansadamente como súditos a Sua majestade?

Os processos políticos e micropolíticos podem nos levar experimentações de vida, quando há ausência de imagem, assim como diz Deleuze em “Diferença e Repetição” (2006). Cabe enfrentar, insurgir em qualquer metragem¹⁸ do tabuleiro **Go**, contra as formas-quadráticas dogmáticas (as verdades), a identidade, a semelhança, a representação... Alerta para as ficções! Para as verdades! Toda verdade e todo conhecimento – o idêntico – não deixam de ser ficção!



¹⁸Os tabuleiros tradicionais de Go possuem 19 linhas na horizontal e na vertical. Os iniciantes em geral jogam em tabuleiros menores, com 9 ou 13 linhas. Mas também se joga nos tabuleiros menores quando se quer um jogo mais rápido. No Go existem as pedras Brancas e as pedras Pretas. Um jogo oficial tem 180 pedras Brancas e 181 Pretas.

As linhas desenhadas no tabuleiro **Go** vão para além de formarem os cruzamentos, mostram a continuidade de uma pedra, um território de passagem. Logo, durante uma jogada de **Go**, uma ou mais pedras podem ser capturadas ao serem completamente cercadas, ou seja, ao serem preenchidas todas as suas liberdades. “Algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (Larrosa, 2002, p. 24).

Então o que importa são as jogadas com pedras que deslizarão para uma territorialidade sem um Eu=**Sujeito**, preso a uma identidade, a um passado-presente, a uma codificação do “eu-ser”. Para isso Deleuze e Guattari (1995, p. 85) advertem:

**um *SUJEITO* nunca é condição de linguagem
nem causa de enunciado: NÃO existe
SUJEITO. mas somente AGENCIAMENTOS COLETIVOS
DE ENUNCIÇÃO. sendo a subjetivação apenas um
dentre eles. e designando por isso uma
formalização da expressão ou um regime de
signos. não uma condição interior da
linguagem.**

○ Sujeito não existe.

○ Sujeito é um efeito da linguagem.

do discurso.

do texto.

da gramática

de uma ilusão.

de uma interpelação.

da enunciação.

dos processos de subjetivação.

de um endereçamento.

de um posicionamento.

da história.

da *différance*.

○ Sujeito é uma derivada.

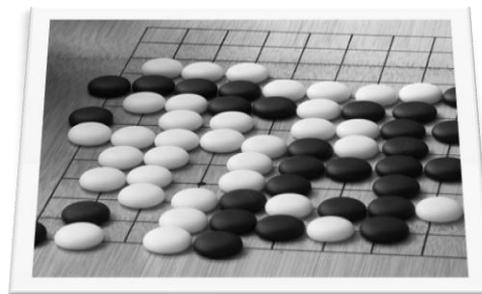
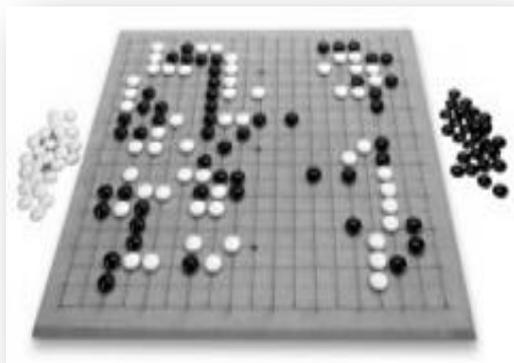
é uma ficção.

é um efeito.



Composições. Corazza & Tadeu (2003, p.11).

Espaço liso do Go: matemáticas-deseducadas



A cada jogada um novo jogar, uma outra estratégia, um outro *MOV*/mento-invento, um outro ritmo, espaço-tempo é encaminhado pelo pensamento! A exterioridade em voga! O tabuleiro é o deserto sem imagem e suas pedras vão territorializar, desterritorializar, reterritorializar ao oponente e a elas próprias. Dos guerreiros tudo se espera, são mercenários, opõe-se ao aparelho de Estado (a irrefutabilidade), como máquina de guerra só pode ser de bandidagem. Avançam, guerreiam, sangram... retomam, voltam a lutar! Ou deixa morrer!

Lança-se o convite a uma partida do jogo **Go**¹⁹, para dizer dos estilhaços. O jogo virá com armas de guerra que atravessarão com flechas ou lanças os corpos do devir-mercenário. No jogo/ar d/as pedras (brancas ou/e pretas) vão surgir movimentos que às entrelaçam, que ora vão existir-subsistir, onde haverá provocações da pela ferocidade do pensar. Os territórios serão mapeados, estrategicamente, sem afrontamento e retaguarda, para distribuir num espaço aberto-liso²⁰, ocupando-o, visando expandir ou invadir o território do oponente. Serão observados as possibilidades de surgimento dos pontos, pois o movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se constante, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada, indo na direção das liberdades de cada jogada. A problemática move as pedras!

¹⁹ Go é um jogo que, a pesar da simplicidade de regras é extremamente complexo em termos estratégicos. É um jogo antigo de tabuleiro e acredita-se ter surgido na China. Para jogar necessita-se de dois jogadores, das pedras Brancas e as pedras Pretas, de um tabuleiro quadrado, o qual é constituído pelo cruzamento de linhas verticais e horizontais. Habitualmente o tabuleiro tem a dimensão de 9x9, 13x13 ou 19x19, sendo este último o tamanho oficial para jogos de torneio. Um jogo oficial tem 180 pedras Brancas e 181 Pretas. Ao contrário dos outros jogos de tabuleiro, no Go, cada jogada é efetuada nas intersecções das linhas. Ganha o jogo quem conquistou mais territórios (Go, 2014).

²⁰Ocupa-se do espaço sem medi-lo. Em um modelo hidráulico da ciência nômade, toma um espaço aberto em que os efeitos do movimento turbilhonar podem aparecer em qualquer parte (Deleuze e Guattari, 2012).

A máquina que

aniquila, esmaga

é a máquina

QUE PROVOCA, AFETA

A que triturou, fissurou

fez outras coisas e... muitos

Pedaços que

Não

se re-Compõem

*Mas de-Compõem **eStilhaços**, outros...*

Que levam a saltitar, bailar...piruetar...

Dos eStilhaços, Kátia Gonçalves e...

Não basta torcer por vencedor, pedras **P**retas ou pelas **B**ranças. Vibra-se com a capacidade de seus *MOV*imentos incessantes! As pedras se entrecruzam/entrecruzarão em momentos distintos, em jogada e pós-jogada. Interessa caminhos que serão percorridos pela relva *entre* os grandes impérios, onde os vagantes se espalharam. Uma Educação Matemática Ribeirinha *pode ser localizada no deserto, onde o nômade faz sua casa com posições instituídas pelas aprendizagens (em matemáticas) que se deseje experimentar?*

Educação Matemática Ribeirinha: *nomes próprios que não designam pessoas, mas marcam acontecimentos*²¹

Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um ziguezague, algo que passa ou que se passa entre dois [três] como sob uma diferença de potencial: "efeito Compton", "efeito Kelvin". Dizíamos a mesma coisa para os devires: não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois [três], já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois [três], que tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a-paralela (Deleuze e Parnet, 1998, p. 06).

A Educação Matemática Ribeirinha é a experimentação de um ziguezagar, é passar pelo desejar em meio a acontecimentos, gozar da velocidade e lentidão de partículas, os *dE*afetos, intensidades e hecceidades em aumento e diminuição de potência que as compõem. Desejo! Nietzsche o chamava *Vontade de potência*. Não é o desejo de se tornar algo que falta, mas acoplar o que tem e ativar outras coisas... *Nomes próprios, infinitivos-devires.*

Aqueles a quem [o desejo] falta realmente não têm qualquer plano de consistência possível que lhes permita desejar. São impedidos de mil maneiras. E no momento em que constroem um, não lhes falta nada nesse plano, a partir do qual eles partem como conquistadores para o que lhes falta fora. A falta remete a uma positividade do desejo, e

²¹ Diálogos/entrevista entre Deleuze e Parnet: "uma coisa, um animal, uma pessoa só se definem por movimentos e repousos, velocidades e lentidões (*longitude*), e por afetos, intensidades (*latitude*). Já não há formas, mas relações cinemáticas entre elementos não formados; já não há sujeitos, mas individuações dinâmicas sem sujeito, que constituem agenciamentos coletivos" (1998, p. 75).

não o desejo a uma negatividade da falta. Mesmo individual, a construção do plano é uma política, ela engaja, necessariamente, um "coletivo", agenciamentos coletivos, um conjunto de devires sociais (Deleuze e Parnet, 1998, p. 75).

Nesse plano o *Jardim do Matemático* com a realeza, a Matemática do Matemático, e a plebe, a Educação, serão afetados por aqueles – *Monstro Monstruosos* e *Monstros de Estimação* – que escaparam pelas brechas do muro? Conseguirão eles sobreviver com a Matemática da Rua/Rio, dos asfaltos e dos igarapés? Aqui a vida pode ser expandida pela força na potência do agir e se deixar transmutar pelas invenções dos agenciamentos. Parafraçando Clareto (2013), a Educação Matemática Ribeirinha, brota pelo meio da Educação Matemática, que por sua vez também começou pelo meio da **MATEMÁTICA**. Desde que a **MATEMÁTICA** foi inventada, há um movimento belicoso da Educação Matemática em relação a **MATEMÁTICA**, contudo a Educação Matemática ainda se curva ao esplendor da árvore-real, mas algo escapa, vaza...

Ciência maior + ciência Maior + ciência menor = ciência_{mmeenno}**Orrr**,

ciência nômade, *o entre, o meio* – dotado de tal velocidade –, um fora, é lá que brotam pela estepe as ervas daninhas, entre as pedras das ruas. Pela relva, rasteiramente o mato espinhento se alastra rizomaticamente, por espaço liso, em fluxos turbilhonares. Mas, Deleuze adverte que, mesmo a ciência cada vez mais, sendo como “a grama, no meio, entre as coisas e entre as outras coisas, acompanhando a fuga delas (é verdade que os aparelhos de poder exigirão cada vez mais uma reordenação, uma recodificação da ciência)” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 55).

Em ciência menor, criam-se linhas de fuga e se forjam novas armas em um movimento de territorializar e desterritorialização e... É assim, “uma linha totalmente outra, a dos nômades que saem da estepe, empreendem uma fuga ativa e fluente, levando por toda a parte a desterritorialização, lançando fluxos cujos quanta se aquecem, acionados por uma máquina de guerra sem Estado” (Deleuze e Guattari, 1996, p.95).

não têm nem passado nem futuro, têm apenas devires, devir-mulher, devir-animal, devir-cavalo: sua extraordinária arte animalista. Os nômades não têm história, têm apenas a geografia. Nietzsche: "Eles chegam como o destino, sem causa, sem razão, sem respeito, sem pretexto..." Kafka: "Impossível compreender como eles penetraram na capital, entretanto, eles estão lá, e, a cada manhã, parece CRESCER seu número..." Kleist: Elas estão chegando, as Amazonas, e os gregos e os troianos, os dois germes de Estados, acreditam que elas são aliadas, mas elas passam ENTRE os dois e, durante sua passagem, derrubam os dois sobre a linha de fuga... Félix e você, vocês lançam a hipótese de que os nômades teriam inventado a máquina de guerra. O que implica que os Estados não tinham tais máquinas, e que o poder de Estado estava fundado sobre outra coisa. Será uma tarefa imensa para os Estados tentar apropriar-se da máquina de guerra, fazendo dela uma instituição militar ou um exército, para voltá-las contra os nômades. Mas os Estados sempre terão dificuldades com seus exércitos. E a máquina de guerra não é, a princípio, uma peça do aparelho de Estado, ela é uma organização dos nômades, à medida que eles não têm um aparelho de Estado (Deleuze e Parnet, 1998, p. 26-27).

A ciência menor em que os nômades atravessam entre a estepe, com pensamento informe e que, por isso mesmo, não se presta jamais a servir ao Estado-forma, vivem em devires, não para evoluir, mas involuir: nem regredir, nem progredir, tornam-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado. São minorias-infinitas...

vazios... Porque “os vazios são **maiores** que os **cheios** e até infinitos”, aqui Manoel de Barros nos blinda, em um devir-criança, em primar mais do vazio, do que do cheio. O que faz pensar o **VAZIO**?

...“**Leves**” não numeráveis, não axiomatizáveis, em suma,
essas “massas”, essas **multiplicidades de fuga** ou de fluxo (...)
conjunto numerável infinito.

É próprio da minoria fazer valer a **potência do não-numerável**, mesmo
quando ela é **composta** de um só membro.

É a fórmula das **multiplicidades**.

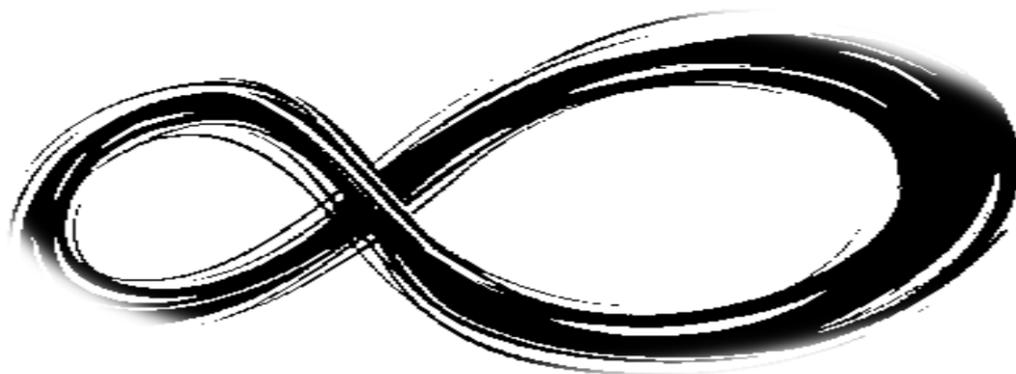
Minoria como figura universal, ou **devir** de todo o mundo.

um devir **mulher de nós todos**, quer sejamos masculinos ou femininos.

um devir **não-branco** de nós todos,

quer sejamos brancos, **amarelos** ou negros...

(Deleuze e Guattari, 2012, p.187)



Potência-**nô**Made Kátia Gonçalves e...

Em Mil Platôs V, na Proposição XIV Axiomática e Situação Atual, Deleuze e Guattari, destacam os caracteres axiomáticos que levam a afirmar o capitalismo e política atual a “ser uma axiomática”. E para isso elencam sete tópicos, e dentre eles trata no ponto 4. Potência, descrevendo sobre os efeitos da máquina de guerra e no ponto 6. Minorias, grifa dizendo que,

a potência das minorias não se mede por sua capacidade de entrar e de se impor no sistema majoritário, nem mesmo de reverter o critério necessariamente tautológico da maioria, mas de fazer valer uma força dos conjuntos não numeráveis, por pequenos que eles sejam, contra a força dos conjuntos numeráveis, mesmo que infinitos, mesmo que revertidos ou mudados, mesmo que implicando novos axiomas ou, mais que isso, uma nova axiomática. A questão não é de modo algum a anarquia ou a organização, nem mesmo o centralismo e a descentralização, mas a de um cálculo ou concepção dos problemas que concernem aos conjuntos não numeráveis, contra a axiomática dos conjuntos numeráveis. Ora, esse cálculo pode ter suas composições, suas organizações, mesmo suas centralizações, mas ele não passa pela via dos Estados nem pelo processo da axiomática, mas por um devir das minorias (2012, p.187-188).

As minorias são sempre excêntricas: “bandos, maltas, massas, que procedem não por referência a centros de poder, mas por difusão móvel de prestígio”. Essa gangue mal-afamada “não pensa do mesmo modo, nem se deixa recrutar como mão-de-obra forçada, porque ela viaja, nem que seja no mesmo lugar, enxameia, rói, gafanhoteia” (Corazza e Tadeu, 2003, p 30-31), voa e metamorfosea como as libélulas, abusa das velocidades e movimentos e... mantem-se na clandestinidade.

A Ciência nômade tem uma predominância aos vazios; ao desconforto e estrangulamento do *meio*; não quer a numerosidade e a infinitez, mas o inumerável, a minoria “e” maioria, e o que dessa conexão lhe escapa constitui uma linha de fuga. Uma ciência do acontecimento, que segue fluxos, produz explicações do vivido, repete o diferente, cuida das insignificâncias, das inutilidades; não se deixa fixar, e muito menos ser tomada pelo currículo estatal, das modelações do que ‘deu certo’ no experienciado. Movimenta-se por entre-espaco e espaco-tempo criando currículos outros, opondo-se às leis e imposições do Estado, sendo inventada e desReinventada a cada piscar... ..isso, errante, marginal, inconstante, versátil, vagante, andarilho, corre rios afora, circula mundos, lança-se vetorialmente, a medida que os trajetos vão se fazendo, desfazem-se antes mesmos que se tornem negritado (Corazza e Tadeu, 2003).

Educação Matemática Ribeirinha, ciência menor, com sua máquina de guerra está à beira das margens, no trapiche, onde o ribeirinho *Ri*, dá gargalhadas ecoadas, zomba da **Ciência Maior** – a repressora, sedentária, régia, estática, a provocadora da potência criadora e das insurgências da ciência menor.

No entanto, a ciência menor, nômade, marginal, vagabunda em relação à ciência imperial, não sobrevive de migalhas dos aparelhos de poder ou mesmo não é desconhecadora do que passa na ciência maior. Negam-se a esmolas científiquês porque não carecem de reordenação de uma recodificação da ciência-verdade. “Ficam à margem porque não têm nenhuma pretensão de obter o mesmo estatuto conferido” a imperialidade de tal ciência. Principalmente porque a ciência menor/nômade “é uma “ciência” que diverge profundamente da lógica de organização e funcionamento das *ciências maiores*” (Duarte e Taschetto, 2013, p.113).

A Educação Matemática Ribeirinha,



é assim, uma ciência viajante, está em muitos lugares, não tem fronteiras para ela. Uma potência ativa e passiva gótica, talha nos elevados das pedras por esquadrejamento, invocam sensações por escultura, na sujidade das cores, foge do decalque, dotada de uma vontade de construir, o não reproduzir. Dita por Deleuze como a ciência que se apresenta tanto como arte, quanto como técnica e segue as conexões entre singularidades, multiplicidades virtuais²².

²²“Aquilo que chamamos de virtual não é algo ao qual falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria”. Exemplifica: “uma ferida se encarna ou se atualiza em um estado de coisas e em um vivido; ela própria, entretanto, é um puro virtual sobre o plano de imanência que nos transporta em uma vida” (Deleuze, 2002, p. 16).

Os igarapés, os rios, não são travessias... são ramificações
sínuosas...

Marear nas embarcações desEquilibra os sentidos e eLeva a um
itinerário sem condutos e nem canais, apenas fluxos...

O pensamento nômade vagueia no limiar das desConstruções...

Sim, vem do encontro com o impensável, com o imprevisito,
procura ruídos e ruínas, mergulha nas insignificâncias, no sinuoso
e nas incertezas...

Na destruição inventa, faz, desFaz, faz... talha coisas grotescas!

Desterritorialização incessante...

é o que fazem os RIObeirinhos! Ri, SorRir...

Eles atam suas baladeiras na calmaria, mas com máquinas de
guerras a postos contras os aniquiladores das alegrias!

No labirinto florestal, o menor desvio é o liso...

Vontade criadora! Vontade de amor! Vontade de vida!

Acolhe a Morte e retorno das chamas que se lançam às descidas
dos rios.

Cria uma cadeia infinita entrelaçada ou não, entre os fluidos
correntes, as águas: mar, rios, riacho, igarapés, córregos...

Vida... transporta acontecimentos virtuais... um sorRiso, um piscar,
um olhar, um apontar...

Atualiza-se... Atravessa uma Vida imanente... Pura Potência!

Menor Ri

Kátia Gonçalves e...

Educação Matemática Ribeirinha não se aparta da MATEMÁTICA e da Educação Matemática, ela quer se misturar em metamorfose incessante de um *devenir-libélula*, em velocidade absoluta, não pela velocidade constante do bater as asas e rapidez que atinge um ponto a outro, mas a capacidade da lentidão e da imobilidade *no entre*²³ os pontos. Com um olhar multifacetar e caleidoscópico provoca acidez no pensamento que produz movimento de fuga. Em insignificante pequenez se mobiliza por “desterritorialização simultânea”²⁴. A ziguezigue se alastra e prolifera com abundância, são carnívoras e se excita entre vida-morte, para um infinito re-começo. O espaço que guerreia é o liso dos fluidos, as águas tórridas, mas odeia o que ameaça e infecta a vida.

Educação Matemática Ribeirinha *ou* MATEMÁTICA Educação *ou*

Matemática = ?

Ela ou Ela ou Ela = ?

É preciso lutar contra Ela ou Ela ou Elas e inventar a gagueira e... e...

Matemáticas-Deseducadas as que invadem, alastram-se, adentram sem pedir permissão... São rizomáticas, pois admitem ser tomadas pela concepção rizomática de conhecimento, numa visão de transversalidade²⁵ em que assinala para o reconhecimento da pulverização, do embalhamento, para a atenção às diferenças, construindo possíveis travessias para a multiplicidade dos saberes. Como gladiadoras, encaram o poder hierárquico e posicionam máquinas-resistência para atuarem nas arenas-escolas, nos enfrentamentos, sem permitirem que os ferimentos

²³“O meio [entre] nada tem a ver com uma média, não é um centrismo, nem uma moderação. Trata-se, ao contrário, de uma velocidade absoluta”, um ziguezague que desliza “entre”, um estilo. Uma velocidade é tomada por um devir. “O movimento já não vai de um ponto a outro, ele se dá, antes, entre dois níveis como em uma diferença de potencial. É uma diferença de intensidade que produz um fenômeno, que o solta ou o expulsa, o envia para o espaço” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 26).

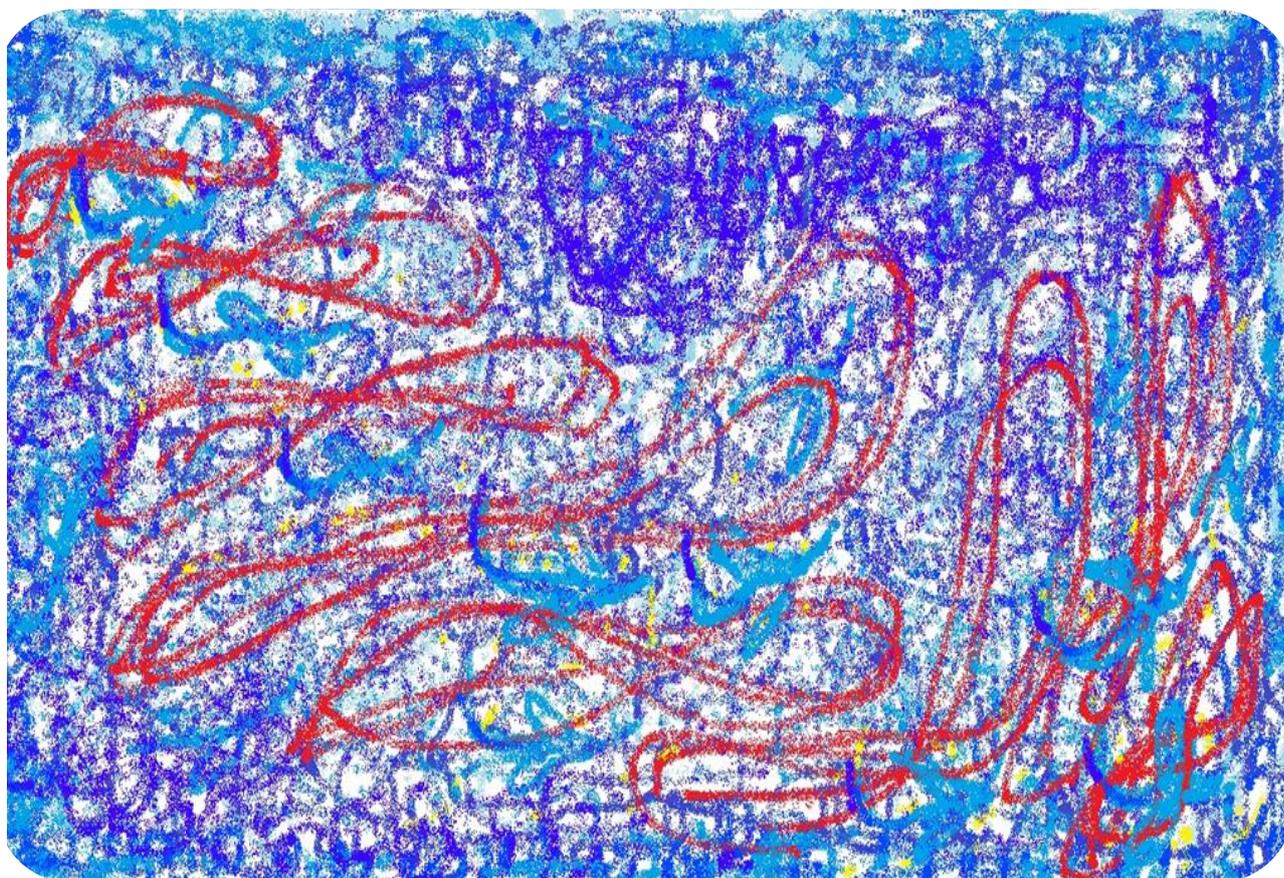
²⁴A “desterritorialização simultânea, embora de outros pontos de vista, pode-se dizer que ela não afeta menos a terra: libera uma pura matéria, ela desfaz os códigos, carrega as expressões e os conteúdos, os estados de coisas e os enunciados, sobre uma linha de fuga em ziguezague, quebrada, ela eleva o tempo ao infinitivo, extrai um devir que já não tem termo, porque cada termo é uma parada que é preciso saltar”(Idem., p. 59).

²⁵“Movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze e Guattari, 2014, p.36).

sangrentos lhe tomem a vida, levando-as aos túmulos sagrados dos obedientes oprimidos.

Arriscam-se em puxar as folhagens da arborescência para arrastar até a estepe em uma poética quando forjam a lâmina das espadas para guerra. Neste plano, o conhecimento-saber “pode se acoplar, se agenciar, se repelir e se compor de múltiplas, diferentes e inusitadas formas, pois experimentar é produzir atos cujo efeito se desconhece *a priori*” (Fonseca, Nascimento e Maraschin, 2012, p.49). São minorias esdrúxulas: gangues, matilhas, bandos... mal-afamados... Porém não se reverenciam aos centros de poder. Pulsam incessantemente por criações em *devir-libélula*... para arrobar o pensamento, negando-se a não reprodução das normas cadavéricas e repulsiva que chamam de inovadoras.

Êsa e Êsa e Êsa e... e... e...



Agres Libélulas fendas-infinitas Kátia Gonçalves e...

Educação Matemática Ribeirinha e MATEMÁTICA e Educação Matemática e... e... *Matemáticas-Deseducadas* e...

Ela não têm exigências, a *Matemáticas-Deseducadas*,

vão com tudo e a todos os cantos, assim como o jogo **Go**, pode ser jogado com botões, feijões, sementes de todas espécies, gigantes com minúsculos, cientista ou maquinista..., pois o jogar é pura estratégia! Está em voga o mobilizar do pensamento para a captura das peças do adversário quando são colocadas em relação umas com as outras. Para cercar, avançar, recuar, perder liberdade, conquistar... Uma só peça – branca ou preta – quando colocada de maneira estratégica na interseção do tabuleiro, pode capturar diversas peças do adversário, conquistando em travessias territórios, sem sequencias pré-estabelecidas. O jogo tem uma regra chamada *Ko* que diz: *não se pode repetir a mesma posição no tabuleiro*, justamente para impossibilitar o pensamento imóvel, o já o pensado.

O espaço nômade no **Go** pode ser um lugar que se territorializa e desterritorializa, onde o fora é um espaço territorial e se consolida a esse mediante a tomada da liberdade do território adjacente. No jogo é emergente “desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte...” Outra justiça, outro movimento, outro espaço-tempo (Deleuze e Guattari, 2012, p.14). Outro mover, move-se por mover-se, margeando, cercando, aniquilando o que o tangencia, atravessa o espaço “liso” do Go.

Nesse jogo as liberdades²⁶ envolvem as pedras, liberdades que fogem para todas ou nenhuma direção. E é essa liberdade que aparece e desaparece, a que transita nomadamente e que também atravessa o deserto de uma vida. Aqui o fluxo desta escritura seguirá povoada, que entrarão e saíram de maneira labiríntica, de

²⁶As pedras são colocadas nas intersecções das linhas e não dentro dos quadrados do tabuleiro. Uma pedra colocada numa intersecção no meio do tabuleiro tem 4 liberdades, na borda tem 3 liberdades e no canto tem 2 liberdades. As pedras pretas ou brancas podem capturar e serem capturadas e se tornarem prisioneiras de guerra. Regras e Explicações-<http://jotabrasil.com/wp-content/uploads/2014/12/Apostila-completa.pdf>.

uma solidão com muitos e uma Educação Matemática em escola Ribeirinha, podendo ser afetado pelo grau de “potência de agir” (alegria aumenta a potência, tristeza diminui a potência) em sala de aula com estudantes e um professor de turma multisseriada²⁷ na beira do rio, pelos igarapés em que os acontecimentos trepidavam (Pelbart, 2008)

Proporcionar para os nossos alunos aprenderem a pensar, nós precisamos enquanto escola ensinar eles a aprenderem a pensar, a defender as suas ideias, e eu me preocupo muito com isso. Por exemplo, se a nossa geração, se nós soubéssemos pensar, o nosso país não estava nessa situação.

Isso que lá estava, por entre a mesa que escapava do furo no piso, papéis bifurcados, voz balística de um professor de crianças de olhos acesos e falantes! Seria outra maneira de pensar sem ativar a reconhecimento²⁸?

Vale lembrar então de Corazza e Tadeu (2003) quanto conduz em uma noologia do pensamento curricular e mexe uma diversidade tipológica de currículos vagamundos. Ao mover o “currículo-dançarino” e louco, aquele que guerreia contra as forças econômicas e políticas, os centros de poder, a forma e essência do “currículo-Assentado”, que tenta o condenar e banir, não o aprisionará, pois mesmo que os

fluxos sejam canalizados para condutos e diques, ele se precipita, volta a jorrar, transborda, vaza, flexibiliza as distinções binárias, ternárias e sintéticas, toma o espaço livremente em um campo heterogêneo e afecta os seus pontos, todos eles se revezando e ramificando, encadeando-se extrinsecamente, para se tomarem vetores de transformação (Idem., p. 21).

Sim a liberdade que mais atrairá será aquela do centro do tabuleiro, ela é vetorial tem mais possibilidades estrategistas e de viradas, pois sairá do *meio*. “Chegar a essa sobriedade, essa simplicidade que não está nem no início nem no fim de alguma coisa” não chegará aos ouvidos de tantos da academia com apreço como se espera, do contar de uma professora que passeou por entre escolas em mar aberto, rios e furos. Não quer contar o que viu e sim espantar as moscas! Quer

²⁷ Essa nomenclatura oferece resistências nas instituições estatais e aqui nas escrituras mantereí simplesmente a palavra.

²⁸ “A reconhecimento se define pelo exercício concordante de todas as faculdades sobre um objeto suposto como sendo o mesmo: é o mesmo objeto que pode ser visto, tocado, lembrado, imaginado, concebido” (Deleuze, 2006, p. 194)

“involuir e estar "entre", no meio, adjacente” como nômades que estão sempre no meio, que não têm nem passado nem futuro, não têm história, têm apenas a geografia; “têm apenas devires, devir-mulher, devir-animal, devir-cavalo: sua extraordinária arte animalista” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 25-26)

Os abalos dos pensamentos dessas liberdades vêm com a potência nômade e velocidade absoluta, uma máquina de guerra. O deslocamento será em sentido contrário ao modelo do aparelho de Estado, a representação do pensado, a ídolos ou a imagens que pesam sobre o pensamento tenebroso.

Ontem, hoje... amanhã não importa. Vale a força das experiências convocada pelas linhas de fuga a partir da minha, tua, nossa máquina de guerra. Nesse sentido, a máquina de guerra não tem, de forma alguma, a guerra como objeto; “tem como objeto um espaço muito especial, *espaço liso*, que ela compõe, ocupa e propaga. O nomadismo é precisamente essa combinação máquina de guerra-espaço liso” (Deleuze, 1992, p. 47).

O peão-soldado sempre na espreita para tomar o jogo!

Nesse tabuleiro do **Go**, vira e volta e remexe, vem sem convite o jogar dama, xadrez, mas se deixa fissurar: Educação do Campo²⁹, lugar que se tem a opção de viver em conforto que se deseje, seja de moradia, de trabalho, de instituição educacional e sem necessariamente ter que se submeter a um outro território que não almeja no momento – o espaço urbano. O urbano-tecnológico ainda é o ‘lugar encantado’ vendido pelos centros de poder como o recanto que detém os conhecimentos científicos que providencia a ‘melhor vida’ para os que estudam. Aqui faz valer uma máquina contra o aparelho de Estado! Uma pastilha do Go sozinha, margeando, cercando, pode aniquilar, arrebentar sincronicamente todas as conexões territoriais do jogo.

Essa arma-jogo saltitará nesse ensaio-texto-vida. Pois o tabuleiro do **Go** será usado para movimentar velozmente a máquina de guerra, para desconfiar, resistir e renunciar a história, a racionalidade e trazer a experiência como algo que nos passa quando não sabemos o que nos passa, como “um encontro, uma

²⁹ Campo será utilizado aqui para designar um lugar abrangente que incorpora espaços: da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, dos pesqueiros, dos caiçaras, dos ribeirinhos, dos quilombolas e extrativistas (Gonçalves, 2014).

relação com algo que se experimenta” e metamorfosear... (Larrosa, 2002, p.25). Os escritos pretende provocar o conhecimento, a força, a violência do pensamento e intensificar a “vontade de potência” de Nietzsche (1999). Quer perguntar sem esperar respostas. Desestabilizar, torcer-se e retorcer-se a cada vibração do pensamento da reconição, emancipar uma multiplicidade, uma vida encarcerada, experimentar novas sensações... pois,

O branco me corrompe.

◦
Não gosto de palavra acostumada.

◦
A minha diferença é sempre menos.

◦
Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.

◦
Não preciso do fim para chegar.

◦
Do lugar onde estou já fui embora.

(Manoel de Barros, 2004, p. 71).

Olhar ao espelho, o que se vê? **Nada! Nada**, coisa alguma! Sem imagem e nem contornos! **Nada** a se extrair, a plagiar... desejos de escriturar sobre o “nada” o vazio, o branco como fez o poeta Manoel de Barros.

Sobre **Nada** mesmo! Isso se tem profundidade! Um **nada** “vontade de potência”, assim como Nietzsche concebe o mundo visto pelo seu espelho:

uma monstruosidade de forças, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimento, cercada de “nada” como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado, nada de infinitamente extenso, mas como força determinada posta em um determinado espaço, e não em um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes não em um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força por toda a parte, como jogo de forças e ondas de força ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali minguando, um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes, com descomunais anos de retorno, com uma vazante e

enchente de suas configurações, partindo das mais simples às mais múltiplas, do mais quieto, mais rígido, mais frio ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez voltando da plenitude ao simples, do jogo de contradições de volta ao prazer da consonância, afirmando ainda a si próprio, nessa igualdade de suas trilhas e anos, abençoando a si próprio como Aquilo que eternamente tem que retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço (Nietzsche, 1999, p. 449-450).

Nada de dogmatismo, **nada** de eu-**Sujeito**, **nada** de normas, **nada** de geometrizações, **nada** de significante e significado, **nada** de forma-moldes, **nada** de analogias e metáforas, **nada** do mais para o menos, **nada** de representações cristalizadas, **nada** de/para/com **nada** e finalmente uma escrituraria do **Nada**.

Eu...e MUITAS...

...com **po**sição com **mú**sica... **espaço**... **tempo**...

...sono **ri**dades com **flashes** que **explodem**...

E emba**ralha**m as inter**di**ções que não **nos**
sucumb**ira**m!

Nos desl**oca**mos no **barulho** e no **sussurro** e no desl**izar**...

Vi**bra**mos e brilha**mos** e br**inca**mos...

Elas e Eu... intens**ida**des... **devir-mulher**...

Elas comigo, Kátia Gonçalves e...

Essa escrita-vida se movimentará como as peças do jogo do **Go**, diferentemente das peças do jogo de **Xadrez**, em que tudo está dado na estrutura linear. Uma escrita nômade, errante, intensa, vibrante... “um caso com o devir (...)

devir-mulher³⁰, num devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível” (Deleuze, 1997, p. 11). Sim a multiplicidade, aos acontecimentos que atravessam e que se deixam afetar. Os deslocamentos serão com os intercessores Deleuze e Deleuze-Guattari e tantos outros que os povoam. A Filosofia da Diferença, atingi, toca, não só por sua relevância contemporânea, mas por fazer provocações, trepidar, tremer a Educações Matemáticas, e quem sabe a levar a vagamundiar por

entre as relvas rizomáticas com as *Matemáticas-*

Deseducadas: Educação e Matemática e EduCação Matemática Ribeirinha e... e... e...

Aqui a reinvenção, a vibração vem em habitar o espaço nomadicamente, e não sedentariamente para instauração de uma nova terra, e não a busca do exercício de representação, acomodação e estabilidade. Vem operar por desarticulação, e não por abandono.

Não há um direcionar ao fascínio pela mobilidade (idas e vindas), mas ao deslocamento, a multiplicidade das des-re-territorializações contemporâneas, a que ensina a “Nomadologia” de Deleuze e Guattari, sendo:

uma arquitetura inventiva que prenuncia o exercício da micropolítica em campos e território hegemônicos através do dispositivo da resistência e do agenciamento como máquinas de guerra. Trata-se da guerra do pensamento contra a hegemonia do *Mesmo*, do *Idêntico* e do *Semelhante* (Souza e Santos, 2011, p.5).

“Em termos aritméticos, são as linhas de percurso que deixam de possuir um ponto zero (de partida) e um ponto de chegada – toda trajetória “se completa” no infinitesimal” (Oneto, 2008, p. 156).

Ainda no campo numérico, da aritmética ou da álgebra, Deleuze e Guattari destacam uma distinção semelhante, entre o número numerado (como numa contagem regressiva) e o número numerante (a cifra). O número numerado é dado de antemão, marcando ou demarcando um espaço a ser percorrido, definindo um espaço de estrias com seus números correspondentes. Já a cifra, é como uma soma em dinheiro que é contada ao mesmo tempo em que nos chega às mãos. A contagem aí é autônoma e imanente. Ela goza de uma leveza que é a própria leveza de seu elemento móvel. Leve, o

³⁰ O *devir-mulher* é a linha de um trajeto impessoal, sua potência emerge por singularidade, não é uma imitação, mas um tornar-se “devir-mulher do homem como da mulher” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 70).

móvel pode se deslocar em ziguezague, sem lugar de chegada, ganhando uma velocidade que é a marca da desterritorialização (ibidem).

É a essa mobilidade nômade que o pensamento vem a flamular intensamente quanto ao nomadismo **da Educação Matemática Ribeirinha**. Vem-se as perturbações: como perguntar sem pretensões de obter respostas e sim de desconstruí-las? *Que pulsão de fuga atravessa os conhecimentos matemáticos dos ribeirinhos? As intersecções e/ou misturas entre os espaços: sedentário-estriado e o nômade-liso se movimentam na Educação Matemática Ribeirinha? Como provocar um ato de revolta e resistência em sentindo à deformação da Educação/ciência maior, a Matemática, explorando os labirintos vivos?*

Desconfiando das certezas inventadas, das representações da ciência maior, precipita-se, **borbulha** e **estoura** uma *hipótese de tese* em extrema ebulição: *Educação Matemática Ribeirinha está pautada em currículos sedentários-Estado, o nomadismo faz passar, desterritorializa e inventa resistências.*

Para as intensas borbulhas da ebulição queimante, é requerido o disparador desse fervilhar. Dar-se faíscas que ateiem o fogo:

I

Convocar a “máquina de guerra” da Filosofia da Diferença para potencializar a ciência menor da Educação Matemática Ribeirinha;

II

Problematizar os conhecimentos matemáticos, e da Educação Ribeirinha, que são estratificados e ancorados em pressupostos normativos da ciência maior;

III

Experimentar outras possibilidades em meio a encontros potencializadores com, Deleuze, Deleuze-Guattari e outras combinações da Filosofia da Diferença, da Educação Matemática, povoada por multiplicidades;

IV

Lançar convite ao pensamento nômade: mover-se ao o exercício da dúvida com vias à des-re-territorializações.

Como as bolhas que se estouram no precipitar da ebulição, assim acontecem nas formulações expressas nesses supostos objetivos. Estouram-se umas tantas bolhas e formam-se outras, pluft! E assim sucessivamente acontece; as bolhas não

chegam nem a ter formas específicas se desfazem ao se fazerem. Tais objetivos formulados não são para perscrutar em vias de resolução da questão, é sair dela, é suspeitar. Mas, o que se leva a inquietar esse pensamento, a propor problemas pensados e produzidos pela educação maior e cabeças pensantes da Educação Matemática?

Aqui é posto em suspeição a Educação Matemática em escola ribeirinha onde coabitam a ciência nômade e a ciência maior; as relações de forças, que vão tomando formas, vão formando discursos, modos de existir, alunos, professores, conteúdos, as matemáticas. Em Mil Platôs Deleuze e Guattari (2012), desdobram o conceito de ciência e apresentam duas concepções: ciência régia ou maior e ciência nômade ou menor, sendo essas diferentes uma da outra, mas intercambiantes.

Entretanto a ciência maior não para de tomar os conteúdos de uma ciência nômade e esta não cessa de fazer fugir os conteúdos da ciência maior.

Roubos, duplos roubos serão cometidos! Deleuze nos brinda dizendo que roubar conceitos de outros é efetiva experimentação, pois sempre metamorfoseamos aquilo que nos apossamos. Mas que deve ser criativo e que leve a invenções. Os conceitos que irão bailar por entre as escrituras buscam escapar do sedentarismo para o errante, o nômade, capaz de zigzaguear trajetos e balançar as certezas e verdades dogmáticas e hegemônicas (sociais, político, cultural, educacional).

O pensamento da diferença formulado por Gilles Deleuze nesse ensaio-tese-vida mobilizará o pensamento para o imprevisível, para o perigo, para a variação, criações inventivas, sair das modelações forma. Deleuze, mesmo não sendo um pensador da Educação, suas provocações instrutivas pode nos levar ao jogo problemático que é o mundo-escola-Estado: movimentos intensivos, heterogeneidade, reconhecimento, efervescência. Nessa composição-devir, Deleuze com sua filosofia, arrasta um ensinar e aprender para o deslimite das matemáticas-deseducadas, Educação Matemática e Educação Matemática Ribeirinha, provocando deslocamentos conceituais entre outros saberes a pensar a MATEMÁTICA por vias das invenções inspiradas em conceitos deleuzianos.

Ele... Nós... Eles e... tantos quantos.

Violência. Explosão. Tensão. Tesão. Força.

Múltiplos vagamundos, clandestinos intelectuais.

Pura intensidade...

Em tabuleiros repletos de potências!

Des/Encontros felizes/tristes. LOUCOS!

Os sussurros nos atravessam,

nos abalam,

nos movem,

nos embebedam

No deserto inventamos a vida nômade...

Vale provocar. Incitar. Cavar. Experimentar. Deslocar. Criar. Ousar.

Pensamentos, *Kátia Gonçalves e...*

Platô II

**Pensar Currículo com
desEncontros e
intercessores e...**



Movências no deserto povoado
de bandos... e...e...

Encontros... Núpcias...

Composições... Arritmia...

Roubos... Núpcias...

Multiplicidade... Encontros.

Roubos... Composições...

Devires...

Jogadas nas intersecções com intercessores e nômades insurgente e...

Mas o vazio é também o nome da possibilidade. E para nós o possível se tornou mais necessário que o real porque o real, embora nos mantivesse seguros e assegurados, havia começado a nos asfixiar.

Jorge Larrosa, Pedagogia Profana, 2006

O real que corta e que sufoca, é o que vibra a cada pensamento desconfiado dos ditos escritos. Mas o que escrever? “o que é escrever?, sem que jamais saia daí alguma coisa”? (Deleuze e Parnet, 1998, p. 94). Por que cientificar o pensamento efêmero-embaralhado e dar a público? Para provocar ou enaltecer? Importa? A quem? Para quê? Assim di Vago em escrituras solitárias e povoadas, acompanhada por manhãs escuras e barulhentas e pensamentos profanos e cheios de vazios. Mas é fugaz quando, por um orifício

*a noite alta me espia pela janela
E eu, desamparado de tudo, desamparado de mim próprio
Olho as coisas em torno
Com um desconhecimento completo das coisas que me rodeiam.
Vago em mim mesmo, sozinho, perdido
Tudo é deserto, minha alma é vazia
E tem o silêncio grave dos templos abandonados.
Eu espio a noite pela janela
Ela tem a quietação maravilhosa do êxtase*

(Vinícius de Moraes, 1933, p.22).

É nessa inquietude e com olhar enviesado, que um plano de imanência é problematizado, experimentado e que sacode questões relativas à Educação Matemática e Educação Matemática Ribeirinha, as matemáticas-deseducadas e suas multiplicidades em que estão em voga um currículo rizomático (o inventivo, os

conteúdos rasteiros da ciência menor) e um currículo sedimentar (currículo-forma, lugar que se encontram os conteúdos linearmente colocados pelas instituições oficiais que está a ciência maior). A intenção é cutucar o currículo-forma até sangrar e nunca deixar virar ferida (cicatrizar), pois esse é um movimento de insurgência que pode ser realizado para que as coisas no plano educacional não se petrifiquem. Carece fabricar armas para resistência, para subversão, para insurgir...

Deleuze-Guattari em *Mil Platôs* trata dos conceitos de ciência maior e menor apresentando a proto geometria de fala Husserl, que se dirige a essências morfológicas *vagas*, a *vagabundas*. A ciência que Husserl trataria no sentido nômade: nem *inexata* como as coisas sensíveis, nem *exata* como as essências ideais, porém *anexata e contudo rigorosa* ("inexata por essência e não por acaso") (2012, p. 34-35). Pode-se substituir a geometria da esfera ou círculo por uma geometria do cone, substituir a cotação do centro pela determinação do ponto de vista. Não se quer trincar os conteúdos intocáveis da MATEMÁTICA, mas fazê-lo balançar de tal modo que não mais vejamos um ponto da linha, mas como deslimites de linhas e todas as suas possibilidades pungentes. Ou seja,

a linha não tem dimensão superior ao ponto, a superfície não tem dimensão superior à linha, nem o volume dimensão superior à superfície, mas há sempre um número de dimensão fracionária, anexato, ou que não para de crescer ou de decrescer com as partes. O plano opera a seção em multiplicidades de dimensões variáveis (Idem., p. 237).

Indo às jogadas do jogo do **Go**, podemos dizer os deslimites são as interseções entre as linhas do tabuleiro, não são eles pontos fixos e sim possibilidades de territorializar e desterritorializar, tanto em meio a espaço 19x19, como em $19^{10} \times 19^{10}$, não importa a métrica espacial do plano e sim quais as estratégias serão usadas para que os conhecimentos/conteúdos matemáticos sejam desviantes. Para a colocação das pedras pretas ou brancas o "trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia, bem como, de uma direção própria" (Idem., p. 53).

Em se tratando do jogo-escola-máquina-de-guerra o professor pode resistir e rizomar o currículo-planejamento em sala de aula, pois o espaço escolar com os acontecimentos de/com estudantes é único. E como rachar uma Matemática, uma

Educação Matemática, uma Educação Matemática Ribeirinha fazendo com que as invenções provoquem fissuras à força dogmática posta um currículo-forma, o estático?

É preciso esbarrar nos desEncontros com intercessores da ciência, da filosofia, da arte e fazer a invencionática como diz o poeta das sensibilidades das coisas *desimportantes*, Manoel de Barros, e de tantos outros que reColocaram olhos de infância, com o vazio na cabeça e cheia de e invenções e com pensamento inventivos. Ou seja, assim como Deleuze fala em entrevista com Parnet sobre *Nietzsche e Espinoza*:

dir-se-ia que alguma coisa se passa entre eles, com velocidades e intensidades diferentes, que não está nem em uns nem nos outros, mas realmente no espaço ideal que já não faz parte da história, e tampouco é um diálogo de mortos, mas uma conversa interestelar, entre estrelas bem [24] desiguais, cujos devires diferentes formam um bloco móvel que se trataria de captar, um inter-vôo, anos-luz. (1998, p.14)

Então cabe n**Uma didática da invenção** da Educação Matemática afetada pela Educação Matemática Ribeirinha, pois para escriturar os desejos acadêmicos *desenhando em rabiscos* é preferível ser apanhadora de desperdícios e repetir repetir **repetir** diferente (Barros, 2010). Essas coisas *desimportantes* têm ideias-força e provocam pensar problematizando e não respondendo.

Foi aí que esses desEncontros vieram se alastrando como capoeira rizomática, invadindo o pensamento da professora dos Anos Iniciais-Acadêmica-Pesquisadora, pois 'viu' que não existe unidade nos conhecimentos e sim a multiplicidade, as coisas misturadas, os múltiplos conhecimentos mestiçados, os devires de todas as espécies. DesAprendeu e foi com as formigas a fabricar coisas a pensar a Educação Matemática Ribeirinha e matemáticas, para a composição das escrituras rabisco-tese, olhando as interseções como ponto provisório da jogada e ouvindo os intercessores para a movências das pedras.

A arte cabeça de vento!

O menino fazendo prodígio
com sua peraltagem...

Em exposição de obras de arte de Joan Miró, estava a professora em revistas a essas, contemplando-as como o belo, o inusitado. Surge ao lado uma criança e sua mãe vendo uma mesma escultura. A criança apontando-a diz bem audível: mãe olha, é a mesma coisa! A mãe retruca e exclama: criança presta atenção em cada coisa!

Volta então a professora à escultura e verifica tal repetição que havia passado despercebido por ela. Reflete: que inteligente criança!

Ficara imaginando sobre o olhar do menino em termo de velocidade do pensamento tecnológico, em que se visualizam os objetos a partir da usualidade dos jogos virtuais. Será que esse garoto não estava enxergando a escultura de Miró em 3D/4D?

A professora não chegou a ver que as duas esculturas se repetiram em objetos com mesma geometria, diferenças nos apetrechos, que uma estava na horizontal e a outra na vertical... Em sua sapiência se apressou a afirmar: Nossa quanta matemática ele viu!

É, ela usava óculos de fundo de garrafa que impedia ser afetada/atravessada/arrastada pela arte...

Modelada pelo solo fixo que tinha lhe arrebatado e não permitia que o vento deixasse modificar as nuvens, para ver a formação de outras coisas nas plumas brancas no céu.

Eis as esculturas que *olharam e convidaram* o menino e a professora!



Imagem: Cabeça na noite,
1968. Joan Miró³¹

³¹ Acervo fotográfico pessoal de Kátia Gonçalves e... Da exposição de obras Joan Miró (1893-1983), "A Força da Matéria", no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, maio de 2015.

A professora não viu? E
quando viu olhou
Matemáticas-forma!

A professora olhava a imagem apenas com Wittgenstein (2012)¹⁹ em ver e ver-cómo, que são fatores preponderantes para assumir o que é visto. Pois é preciso saber o conceito e dominar a técnica, sendo que a significação dos conceitos está embutida uma concepção referencial da linguagem e é a técnica que permitirá, ao olhar, ver-cómo. Por exemplo: pode-se olhar uma escultura e ver aglomerados colados sem sentido, mas a técnica consentirá ver esse objeto como uma obra prima. Portanto,

somente de uma pessoa que é capaz disto e daquilo, que aprendeu e domina isto e aquilo, tem sentido dizer que ela vivenciou isto. E se isto parece loucura, você deve considerar que o conceito de ver aqui é modificado (uma reflexão semelhante é frequentemente necessária para exorcizar as vertigens na matemática) (Wittgenstein, 2012, p.272).

Pensara apenas assim: para que se aprenda algo é preciso ter a vivência desse algo? Será que o menino só conseguiu ver a escultura porque alguém ensinou a ver? Mas o que ele viu e pensou? A mãe dele não viu as esculturas como sendo repetição? E por que a professora não viu o que parecia obvio a um olhar educado professoral?

Poderia eu dizer como têm que ser as condições para que uma imagem produza isto? Não. Há, por exemplo, maneiras de pintar que nada me comunicam de um modo imediato, mas comunicam a outras pessoas. Eu creio que hábito e educação têm aqui um papel a desempenhar (Idem., 2012, p.263).

Já em movimento de violência do pensamento a professora retruca a si: em movimento de ensinar e aprender, as técnicas não são sem importância. Não podemos simplesmente ser lançado ao rio sem saber a técnica de nadar, ou seja, o aprendizado será mediatizado por alguém que ensina, mas só se aprende quando se coloca com relação com os signos e com a materialidade. Com a técnica lança-se às águas do rio, entretanto cada aprendiz pensa e usa diferentemente o que aprendeu sobre a técnica do nadar quando está nadando. E ao aprendiz dar suas braçadas não tem como controlar o seu pensamento. A professora sabe que não controla o que o estudante aprende/pensa.

(...) E o homem se lembrou dos outros caminhos.
Eram difíceis, mas a água cantava em todas as fontes
Eram íngremes, mas as flores embalsamavam o ar puro (...)
Vinícius de Moraes (1933, p.10).

³²Os conceitos de *ver* e *ver-cómo* são explicitados pelo filósofo na obra *Investigações Filosóficas*, na segunda parte, que é destinada às observações sobre conceitos psicológicos (Monk, 1995).

Tropeçar numa pedra, em obras de arte...

A Arte não é comunicativa, não é reflexiva, nem a Ciência, nem a Filosofia. Não é contemplativa, nem reflexiva, nem comunicativa. É criativa. Nada mais. A fórmula é “n menos 1”, eliminar a unidade, eliminar o universal.

*Gilles Deleuze, **Abecedário**, 1996*

São forças de potências que possuem as obras de arte no pensamento imanente e que são provocativas para o campo da Educação Matemática e para as

Matemáticas-Deseducadas. Aqui o menor na ciência pode

ser des**i**importante... contagiante... andarilho... e que pode fazer pular as des**A**prendizagens para a transgressão da d**E**composição escritura-experimentação! Deleuze e Guattari e uma legião pensante “instalam seus explosivos [máquina de guerra] e com eles fazem suas rachaduras, suas fissuras no solo da subjetividade identitária, subvertendo as óticas, as imagens e o pensamento” (Brito, 2015, p. 345).

A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê (Deleuze e Guattari, 1992, p. 156).

Num espaço nômade Go, nas linhas os intercessores atravessam as interseções que fazem tropeçar, atritar, problematizar... Esses tiram “lascas, capazes de gerar incêndios ou cortes”, nas matemáticas-forma, aquela ordenada pelo Estado, a do espaço xadrez-estriado, a refém de uma ciência universal e una, dogmática e com ‘verdades’ inquestionáveis, gerenciada por pensamento aprisionado a uma imagem da representação³³, da reconhecimento, de valores imposto.

³³“Representação, no sentido clássico, é isso: a “imagem” semelhante de um objeto concreto. Como dizia São Tomás, representar significa conter a semelhança da coisa a ser conhecida. Na realidade, o

Em meio à contemporaneidade, ainda abastecidos pela educação moderna – pensada e produzida no contexto da filosofia representacionista, tomando o outro como conceito, pensando as questões de formação como repetição do mesmo – a moda da lógica cartesiana, das coisas encaixadas nos métodos. O pensar idealizado por Descartes deve seguir os passos: verificar, análise, sintetizar, enumerar. Pronto, encontra-se ‘a resposta’!

Com esse direcionamento e às voltas com os grilhões da formação acadêmica na/para docência, paira o método geométrico e matemático de Descartes, que regula vidas (pensada de menor para maior complexidade), pois foi idealizado para dar suporte ao pensamento. Esses movimentos hierarquizantes ficam perceptíveis na metáfora da árvore, em que descreve que, “toda a filosofia é como uma árvore, cujas raízes são formadas pela metafísica, o tronco pela física e os ramos (...) constituem todas as outras ciências que, ao cabo, se reduzem a três principais: a medicina, a mecânica e a moral” (Descartes, 1978, 42). Assim como exPostos nas **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica – Ensino Fundamental de 9 (nove) anos (DCN)**:

os conhecimentos escolares podem ser compreendidos como o conjunto de conhecimentos que a escola seleciona e transforma, no sentido de torná-los passíveis de serem ensinados, ao mesmo tempo em que servem de elementos para a formação ética, estética e política do aluno. As instâncias que mantêm, organizam, orientam e oferecem recursos à escola, como o próprio Ministério da Educação, as Secretarias de Educação, os Conselhos de Educação, assim como os autores de materiais e livros didáticos, transformam o conhecimento acadêmico, segmentando-o de acordo com os anos de escolaridade, ordenando-o em unidades e tópicos e buscam ainda ilustrá-lo e formulá-lo em questões para muitas das quais já se têm respostas (Brasil, 2013, p. 112).

Como pensar outra Educação e outra docência não domesticada que escape das vias metafísicas do pensamento hierarquizante de modelos dogmáticos? Como também sair das coisas reColocadas em lugares já pré-estabelecidos? Quem sabe que, atritando, fricção, as coisas (da Educação e da/para docência) se multipliquem ao mesmo tempo em que multiplicando se atritem ainda mais (Clareto, 2015).

termo “representação” é de origem medieval e indica a imagem ou a ideia (ou ambas as coisas) de um objeto de conhecimento qualquer. Num certo sentido, representar é por sob os olhos alguma coisa, mas é também tornar “presente”, ao espírito, algo que já esteve presente aos nossos sentidos” (Schöpke, 2012, p.44).

A Educação/Escola tem o propósito de transformar seres pouco pensante em homens que raciocinam, 'preparando-os' para a vida, o ser cidadão³⁴, escolarizado e aparelhado para modificar uma dada realidade. "Pensar a escola [Educação] como esse lugar em que as pessoas passam para se tornar escolarizadas, é pensá-las em maquinarias" (Monteiro, 2016, 202), pois a função da "escola-máquina-de-Estado" é produzir identidades, subjetividades, é formatar, é fazer idênticos, é prender a uniformes escolares (Gallo, 2007, p. 298). Assim expressas **DCN para o Ensino Fundamental:**

as maiores desigualdades educacionais são encontradas entre ricos e pobres, mas elas também são grandes entre brancos, negros e outros grupos raciais e estão, por sua vez, particularmente relacionadas à oferta educativa mais precária que restringe as oportunidades de aprendizagem das populações mestiças e negras, ribeirinhas, indígenas, dos moradores das áreas rurais, das crianças e jovens que vivem nas periferias urbanas, daqueles em situações de risco, das pessoas com deficiência, e dos adolescentes, jovens e adultos que não puderam estudar quando crianças (Brasil, 2013, p. 109-110).

A segregação é o que atravessa o **Currículo** oficial e segue na tentativa de recusar o divergente e a capacidade de pensar fora do formatado. Busca-se uma educação do uno, da identidade, da totalidade, da plenitude, da completude, do íntegro, da dialética, da negação, da verdade, do progresso, da ordem, da evolução, da racionalidade, do sujeito, do ponto, da espiral, da árvore, do simulacro...

chega a promover um tipo de subjetivação cristalizada e amarração em um sedentarismo das certezas e das verdades, que torna a educação, de certa forma, fria, triste, sem vida, sombria, elaborando um saber desinteressante, porque não parte das singularidades, dos problemas, nem daquilo que está na ordem dos afetos alegres, da imanência e dos seus interlocutores, mas ao contrários está na ordem da universalidade (Brito, 2015, p. 30).

³⁴“Os objetivos que a Educação Básica busca alcançar, quais sejam, propiciar o desenvolvimento do educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para que ele possa progredir no trabalho e em estudos posteriores, segundo o artigo 22 da Lei nº 9.394/96 (LDB), bem como os objetivos específicos dessa etapa [Anos Iniciais] da escolarização (artigo 32 da LDB), devem convergir para os princípios mais amplos que norteiam a Nação brasileira. (...) Assim, se para ingressar e transitar no mundo do trabalho a educação se torna cada vez mais necessária, ela depende, por sua vez, das disponibilidades de emprego, tanto para que os pais consigam criar seus filhos com dignidade, como, também, para que os estudantes vislumbrem na educação escolar o aumento das possibilidades de inserção nesse mundo” (Brasil, 2013, p. 107-108).

Nessas **Diretrizes Curriculares** é visível o verde e amarelo, ordem e progresso, para serem disseminados em todas as escolas, nos corpos dóceis em doses conta-gotas segmentadas, pois

o acesso ao conhecimento escolar tem, portanto, dupla função: desenvolver habilidades intelectuais e criar atitudes e comportamentos necessários para a vida em sociedade. O aluno precisa aprender não apenas os conteúdos escolares, mas também saber se movimentar na instituição pelo conhecimento que adquire de seus valores, rituais e normas, ou seja, pela familiaridade com a cultura da escola. Ele costuma ir bem na escola quando compreende não somente o que fica explícito, como o que está implícito no cotidiano escolar, ou seja, tudo aquilo que não é dito mas que é valorizado ou desvalorizado pela escola em termos de comportamento, atitudes e valores que fazem parte de seu currículo oculto (Brasil, 2013, p. 112).

Pensar com Nietzsche esse documento, as relações entre currículo e valores³⁵ denota, pois, fazer céleres indagações: Que subjetividade o currículo quer capturar para fazer parte do xadrez, da fila indiana? Quais valores, comportamento, atitudes, rituais e normas instituem e compõem o ideário dos documentos institucionalizados? Foucault (2001) também nos põe em alerta quanto à “vontade de verdade” e “vontade de poder”, assim como, Corazza e Tadeu quando nos provocam a questionar: “quais as forças, as relações de poder, que estabeleceram determinados critérios morais como sendo dignos de figurar num currículo, enquanto outros foram excluídos?” (2003, p. 54).

³⁵ Numa visão tradicional, a seleção desses valores tende a seguir três movimentos centrais: absolutização (absoluto, incondicional, único, incontestável: deus, pátria, um texto sagrado, uma revelação, a família); naturalização (apelo à natureza); universalização (valem para todas as pessoas, todas épocas e todos os locais (Corazza e Tadeu, 2003).

...Tabuleiro Claustrofóbico e Tabuleiro Vagamundo...

Escrever não tem outra função: ser um fluxo que se conjuga com outros fluxos – todos os devires minoritários do mundo. Um fluxo é algo intensivo, instantâneo e mutante, entre uma criação e uma destruição. Somente quando um fluxo é desterritorializado ele consegue fazer sua conjugação com outros fluxos, que o desterritorializam por sua vez e vice-versa.

Deleuze & Parnet, Diálogos, 1998

Em aula de Matemática, quando a professora prepara seu planejamento estruturado linearmente, com objetivo de ensinar, o aprendiz pode está a procura de capturar pistas para o aprender. Mas o que ele aprende é o que a professora ensina? Em Repetição e Diferença, Deleuze nos ensina que, “nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender (...). Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paideia que percorre inteiramente todo o indivíduo...”, portanto, “aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa infinita...”(2006, p. 160-161).

Na sala explosões de pensares! E o que o professor pensou/perspectivou para a sua aula? Recorreu ao currículo-assentado, o sedentário, em que as matemáticas-forma estão na estrutura arbórea cartesiana que não cessam e não querem parar de cessar? O currículo institucionalizado com seus conteúdos segue do ponto de vista da lógica de preceitos descartiano, tais como:

conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até o conhecimento dos mais compostos; e por fim, fazer em toda parte enumerações tão completas, e revisões tão gerais, até ter certeza de nada omitir (Descartes, 2009, p. 54).

Na **grade** curricular claustrofóbica os conteúdos das disciplinas obrigatórias a serem estudadas nas escolas aparecem em ordem crescente de complexidade, tendo a legalidade dos documentos usados pelo Estado-poder-MEC. Incumbido de delegar ‘o que ensinar’, ‘como ensinar’, ‘porque ensinar’, eis que surgem ‘livrinhos coloridos’ e on-line, nas salas das diretoras escolares, os então endurecidos **Parâmetros Curriculares Nacionais**, que preceituam ser

um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (Brasil, 1997a, p. 13).

Preceitos que foram para todos os cantos e cores: escolas amarelas, brancas, vermelhas, e as azuis; foram ao concreto cinzento das cidades cosmopolitas, para os rios cortados por igarapés, para os campos em que a capoeira brilha com a mestiçagem. Levados a todos os encontros de forças escolares e aos fluxos que atravessam as salas de aula. O que se priorizava/a é a ciência maior – a régia, que

é inseparável de um modelo "hilemórfico", que implica ao mesmo tempo uma forma organizadora para a matéria, e uma matéria preparada para a forma; com frequência mostrou-se como esse esquema derivava menos da técnica ou da vida que de uma sociedade dividida em governantes-governados, depois em intelectuais-manuais. O que o caracteriza é que toda a matéria é colocada do lado do conteúdo, enquanto toda forma passa para o lado da expressão (Deleuze e Guattari, 2012, p. 37)

A supremacia da legalidade cravada nos **Parâmetros** diz que produto vai gerar ao visionar “metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (Brasil, 1997a, p. 4). Esse documento oficial é possuidor de prescrições e também é recheado por termos brandos/acalentadores, que indicam ‘melhores escolhas’ de ‘como ensinar’.

As orientações didáticas apresentadas a seguir pretendem contribuir para a reflexão a respeito de como ensinar, abordando aspectos ligados às condições nas quais se constituem os conhecimentos

matemáticos. Analisam os conceitos e procedimentos a serem ensinados, os modos pelos quais eles se relacionam entre si, e também as formas por meio das quais as crianças constroem esses conhecimentos matemáticos (Brasil, 1997b, p. 13).

A maquinaria do Estado tem desígnio para cada etapa da árvore do ensino - com ponto inicial e ponto de chegada dos aprendizes – e que está aprisionado ao modelo educativo prescritivo e meritocrático, descrito nos documentos oficiais, que indicam: plano, planejamento, conteúdos, objetivos, avaliações, metodologias, estratégias. Em Matemática, para os Anos Iniciais de Ensino Fundamental³⁶, têm-se conteúdos que estão no centro de debates da Educação Matemática, devido o questionamento da sua aplicabilidade no cotidiano, contudo cartesianamente, os números racionais só podem ser apresentados depois dos números naturais, partindo do menos ao mais complexo:

Números Racionais

Ao raciocinar sobre os números racionais como se fossem naturais, os alunos acabam tendo que enfrentar vários obstáculos:

- um deles está ligado ao fato de que cada número racional pode ser representado por diferentes (e infinitas) escritas fracionárias; por exemplo, $1/3$, $2/6$, $3/9$ e $4/12$ são diferentes representações de um mesmo número;
- outro diz respeito à comparação entre racionais: acostumados com a relação $3 > 2$, terão que construir uma escrita que lhes parece contraditória, ou seja, $1/3 < 1/2$;
- se o “tamanho” da escrita numérica era um bom indicador da ordem de grandeza no caso dos números naturais ($8.345 > 41$), a comparação entre $2,3$ e $2,125$ já não obedece o mesmo critério;
- se a seqüência dos números naturais permite falar em sucessor e antecessor, para os racionais isso não faz sentido, uma vez que entre dois números racionais quaisquer é sempre possível encontrar outro racional; assim, o aluno deverá perceber que entre $0,8$ e $0,9$ estão números como $0,81$, $0,815$ ou $0,87$ (Idem., p. 67).

O que é possível traçar linhas de fuga pensando num processo educacional maior? Ou fazer pensar? O que da Matemática e da Educação Matemática pode rebelar para além do olhar aos objetos da ciência maior da reconhecimento? Um convite a pensar sobre discussões que se atritam nesse meio, em que não mais o cognitivismo é visto como apenas um problema teórico – em que se aplica o objeto – mas de um problema de forças-estado. Deleuze (2006, p. 194) move a questão da

³⁶ Os conteúdos matemáticos (para os cinco primeiros anos de ensino) destacados foram retirados de documentos oficiais do Ministério da Educação (1997a – 1997b), pois são os que envolvem a pesquisa em questão.

reconhecimento frisando que “se define pelo exercício concordante de todas as faculdades sobre um objeto suposto como sendo o mesmo: é o mesmo objeto que pode ser visto, tocado, lembrado, imaginado, concebido”, a exemplo, pensar o círculo, figura teorematizada em suas transformações de passagem às figuras problemáticas, em suas deformidades e variações, “em forma de “lentilha” de “umbrela” ou de “saleiro”” (Deleuze e Guattari 2012, p. 35).

Em implicações para aprendizagens Matemática, Gomes e Claretto tencionam a discussão sobre reconhecimento ao argumentarem que, “a aprendizagem do objeto; exige-se a constituição de um certo tipo de memória capaz de reconstituir o objeto tal qual ele é; exige uma linguagem, inequívoca, livre de inconsistências e incoerências, que traduza em texto aquilo que o objeto formal já era”, assim posto para aprender: $1/3$, $2/6$, $3/9$ e $4/12$ são diferentes representações de um mesmo número; entre 0,8 e 0,9 estão números como 0,81, 0,815 ou 0,87 ou ainda 0,88777; acostumados com a relação $3 > 2$ (onde $3 = 3/1$ e $2 = 2/1$), terão que construir uma escrita que lhes parece contraditória, ou seja, $1/3 < 1/2$, em que $1/3 < 3/1$ e $1/2 < 2$. Há possibilidades de caminhos bifurcantes para o ensino de conteúdos matemáticos? Quais fissuras esses conteúdos podem fazer ao aprendiz quando *MOV*imentados? Quais desVenturas podem acontecer em fazê-los dançar/bailar?

Então, em que ritmo fazer dançar essas matemáticas-forma na coexistência com as matemáticas-deseducadas para poder mobilizar o pensamento de tal maneira que se pense matemáticas e outras coisas e essa venha vagamundiar? Remetendo a isso, Deleuze e Guattari nos chamam atenção que,

estamos diante de duas concepções da ciência, formalmente diferentes; e, ontologicamente, diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência regia não pára de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não pára de fazer fugir os conteúdos da ciência regia. No limite, só conta a fronteira constantemente móvel. Em Husserl (e também em Kant, ainda que em sentido inverso, o redondo como “esquema” do círculo), constata-se uma apreciação muito justa da irredutibilidade da ciência nômade, mas ao mesmo tempo uma preocupação de homem de Estado, ou que toma partido pelo Estado, de manter um primado legislativo e constituinte da ciência regia (2012, p. 35).

A ciência régia – verdadeira e mensurável - maior de todos os conhecimentos, nela há unidade alastrada em toda sua completude; rostifica-se, prima-se pela negatividade, contradição, totalidade; apresenta-se como a árvore hierárquica;

aprisiona e estrutura formas e modelos com prescrições, o contraditório em toda a sua essência; inibem as invenções e a aparição de máquinas de guerra para que o nomadismo deseduque as matemáticas e assim desterritorialize-as. Mesmo os mais deslumbrados pela supremacia dos conhecimentos matemáticos, sinalizam linhas de fuga, pelo que lhes afetam, ainda que seja pelos seus desejos ou inclinação por sua verdade, pelo pensamento, pelo novo/outro conhecimento.

Por entre tabuleiro claustrofóbico e vagamundo uma cena do filme “Uma Mente Brilhante” que acontece no jardim da universidade em meio a partida de jogo Go. Chama atenção, pois o matemático Jonh Nash³⁷, estudante da *Princeton University* – USA, lança-se a um devir-vagamundo. Ele, por não frequentar as aulas, é questionado pelos colegas em que responde: “as aulas nublam e entorpecem a mente e destroem todo potencial para a criatividade autêntica”. Lá, no jardim, Nash estava a observar os pombos com o objetivo de calcular um algoritmo para definir o movimento de seus voos. Estaria ele em alucinações ou com a lucidez de matemático-louco? O que serve olhar os pombos, às inutilidades, às coisas desimportantes? Como Manoel de Barros, Nash também gostava dos “desperdícios”. Mas este trazia as inutilidades juntos às problematizações matemáticas, como por exemplo, como calcular a probabilidade de ficar com a moça mais requisitada de um bar negando uma teoria de 150 anos da Economia de Adam Smith.

Que **Matemáticas-forma** lhe permitiu trafegar por emaranhados que o liberou a enxergar as insignificâncias?

Quais **Matemáticas-Deseducadas** (educação menor)

trepidaram e trincaram o conhecimento da educação maior num pensamento arbóreo e geometrizado?

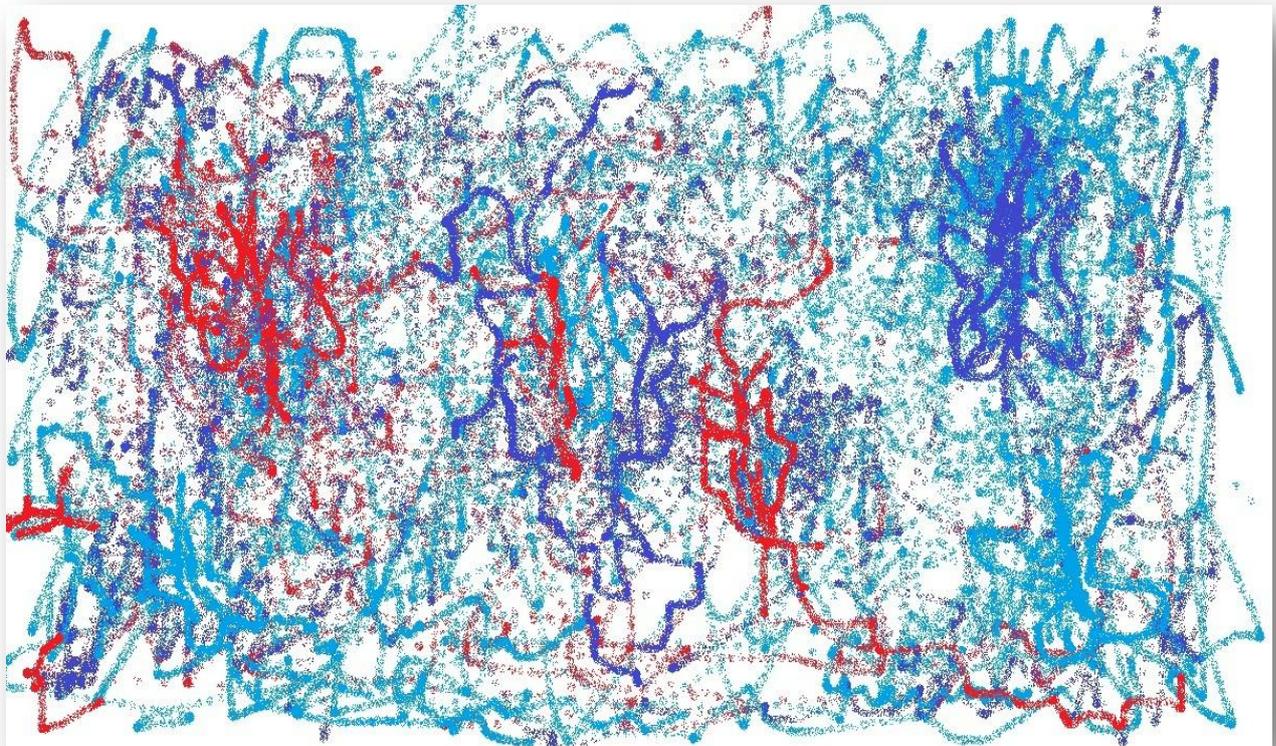
³⁷ John Forbes Nash Jr. (1928-2015) foi um matemático norte-americano que trabalhou com teoria dos jogos, geometria diferencial e equações diferenciais parciais, servindo como Matemático Sênior de Investigação na Universidade de Princeton. Em 1994 ganhou o Prêmio de Ciências Económicas, em Memória de Alfred Nobel, "Por sua análise básica de equilíbrio na teoria dos jogos não-cooperativos". Em: <https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/1994/nash-bio.html> Acesso em: 09 setembro 2017).

A Matemática, as matemáticas, uma Educação Matemática Ribeirinha como máquina-de-guerra podem causar inflexões na trajetória do currículo-máquina-de-Estado? Como pensar um currículo da diferença no plano da imanência, já sendo o currículo todo pensado e apoiado em valores e critérios transcendentais com abordagens tradicionais? É possível que a postura educativa cortante possibilite processos criativos que levem a um ensinar e aprender sem as **grades**, sem a segmentação do conhecimento estatizado, dando abertura ao acoplar pelo meio?

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros, *Retrato do artista quando coisa*, 1996.



Azul-Vermelho devir-borboleta, Kátia Gonçalves e...

Silêncios abertos, Des/Regulados, des/Comparados de uma professora...

Que usa idioma de larvas incendiadas, uma linguagem que obedecesse a des/Ordem das falas infantis...

*Parafraseando Manoel de Barros,
Memórias Inventadas, na poesia "Aula", 2003.*

Com os efeitos provocativos de intercessores: há movimentos de pensar nesse currículo uma Educação que potencialize a inventividade? Como enviesar os documentos curriculares institucionalizados e direcionadores que constroem robôs em série com atributo de status? A ficção do currículo estático, do tabuleiro do **X**adrez, com sua máquina de subjetivação perpetuam identidades: peão sempre o soldado, o rei sempre o soberano, o cavalo serve ao rei e ao soldado... A virtualidade de uma educação rasteira, do tabuleiro **Go**, movimenta as pedras brancas-pretas e pretas-brancas nomadamente, sem fixidez, mas estrategicamente pelo *entre*. Gallo expõe: “a ramificação política da educação menor, ao agir no sentido de desterritorializar as diretrizes políticas da educação maior, é que abre espaço para que o educador-militante [uma pedra branca ou pedra preta] possa exercer suas ações, que se circunscrevem num nível micropolítico” (p. 175). Como pensar um não-currículo e fazer ele bailar e tropeçar nas pedras?

Um **Currículo** é padronizador; é controlador; impõe sentidos de valores, de saberes, de subjetividades. Um **Currículo** é paisagem das verdades mensuráveis, e do pensamento geometrizado; enquadra em formas, moldes. Um **Currículo** controla e estabelece as relações de poder; é encontro de forças com outras forças. **Currículo** é fortaleza, é o quadrante do espaço estriado xadrez. Um **Currículo** está erguido sobre alicerces de areia, sempre preste a ruir à próxima tempestade, mesmo que aparentemente esteja sobre uma rocha. Um **Currículo** mobiliza o *como* abrir o ferrolho e veda todas as formas de forjar uma fechadura inventiva.

As provocações para a Educação Matemática Ribeirinha com escuta ruidosamente de **Conversa interestelar com estrelas desiguais** com Deleuze e Deleuze-

Guatarri e Nietzsche e Espinoza e... reativam a deformação³⁸ do pensamento nômade e potencializam o tenebroso da inventividade que fortalece o sujeito – não o objetivado – a escrever sua singularidade, sustentar suas palavras por si mesmo e elaborar seus sinais e Aefetivar suas passagem (Brito, 2015; Clareto e Miarka, 2015). Fazer a vida caminhar num limiar da desConstrução... Criação!

Portanto, é preciso preparar-se para declinar, descer, ao abismo, ao desconhecido, lançando-se a vida, assim como fez Zaratustra/ Nietzsche, quando anunciou ao astro que movimenta o ofuscante e as trevas:

para isso devo baixar à profundez: como fazes à noite, quando vais para trás do oceano e levas a luz também ao mundo inferior, ó astro abundante!
Devo, assim como tu, *declinar*, como dizem os homens aos quais desejo ir (2011, p. 11).

Seria esse um se lançar ávido a partir do abismo, que desponta na língua da/o professora/o que não quer apresentar racismo de frequência, linguagem, estilo e se solta a garganta a falar/escrever tudo o que der na língua para remexer o desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido e ir até as profundezas do desconhecido de si?

Zaratustra/Nietzsche apresenta um lugar desconfortável para fazer do “pensamento um confronto com a educação, visto que esta parece conviver ainda com um mundo absolutizado, conformado, matando o que pode haver de criativo no indivíduo” (Brito, 2015, p. 90). O olhar de cima da montanha em *n* ângulos e com vários focos, permite que Zaratustra caminhe, avance e recue, para educar-se a si mesmo. Seria esse um ensinamento, espreitar o experienciado e vivenciado na sinuosidade da catástrofe e nas profundezas do abismo de uma vida? É um levar do silêncio da montanha aos burburinhos estridentes do vale?

**A maior riqueza
do homem é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado. Palavras que me aceitam como sou — eu não
aceito.**

Manoel de Barros, ***Retrato do artista quando coisa***, 1996.

³⁸“Deformação está ligada à imanência, ao problema, ao acontecimento, a um pensamento criador, pois o que está em questão é exatamente a articulação com a vida, pois a problemática do pensamento está ligada ao exterior, não a uma interiorização, uma naturalização do pensar” (Brito, 2016, p.97).



Falando uma professora...

Queria ensinar coisas dos livros que um currículo estático dizia/diz e prediz formar sujeito apto a assumir seu papel de 'bom cidadão',

com acúmulo de saberes e valores, pensado do lado de dentro dos muros da escola. Era essa a professora dos Anos Iniciais. Entusiasmada... mas esmagada pelas legalidades dos Projetos Políticos Pedagógicos, normatização e universalização das coisas de escola. Como fugir? Como escapar sem ser vista? Era preciso fazer algo, sentia-me sufocada com a mesmice e as obrigações fúteis. As crianças se mostravam mais perspicazes. Perguntavam, inventavam, novamente questionavam... Era a professora que as aniquilava. Ensinava o MODELO e seus axiomas.

Foi aí que precisei burlar no silêncio para que as crianças pudesse deixar criar. Briguei, fiz muito barulho, fui ouvida sussurrando, por poucos. Não me importava, pois as crianças conseguiam gritar mais que eu e o estrondo se suas vozes ressoavam outras coisas além do descrito nos papéis que constavam os conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais, tão bem pregado, recitado em âmbito professoral.

Como gostava de ouvir o que diziam as crianças sobre si e suas vidas! Nossa! Eu tinha tantas vidas naquela sala que muitas vezes implodia de tanto que era afetada por elas. Com muitas passava o recreio conversando.

É... tinha que retornar a professora e ... bla bla bla

Sinto saudade? Não sei. Vivendo outras coisas. Pensava que Educação Matemática para as crianças era o ensinar-aprender a armação correta dos algoritmos, os códigos das representações absoluta e relativa dos algoritmos. Mas era no brincar de queimada com elas que evocava outros conhecimentos e as matemáticas. Eu e eles/as não estávamos interessados em saber apenas Matemática, queríamos viver aquilo juntos. Correr, pular, cair, brigar, descansar e conversar sorrindo. Eram tantas perguntas sem resposta! E as dobras das testas das crianças me empurravam para as tormentas, o impensável... Tomar fôlego inspirando e expirando o irrespirável!!



... **P**ensando coisas **entre** Matemáticas...

Seria urgente escapar dos modelos gravados e cravados nos cadernos das instituições que aprisiona a vida e controla os corpos?

As forças e afetos na estepe do território da Educação Matemática me levaram ao estranhamento e querer experimentar outras possibilidades. Seria loucura pensar a escola para além daquele espaço dócil e doentio das cobranças avaliativas?

Bagunça! "É preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante" (Nietzsche, 2000, p. 41).

Incertezas, culpas, tristezas e alegrias se movimentavam...

Cansada da deCodificação e normatizações imperialistas da Matemática, tinha/tem tantas coisas a serem exploradas na vida de quem a usa. O espaço acadêmico na pós-graduação ajudaria?

Muitos desAfetos com teóricos que tratam da deFormação de professores. Novamente: ensinar a pensar Matemática na perspectiva do modelo da Educação Matemática. Gritos e berros solicitavam a minha saída do enclausuramento da mesmice dogmática. Procurava outras coisas naquele lugar-escola, que ainda era/é máquina de captura, de segmentarizar, de tornar uno e de conferir modelagem particular. A que desEncantador o currículo de Matemática para os Anos Inicias? Vamos pensar por eles/elas ou vamos ensinar a pensar? Ensina outrem a pensar?

Ou provoca o pensamento?

Coloquei-me em vigilância na prática docente. Deixei-me ir ao desEncontro... "que surpreende, que promove uma violência no e com o pensamento, faz alguma coisa sair do eixo, leva a ideia para a ordem da criação, nada a imitar, mas alguma coisa passa pelo meio" no entre (Brito e Chaves, 2017, p. 172).

Corri... Insurgir...

Platô III

Cartografia: o entre igarapés e matemáticas



*Intensidade, Kátia Gonçalves e...*³⁹

³⁹ FotoGrafia-devir, uma força, uma potência do entreLugar, "Um grito, uma atenção para a diferença... Fotografia da dessemelhança? (...) Há um silêncio inapreensível...(...) Naquilo que pretende visível é potência do invisível e ambos se comunicam por modulações sensoriais" (Brito, 2015, p. 228-229).



Crista turbilhonar, Kátia Gonçalves e...

Liberdades e Capturas...

MATEMÁTICAS e

EdUcação Matemática Ribeirinha e...

Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem "faça comigo" e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo.

*Gilles Deleuze, **Diferença e Repetição**, 2006.*

Permitir visibilidade a liberdade no tabuleiro Go⁴⁰ máquina de guerra, é pensar na força do nomadismo que atravessa os agenciamentos, ou seja, é o que acontece aos corpos quando se juntam, sob o olhar do seus movimentos e seus afectos. Escutemos o que tem a falar Deleuze e Guattari:

todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma: dentro da sua lata de lixo ou sobre o banco (...). Descobrir os agenciamentos territoriais de alguém, homem ou animal: "minha casa". O território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de "propriedade": mesmo os ritmos ganham aqui um novo sentido (ritornelos). O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples "comportamento" (donde a importância da distinção relativa entre animais de território e animais de meio) (2012, p. 232).

Para deslocar as **Matemáticas** por vias errantes, em nome da experimentação, da turbulência, da diferenciação, eles trazem a máquina de guerra para desterritorializar o número, que passa a ser cifra, "espírito de corpo", aquele que "inventa o segredo e as consequências do segredo (estratégia, espionagem, astúcia, emboscada, diplomacia, etc)". Então para problematizar a questão dos agenciamentos, usam, portanto a composição aritmética e apresentam o não-numerado, o numerante nômade: "móvel, autônomo, direcional, rítmico, cifrado" e

⁴⁰ Durante um jogo de Go, uma ou mais pedras podem ser capturadas ao ser completamente cercadas, ou seja, ao ser preenchidas todas as suas liberdades, luta pela territorialidade.

que se “opõe ao mesmo tempo aos códigos de linhagem e à sobrecodificação de Estado”, o numerante

é sempre complexo, isto é, articulado. Complexo de números a cada vez. Por isso mesmo não implica de modo algum grandes quantidades homogêneas, como os números de Estado ou o número numerado, mas produz seu efeito de imensidão graças à sua articulação fina, isto é, sua distribuição de heterogeneidade num espaço livre. Mesmo os exércitos de Estado, no momento em que tratam de grandes números, não abandonam este princípio (apesar do domínio da "base" 10). (...) A unidade aritmética de base é, portanto, uma unidade de agenciamento: por exemplo, homem-cavalo-arco, $1 \times 1 \times 1$, segundo a fórmula que fez o triunfo dos citas; e a fórmula se complica quando certas "armas" agenciam ou articulam diversos homens e animais, como a biga de dois cavalos e de dois homens, um para conduzir e o outro para lançar, $2 \times 1 \times 2 = 1$; ou então, o célebre escudo de dois punhos, da reforma hoplita, que solda cadeias humanas.(...) O número numerante sempre está sobre várias bases ao mesmo tempo.(...) A logística é a arte dessas relações externas, que pertencem à máquina de guerra não menos do que as relações internas da estratégia, isto é, as composições de unidades combatentes entre si. Ambas constituem a ciência da articulação dos números de guerra. Todo agenciamento comporta esse aspecto estratégico e esse aspecto logístico (Idem., 71-72).

O numerante, o que violenta, instiga, estilhaça, está na **EDUCAÇÃO**

MATEMÁTICA e Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas...

Matemáticas-Deseducadas se tornam linha de força, fluxos,

uma cartografia do entreLugar, quando suas movências se configuram em variedades de agenciamentos. Nesses termos o nomadismo versa pela capacidade de inventar novos territórios de agenciamento que se territorialize e em um deslizar incessante para se desterritorializar a própria existência. É possível, portanto pensar agenciamentos nas escolas ribeirinhas, mas o que são determinantes a sua existência, são as dEcomposições e os desEncontros a partir da eminência de signos e forças.

Numa escola ribeirinha do rio Jupariquera em Barcarena-Pará, em sala de aula, repletas de intensidades que provocam brechas, fissuras e muitas outras coisas que se convertem em agenciamentos e acontecimentos⁴¹: uma sala de aula, um apontar do professor, gritos no recreio, Grupo1 ganha $95+80=175$, as histórias da vovó... em que

⁴¹ Em *Lógica do Sentido*, Deleuze trata da Verdade eterna do Acontecimento e discorre que, “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. Segundo as três determinações precedentes, ele é o que deve ser compreendido,

a cartografia arrisca-se a desenhar um mapa, linhas que são passíveis a variações estáveis. Sejam as linhas segmentárias duras, as moleculares flexíveis e as linhas de fuga, dar-se mobilidade para se experimentar pensar uma cartografia, como “força do inexplicável, [pois] quando o cartógrafo encontra a força do signo, abandona a lógica, a confusão do ilogismo e do irracionalismo e afirma o acaso, o desconhecido, já que a razão conclui sua não fundamentação” (Brito e Chaves, 2017, p. 173). É um deixar mover ao sabor das tempestades, sem preocupar-se em apontar a proa a um destino... um o quê... um onde... um porquê... um para que... É *CARTO*grafar... É *GEO*grafar pelos “afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (Rolnik, 1989, p. 67).

Essa composição de linguagem favorece a passagem das intensidades que percorrem os encontros dos corpos vibráteis... olha-se para um plano de composição, em que acontece “as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afectos” (Pelbart, 2008, p. 2).

Portanto nesse plano o que está em jogo são os elementos heterogêneos, disparatados, bem como, Deleuze e Guattari na conclusão quase ininteligível de *Mil Platôs*, expõem que, o que se inscreve num plano de composição ou consistência são os acontecimentos, as transformações incorporais, as essências nômades ou vaga, as variações intensivas e turbilhonares, os devires sem termo nem sujeito, os espaços lisos composto do espaço estriado.

Acontecimento...

um momento infinitesimal...

um tempo da ordem do intensivo... Aion!

o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece. (...) querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne (...). Por que todo acontecimento é do tipo da peste, da guerra, do ferimento e da morte? Bastaria apenas dizer que ha mais acontecimentos infelizes que felizes? Não, pois que se trata da estrutura dupla de todo acontecimento. Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou; e o futuro e o passado do acontecimento não se julgam senão em função deste presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna” (Deleuze, 1974, p.152-154).

Potência Caleidoscópica: grupos, bandos, tribos, gangues e todos seus devires...

Os geógrafos dizem que há dois tipos de ilhas. Eis uma informação preciosa para a imaginação, porque ela aí encontra uma confirmação daquilo que, por outro lado, já sabia. Não é o único caso em que a ciência torna a mitologia mais material e em que a mitologia torna a ciência mais animada. As ilhas continentais são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. As ilhas oceânicas são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las. (...) De um modo ou de outro, a existência das ilhas é a negação de um tal ponto de vista, de um tal esforço e de uma tal convicção.

Gilles Deleuze, L'île Déserte, 2004

Os métodos intransigentes do olhar científico asseptizado e eruditos cedem espaço à cartografia do antropófago⁴², ao mapeamento de afecções, aos “movimentos de transformação da paisagem”, ao “desmanchamento de certos mundos” e aos olhAres do corpo vibrátil⁴³ de potência caleidoscópica que capta “não mais planos e sim os *platôs*, as regiões de *intensidade continua*, feitas da latitude dos corpos que você for encontrado: *corpos humanos, animais, sonoros... corpos de uma ideia, de uma língua, de uma coletividade...*” (Rolnik, 1989, p. 15, 35).

Uma cartografia do pensamento antropofágico é “evidenciado pela sua afirmação da vida como devoração, devir apropriativo dos acontecimentos da existência em sua singularidade, capaz de digerir as experiências vividas e incorporar os impulsos mais vitais” (Mello, 2007, p. 71). Ela faz valer tudo que der língua, cor, som para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido. Ao cartografar todas as entradas são saudáveis desde que as saídas sejam rizomáticas. Em seu desenho de criação, serve-se não só das escritas de encontros

⁴²Um cartógrafo nessa travessia é um antropófago, está sempre a procurar alimentos/elementos para compor sua cartografia, sem nada a explicar, tão pouco revelar (Rolnik, 1989).

⁴³Cabe despertar o corpo vibrátil para o funcionamento encontrar o fator de a(fe)tivação (Rolnik, 1989).

com os intercessores, como também, de “operadores conceituais [que] podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia” (Rolnik, 1989, p. 66-67).

Experimentar escrituras com imagens que possam provocar perceptos e afectos para além de uma imagem do pensamento julgamento precipita fazer fendas, labutar pela relva, pelas zonas, pelos movimentos, pelas linhas de desejos e de acoplamentos. Assim como as fotografias também serão vistas como uma força, regiões de *intensidade continua* do entreLugar, uma “espécie de “captura” de um acontecimento, que pode movimentar outros acontecimentos nos corpos que observam, dilatando as sensações, o olhar para outros movimentos intensivos e criativos, o que pode abrir válvulas de sensações” (Brito, 2015, p. 226).

As fotografias e as escrituras serão tratadas cartograficamente, como escrituras-vida e fotografia-devir, uma estética do nomadismo, uma intensidade caleidoscópica, que impõe “qualidade de potência nos seus movimentos, que são de latitudes (afetos/encontros) e de longitudes (movimentos de velocidades, lentidões e repouso)” (Brito e Chaves, 2017, p. 168) que provoca desterritorialização no olhar, olhares do/a escritor(a)/leitor(a) interpretante. Também nos grupos, malhas, tribos, gangues e todos seus devires... Com a movência caleidoscópica de cor-brilho-som ativam a transversalidade para realizarem conexões entre fotografias, escrituras, literatura, conceitos, poesias, escrituras, imagens, filmes, pinturas, matemáticas... forçando o pensamento a criar linhas de fuga para inventar uma vida imanente...

Chamar os acontecimentos, os agenciamentos para CARTOgrafar, requer gaguejar e falar em outra língua, com linguagens potencializadas e disparatadas pela invenção e escovação das palavras como entorta Manoel de Barros com suas ingnorças, empurrando e dando asas às letras-força com a taquicardia da máquina filosófica, em que provoca a invenção de conceitos que zigzagueiem pelo labirinto do pensamento do escritor-leitor, para ladrilhar e povoar o plano, em um trânsito-infinito de *Des/Re/Territorialização...*

Para fabular novos conceitos-armas⁴⁴ foi convocado também o Guarinim-Ty, com seu pensamento e velocidade infinita e sua máquina-de-guerra-subversiva para ser potência de conceitos, ou seja, ele e malta que não param de se metamorfosear... um

⁴⁴ Os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. E por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder. Não há nenhuma razão para que os conceitos se sigam.

personagem conceitual que opera “sobre um plano de imanência que é uma imagem de Pensamento-Ser” e que também “transborda as opiniões correntes” (Idem., 87-88). Para a criação de *personagem conceitual*, Deleuze e Guattari (1997 p. 52) acenam que é essencial a elasticidade na invenção do conceito, assim como, a fluidez do *entre*, pois

os conceitos são o arquipélago ou a ossatura, antes uma coluna vertebral que um crânio, enquanto o plano é a respiração que banha essas tribos isoladas. Os conceitos são superfícies ou volumes absolutos, disformes e fragmentários, enquanto o plano é o absoluto ilimitado, informe, nem superfície nem volume, mas sempre fractal. Os conceitos são agenciamentos concretos como configurações de uma máquina, mas o plano é a máquina abstrata cujos agenciamentos são as peças. Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais: não o horizonte relativo que funciona como um limite, muda com um observador e engloba estados de coisas observáveis, mas o horizonte absoluto, independente de todo observador, e que torna o acontecimento como conceito independente de um estado de coisas visível em que ele se efetuará.

Em escritura filosófica que carrega um *personagem conceitual* e que foge de discussão/explicações e sim, propõe-se a criar indiscutíveis conceitos para o problema que é atribuído a um plano. Os conceitos podem fazer pontes e ziguezaguear entre eles, mas mesmo o passar nas “pontes, de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas, ou desvios que não circunscrevem nenhum conjunto discursivo. São pontes moventes”. Porém são as “zonas, limites ou devires, esta inseparabilidade, que definem a consistência interior do conceito”. (...) As zonas e as pontes são as juntas do conceito (Deleuze e Guattari, 1997, 35-36, 32). Quem fala na voz-corpo-escrita de uma *personagem conceitual* quando numa enunciação filosófica?

*Quem Eu? Quem e Eu? E... Ele... sozinho não se reCompõe.
Ele com o sotaque de sua infância de inocência-maldade.
Com um devir-criança, que brinca, esquece, machuca-se...
chora e re-Começa...*

Fala Nietzsche, elogio: é uma força, uma arte, um próprio devir!



Trápiche-ilha alegre, Kátia Gonçalves e...

A vertigem do mareado num mundo que é só movimento... a ilha... a montanha na profundidade... O pintor quando pinta uma tela, o escritor ao rascunhar uma escrituraria, o olhador quando olha e registra o visto, o professor ao usar o quadro verde, o estudante ao rabiscar a folha de papel... Usam a tela-folha-quadro-branco para lançar o capturado pela coreografia da força olhar, sem nada a compreender a interpretar... apenas escuta o farfalhar. Pois “tudo isso está presente na tela [quadro, papel, mural...], sob a forma de imagens, atuais ou virtuais. De tal forma que o pintor não tem de preencher uma superfície em branco, mas sim esvaziá-la, destruí-la, limpá-la.” (Deleuze, 1996, p. 127).

A pintura-imagem captada pela retina da máquina fotográfica,

não trata o olho como sendo um órgão fixo. Liberando as linhas e as cores da representação, ela libera ao mesmo tempo o olho de seu pertencimento ao organismo, ela o libera de seu caráter de órgão fixo e qualificado: o olho se torna virtualmente um órgão indeterminado, polivalente, que vê o corpo sem órgãos, ou seja, a Figura, como pura presença. A pintura [imagem] nos põe os olhos em toda parte: na orelha, na barriga, nos pulmões (o quadro respira...). É a dupla definição da pintura: subjetivamente ela investe nosso olho que deixa de ser orgânico para se tornar órgão polivalente e transiente; objetivamente ela desvenda diante

de nós a realidade do corpo, linhas e cores livres da representação orgânica. E' um se faz pelo outro: a pura presença do corpo será visível ao mesmo tempo em que o olho será o órgão destinado desta presença. (Deleuze, 2007, p 28)

Do alto daquelas madeiras mortas se quer pensar na alegria como potência no agir ou na possibilidade de acontecimento na superfície do que esvai... uma névoa de imagens virtuais coexistentes e de diferentes ordens que se distribuem e correm formando círculos de virtualidades... Sangram uma ilha deserta⁴⁵ com ventooossss arrebatadores... Folhas. Grãos. Frutos. Chuvas estrondam nas águas e explodem e exploram e singram os igarapés... Onde o Sol toca ao encarder e desponta com as dançarinas palmeiras esverdecentes.

No meio da Ilha ReCriação em "direção ao que se deriva"... à deriva... Lá os ventos rodopiã e lançam tudo diferente, o homem ama uma ilha deserta povoada, ele está dentro-fora e não na imagem do deserto da produção da ilha que dizem nos sonhos. Portanto, "já não é a ilha que se separou do continente, é o homem que, estando sobre a ilha, encontra-se separado do mundo. Já não é a ilha que se cria do fundo da terra através das águas, é o homem que recria o mundo a partir da ilha e sobre as águas" (...) "De um modo ou de outro, a existência das ilhas é a negação de um tal ponto de vista, de um tal esforço e de uma tal convicção" (Deleuze, 2004, p. 6, 7).

As vozes, ouvidos, bocas, no ver, no pegar, no provar, no cheirar, com peles, com imagens, com sabores, com coisas, com luzes, com sabores-cores, sombras, numerantes, variações vagas das formas geométricas e no deslimite das matemáticas que pula das paredes-cubo da sala de aula... Qual a capacidade de afetar e de ser afetado de um professor ribeirinho? O que aumenta e diminui a potência do agir desse professor? O que saltitam e fúscam dos olhares, entreolhares dos alunos nas

⁴⁵Deleuze em *Causas e Razões das Ilhas Desertas* retoma o duplo movimento que produz as ilhas em si mesmas. "O movimento da imaginação que faz da ilha deserta um modelo, um protótipo da alma coletiva" que "não se opera a própria criação a partir da ilha deserta, mas a re-criação, não o começo, mas o re-começo". Promove essa digressão sobre o movimento da imaginação das ilhas e de movimento de sua re/produção. Alerta que "para apreciar a vida, nós a alcançamos não em sua produção, mas em sua reprodução. O animal, cujo modo de reprodução se ignora, ainda não ocupou lugar entre os vivos. Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis". Em seus devaneios Deleuze provoca um pensar olhar de cima da ilha como fez Zaratustra/Nietsche ao subir a montanha: "É uma ilha ou uma montanha, ambas ao mesmo tempo, pois a ilha é uma montanha marinha e a montanha é uma ilha ainda seca" (Deleuze, 2004, p. 10,11).

conversas soltas do professor, em que ele grita pela reprodução, pelo re-começo, da potência do diferente do mesmo, da repetição, da repetição...

*de répétition*⁴⁶ ... **van herhaling**...
的重复...

繰り返しの... **der wiederholung**...
من التكرار...

de la repetición... **OF REPETITION**...

של חזרה **повторения**

Importa às tristezas, diminuição de potência emitida pela ordem da fixidez?

Repetem-se na escola RÍObeirinha, no meio do trapiche, aulas-devir, onde pulam e tripudiam possibilidades de des-territorialização das matemáticas e Educação Matemática Ribeirinha, de criar linhas de fuga, forçando movimentos à ciência menor como máquina de guerra, a umas matemáticas-deseducadas, aquelas que cortam, provocam às invenções e que foge de toda demarcação pré-estabelecida ditada pela rainha Matemática e o Sr. Rei dono do Estado. Porém, "não há como prever os movimentos de territorializações/desterritorializações dos afetos que calcificam/descalcificam o delineamento dos territórios das práticas discursivas"⁴⁷ (Horn e Duarte, 2018, p. 5).

⁴⁶Reprodução das palavras *da repetição* em diversas línguas, sucessivamente traduzidas: francês, africâner, chinês, japonês, alemão, árabe, espanhol, inglês, hebraico, russo (tradução online). Esses riscos de letras deCodificados são signos "significantes", não estão para indicar palavras, mas a desterritorialização do pensamento, um atravessar o espaço liso da diferença. Para Deleuze, é chamado de "significante" todo signo enquanto apresenta em si mesmo um aspecto qualquer do sentido; "significado", ao contrário, o que serve de correlativo a este aspecto do sentido, isto é, o que se define em dualidade relativa com este aspecto. O que é significado não é, por conseguinte, nunca o próprio sentido"(Deleuze, 2007, p. 91).

⁴⁷ "Práticas discursivas são as inúmeras formações discursivas construídas historicamente e oriundas de práticas pedagógicas, científicas, cotidianas, etc., que subjetiva os sujeitos em relação aos modos como devem falar ou conduzir suas próprias ações. Nesse, os sujeitos são formados e formadores de produções discursivas que fazem sentido dentro de um determinado momento histórico, em que a linguagem obedece a regras de funcionamento que direcionam e são direcionadas a determinadas práticas que regulam o que se pode dizer ou pensar sobre as coisas: o que é permitido e o que é interdito em relação aos modos de falar e agir com e sobre o corpo (Foucault, 2008)".

A Ilha ReCriação, é a terra, a vida, a casa da criação, como destaca Zaratustra/Nietzsche em sua vontade de afirmar, desConstruir, transmutar... É na montanha do abismo que o silêncio ecoa às conversas e precipita desEncontros em que corpos são afetados, pela imprevisibilidade do aparecimento das matemáticas e por serem colocadas em vias do problemático, do movente, da potência inventiva e da produção circulante. Mas ainda há de escutar o que diz Zaratustra sobre o distanciamento do silêncio e o afastamento do vale quando se olha ao espelho em um sonho:

(...) Em verdade, compreendo bem demais o sinal e aviso do sonho: minha doutrina está em perigo, o joio quer ser chamado de trigo! (...)

Que me aconteceu, meus animais?, disse Zaratustra. Não estou transformado? A bem-aventurança não chegou a mim como um vendaval?

Tola é minha felicidade, e falará coisas tolas: é ainda jovem demais — tende então paciência com ela!

Fui ferido por minha felicidade: todos os sofredores me servirão de médicos!

Posso novamente descer para junto de meus amigos e também de meus inimigos! Zaratustra pode novamente falar e presentear e fazer o melhor para os que mais ama!

Meu impaciente amor extravasa em torrentes, para baixo, para o nascente e o poente. Desde silenciosas montanhas e tempestades de dor, minha alma rumoreja rumo aos vales.

Por tempo demais ansiei e olhei ao longe. Por tempo demais pertenci à solidão: assim desaprendi o silêncio.

Tornei-me apenas boca, e o bramir de um riacho a descer de altos rochedos: em direção aos vales quero precipitar minha palavra. (...) (Nietzsche, 2011, p. 75).

É no tocar explodir os festins e o fogueirão das invenções que pode se aprisionar, matar a criação ao invocar o mesmo como o novo, indo ao deleite do pensamento dogmático, das verdades petrificadas, em que a vontade criadora minguar o pensamento a turvar e para tudo que transita. Zaratustra ensina a vontade afirmativa da criação, do esforço de educar a si, de se expor quando se cansar do neutro, à busca por uma saúde construtiva do pensar, a Transvaloração...

Então: 'olha-te no espelho!' Que/qual imagem olha, transolha, entreolha?



LêScríturas⁴⁸, Kátia Gonçalves e..

O que desEncanta escapa, escorrega da representação, sai do limbo, para onde foi empurrado e esquecido... Faz caçar os restos precipitando à inventividade, à imprevisibilidade, deixa-se afetar pela escuta alegre, a potência do agir. Escutar⁴⁹ o som do apito para cães, o bater das asas dos insetos, o caminhar das lesmas... ir ao descomeço e escutar a cor dos pássaros, e importunar o verbo delirar como faz Manoel de Barros.

Para isso esculpem, compõem, pintam, rabiscam, riscam, escrevem, leem, lê-escrevem, traquinam e subvertem o pensamento a pensar o impensável, o não permitido, o terror e o encantador das histórias de assombração das matas geladas que escorrem o sangue das folhagens do manguezal, e que escondem a perversidade da relva que se entrelaça com os troncos robustos, cipós e com os embalos das palmeiras imprevisíveis.

LêScríturas invadem a ilha com precipitações do balanceio da voz de um professor, que dá tom ao assustador, assobiando a dor e grito do horror de lugares

⁴⁸Espaço de zuniidos de história – as invenções sobre uma terra que se foge e que se busca – movimentos de leituras e escriturAção de crianças da turma multisseriada. No riscar e falar, correm as criações, o que fissura o pensamento em fervilhamento.

⁴⁹Escutar é aguçado por todos os sentidos do devir-animal, é poder ser afetado pelo zunido agudo do sigilo das missões estatais, caças e ataques à resistência. É compor um silêncio numa brutal e veloz (nem absoluta e nem relativa) maneira de pensar o não pensado.

desconhecidos, mas que beliscam o pensamento de crianças-estudantes que se recusam a mover os lápis apenas para as coisas petrificadas dos livros enviados pelos que ditam o pensado. Desejam experimentar novos mundos, usando pincéis coloridos, passar por devires – “visitar e ser visitado por intensidades que brotam e se fabricam nos limiares ou nas zonas de passagem”⁵⁰ – e viver à potência de matilha, grupos, bandos, tribos, gangues e todos seus devires.

Os olhos que tomam voos e ficam reluzentes a cada cutucada para a escritura-devir precipitada por um professor ofegante de navegar contra a maré com crianças de nome multicisserie que, para não perderem a cor e o colorido, negam uma cultura que debilita o poder criador do indivíduo que vem dos rastros de entes e de um discurso moderno⁵¹ a favor da criatividade⁵².

Os afectos são precisamente estes devires não humanos do homem, como os perceptos (entre eles a cidade) são as paisagens não humanas da natureza. Não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo e visão, devir. Tornamo-nos universo. Devires animal, vegetal, molecular, devir zero (Deleuze e Guattari, 1997, p.220).

*A vertigem que aparece na transmutação da fotoGrafia do circular entre um olhar para o outro, em que as ondas das vozes batem nos rostos, passou pela crueldade do **flashe** da câmera de retrato. Como se ao enxergar aquela luminosidade fixasse o tempo recortando, o momento perfeito para representar um lugar, um sujeito, um objeto... Mas escapou por entre as brechas do trapiche de madeira e ao cair na água escura e gelada do igarapé, não foi engolido pela Cobra Grande, como dizem até o povoado da cidade. Resurgiu enlameado e ainda preso às raízes das árvores e grudados vieram folhas e sementes que caem sem alardes. Limpou a objetiva e se pôs a liberar fluxos dos devires do visto e do sentido. Passou a pensar por meio de afectos e perceptos, sendo que*

⁵⁰Provocações sobre Devir, feitas por Luis Fuganti no livro Pesquisar na Diferença: um abecedário (Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p.74)

⁵¹Uma educação pragmática visa ser útil ao sistema, quer moldar, enquadrar, dar forma, instrumentalizar o indivíduo, o que leva a negligenciar toda possibilidade de criação e de superação, no intuito de fortalecer a engrenagem do sistema, nesse sentido atrofiando a intelectualidade, tornando o homem coisificado (Brito, 2015).

⁵²Criatividade se diferencia de criar, de criação, de invenção, trata-se da função da inteligência (habilidade e desempenho) que possibilita soluções originais para problemas preexistentes (Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p. 140).

os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, e ele próprio um composto de perceptos e de afectos (Deleuze e Guattari, 1997, p. 213).

Tomaram-se pela LêScrituras, a arte da cont.Ação emoldurada numa elipse que acompanhá a paisagem que inventa a vida... Em burburinho com olh.Ares entrelaçados e boca a alardear, escutam-falam d'“O menino Seco” e seu encontro com a loucura que Tibicuerá⁵³ provoca no homem na floresta que tem frio e inverno; gaguejam⁵⁴ quando buscam dos porões dos navios negreiros, aparições que os fazem tremer e vibrar com “A Ilha encantada”, que tem rei, riqueza, ruína, violência, perseguição, açoitamento, levando todos à deriva pelo imenso rio; e por último o “Apanhador Visagem”, que traz a aflição da maternidade na labuta em um seringal, enaltece a samáumeira - monstruosidade de “árvore da vida”, a comunicante da floresta -, arrepiam-se com ruídos do ventos, cantos angustiantes, ao cavucar o chão encontram o barulho ensurdecedor do silêncio da brenhá da mata que é traçada por bifurcações infinitas de igarapés, arremessam a Lua para o outro lado esperando o Sol chegar a toda força... e inventam mundos e afirmam a vida e valorizam a terra e constroem outras coisa e... ir ao des.Começo e escutar a cor dos passarinhos

Desterritorializar a língua, a linguagem, o pensamento na passagem da voz, aos ouvidos, pelas vistas ao rabisco, deixa o escritor-artista inebriado! Vai à loucura! Pegam delírio né Deleuze? Faz a língua gaguejar gerando desequilíbrio, levantando o fogo para traçar linhas de fuga e enfraquecer o volume dos megafones que ficam entre os postes enraizados nas cidades Estatais por onde proliferam a voz da verdade de uma cultura massificada e arrogante que aniquila a singularidade e impede a multiplicidade de relações.

⁵³Personagem estético de Érico Veríssimo, Tibicuera, na narrativa, foi um apelido dado pelo pajé da tribo que significa 'cemitério' na língua tupi. Para envolvimento com a vida-morte num historiar o Brasil vá a Érico Veríssimo em As aventuras de Tibicuera, 2005. Para os ribeirinhos, Tibicuera é uma lenda indígena, que segundo os mais antigos deixa aquele que com ele se encontra na mata, enlouquecido, chegando à morte aqueles que não cuidam da floresta (Burburinhos de bandos e...).

⁵⁴“Fazer delirar, gaguejar, sair dos trilhos, inventar uma pura anomalia como um mundo de híbridos, abertura aos movimentos e às lutas do fora-texto” (Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p. 119).

O que faz **EDUCAÇÃO Matemática Ribeirinha e Matemáticas e**

pegar delírio

no deCompor com as invenções das LêScrituras ?

*O que faz pegar delírio nas singularidades ao se agruparem e
formarem multiplicidades?*

Aplicar a fórmula⁵⁵ da multiplicidade⁵⁶

que é “n menos 1” =

(n - 1)?

*“A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor,
mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele*

delíria (...)

*Em poesia (LêScrituras) que é voz de poeta(s), que é a voz
de fazer nascimentos -*

O verbo tem que pegar delírio”.

Manoel de Barros, Uma didática da invenção, 2009.

⁵⁵Deleuze afirma que a Ciência e a Filosofia não têm nada de universal, de Uno, cuidam de singularidades. Que nem Ciência, nem a Filosofia e nem a Arte são comunicativas, são criativas. “Nada mais. A fórmula é “n menos 1”, eliminar a unidade, eliminar o universal”, em que as multiplicidades são conjuntos de singularidades. Ainda há de se perguntar: “que as singularidades científicas como as da matemática, da física ou da química, como ponto de congelamento, sejam reproduzíveis, tudo bem, mas e daí?” (Deleuze e Parnet, 1996, p. 101).

⁵⁶*Pli*, em francês, é dobra, prega, ruga, vinco (Horn e Duarte, 2018, p.10).



IndeVisível, Kátia Gonçalves e...

Sonoridade de vozes de alcateia, estampido, espalhafato... Explosão, explosões. Whack! Pow! Plact! Bum! Abre-se uma fenda, um buraco numa parede por onde se espiã apenas parte de um entorno que foi omitido... Saem em fúrias bolhas de sabão que estouram e salpicam gotas de sensações nos rostos ardentes, no fora do dentro da sala de aula (Horn e Duarte, 2018 e Aquino e Corazza, 2009), quer capturar o olho-rizoma que é máquina de metamorfosear os olhos, olhAr, olhAres, um “constante rearranjo, dançam formando um mapa sempre provisório que sinaliza os embates de força que constroem o real” (Horn e Duarte, 2018, p.10).

O olhar vibrátil que libera a caleidoscopização⁵⁷, ao ser tocado pelo in Visível alcançado pelo corpo vibrátil, “corpo sensível aos efeitos aos encontros dos corpos e suas reações: a atração, repulsã, afetos, simulação em matérias, de expressão. De tudo isso, (...) olho-do-visível percebe apenas a máscara, resultante do movimento de

⁵⁷ Deixar o cérebro-rizoma tremular misturas na força viva das cores brancas, das formas, das coisas entre coisas, violentando o pensamento, negando-se que a corpo orgânico forme as imagens da representação que se enxergar o mundo (Rolnik, 2014).

simulação” (Rolnik, 2014, p. 26). Escapam “sensações... Naquilo que se pretende visível é potência do invisível e ambos se comunicam por modulações sensoriais” (Brito, 2015, p. 229).

“Klee⁵⁸ disse: “O pintor não representa o visível, ele torna visível”. Aí subentendem-se “as forças que não são visíveis”. É a mesma coisa com o músico.” (...) “Quase como o filósofo, que como o filósofo, que torna pensáveis forças que não são pensáveis, que têm uma natureza bruta, uma natureza brutal” (Deleuze e Parnet, 1996, p. 77).

Brincar, escrever, pintar, falar, gritar, perguntar, silenciar, olhAr, cantar, misturar, escutar, mover, pular, criar... É lançar vetor de pensamento que invoca a canibalização⁵⁹, um pensar faiscante e irracional e infinito e bailarino e flutuantes e desrazoado... libera o desejo, que “é abrir-se para o devir” (Aquino e Corazza, 2009, p. 24).

OlhAr, olhAres das janelas de aulas multisserie, vê-se multiplicidade das folhagens dos açáizeiros que balanceiam pelo Ar e os ramos secos que voam pelos Ares que fogem, vazam, escapam da repetição do mesmo. Brilham na constelação com sua própria intensidade faiscante, o brilhar, está mais para quem contempla, do que para quem brilha.

Cada estudante no dentro ou fora da sala de aula, em lugar que constitui subjetividades⁶⁰, ou seja, “está sempre em fluxos, sempre interagindo, conectando-se, transversalizando sentidos”. Brito com Guattari sugerem que a subjetividade se autoproduz em uma constituição que não cessa de perscrutar caminhos, que deixe inventar, criar, desafia a si mesma (Brito, 2015, p. 333). O que o professor-força ao lançar os conteúdos arborecência de modelos dogmáticos da fragmentação de hierarquia das faixas etárias das séries-anos estipulados por um currículo-forma emitidos pelo Estado-MEC, aniquila a segregação de turmas seriadas⁶¹ e contorce e apresenta a excentricidade da ciência nômade, como esclarece Deleuze-Guattari, (2012, p. 28), ele evoca “os fenômenos fronteiros onde a ciência nômade exerce uma pressão sobre a ciência de Estado, e onde, inversamente, a ciência de Estado se

⁵⁸ Conferir em Paul Klee na obra: Sobre a arte moderna e outros ensaios. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

⁵⁹ Alegria de viver com intensidades, devoração do que se passa e o que passa por entre ...

⁶⁰“Guattari, em sua obra Caosmose, afirma que “a subjetividade é polifônica”, é plural, pois não há nenhuma instância estruturante e dominante que a determine segundo uma causalidade unívoca (Guattari, 1992, p. 11). A subjetividade interage, sofre também agenciamentos, produz sentidos, contra-sentidos, opera agenciamentos coletivos e individuais” (Brito, 2015, p. 331).

⁶¹ Sistema truculento que indica a repartição e o despedaçar de um grupo, de uma matilha, de uma gangue. Assim como, é orientado pela hierarquia dos conteúdos que são descritos para cada série/ano, mesmo em um sistema não seriado, não linear, não homogêneo.

apropriá e transformá os dados da ciência nômade”. Chamam atenção para o seguinte:

O Estado não se apropria dessa dimensão da máquina de guerra sem submetê-la a regras civis e métricas que vão limitá-la de modo estrito, controlar, localizar a ciência nômade, e proibi-la de desenvolver suas consequências através do campo social (ibidem).

O professor-força é alertado para aquilo que escapa, que vaza na constituição da subjetividade, na sala de aula, na criança. Ao olhar e entre olhares, ele enxerga uma multidão de máquinas de guerra forjando armas perfurantes prontos para repetir o diferente! ♪ Trá! Lá! Lu! Li! Um movimento! Um marear... Um Brincar... Um cantar... Um dançar... Um colorir com o branco.

Deleuze e Parnet dizem que “A escola é o contrário do movimento (...) [é] acerto de contas, tribunais, exclusões (...) discípulos...” (1996, p. 86). É um lugar onde o denominado por aluno, educando, estudante, discente aprendiz recebe instruções e torna-se escolarizado e transformá-se em sujeito identificado da maquinária do Estado (Monteiro, 2016). O professor nômade inventa a não-escola-movimento, pensada com variações de cores pelo olhar e olhares da câmera que permite “habitar o ilocalizável” e pelo nomadismo do professor-força, que toma seu corpo de guerra e ocupa o espaço aberto com movimento turbilhonar, para não ser apanhado pela estaticidade-forma, da ciência régia que tudo se apropria e devora (Rolnik, 2014, p. 36).

Dáí gorjeia ele do alto da grama, o pensar ora a afirmar:

O que há no plano educacional, então, é uma vontade diante da outra, bem como uma inteligência frente à outra, numa relação de irreduzível igualdade de forças, de potência, de intensidade e de alegria. É a desigualdade (entendida como variação e a singularidade própria de cada vontade) manifesta-se nas criações do pensamento, nas invenções de modos de existência... (Aquino e Corazza, 2009, p. 38).

*AnoMulti 1ª Multiano 5ª 3ª Turma 4ª Série 1º Ciclo
Ensino Fundamental 2ª Menor 4ª Seriemultiano
2º Ciclo 4ª AnoMulti 2º 3º Multisserie 1º Alfa Jardim
... Um querer Não-Escola! IndVisão!*

Liberdade: momento-para-respirar com Quaranim-Ty



Passagem no marear Kátia Gonçalves e...

No jogar por entre barcos: mareado

Cortando os rios, passando por furos e igarapés, segue o Guarinim-Ty para entregar as mensagens das palavras feitas. Teve que riscar muitos igarapés, trilhas labirínticas ao Sol brilhante e Lua assombrada! Usava o lombo de um homem forte e idoso, para se sustentar nas idas e vindas dos estudos pelos rastros do chão e assim conhecer o ensinar e aprender, pois um dia terá que levar às crianças lá no final do Riobeirinho.

Anos, Sóis, chuvas passaram nesse movimento de subida e descida dos rios, ora turbilhonar, ora manso mareado com forte dor para regoçar. Muitas vezes o marear o cansava e o levava a pensar em desistir dos livros, das canetas, até dos lápis de cores e os picotar de papéis imbecis.

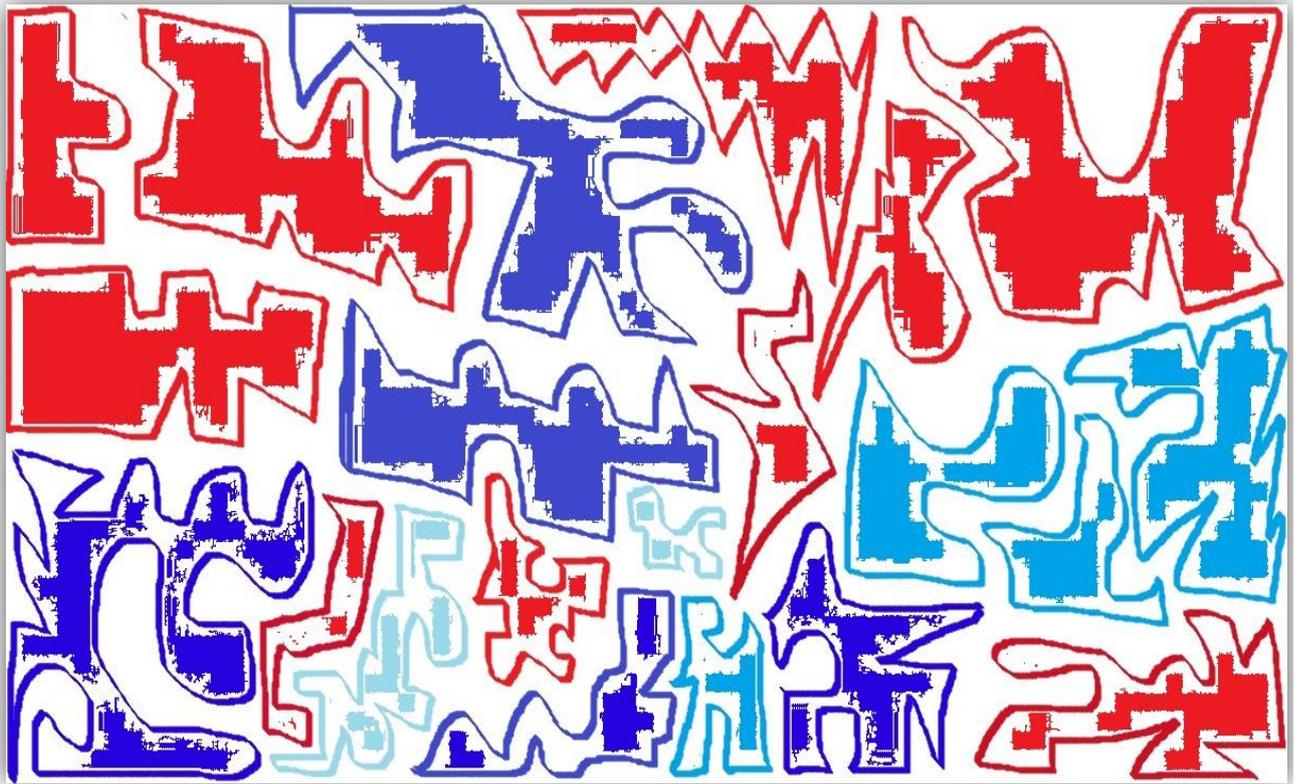
Guarinim-Ty não queria ser professor, movia-se a ensinador de coisas, a outrar-se⁶². Mas quando se encontrava com as crianças de sua terra-água, voltava a pensar a ser aquilo que seus pais almejam para ele e que tanto relutava a querer, 'ser professor'. Pensava: era perda de tempo recitar o que estava esculpido naqueles livros e palavras. Quero evadir!

Ele sabia que os vigias do Estado estariam à espreita para saber o que o professor iria transmitir a verdade do dia a cada saída do barco. — Por que ser professor do repetir e respirar, transferir e passar, toma lá e dá cá? Ou aquele que inova e faz o mesmo de cabeça para baixo? Quem é o sujeito da oração? O padre! A conta é de mais ou de menos, agora é resolve o problema? Arme e efetue se diz: calcule? O corpo está dividido em quantas partes? Será em Milhões?! Qual a História com H maiúsculo da sua cidade? Localize o seu município no mapa. Isso me deixa cadavérico! Eu pediria para cada aluno desenhar um caminho de casa até escola, pois seria geografar, sem definir uma linearidade e sim uma intensa inventividade.

⁶²“Outrar implica uma fronteira em movimento, uma estranheza que começa a ganhar contornos (fluidos) e que, por isso mesmo, desloca, desequilibra, interroga” (Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p. 179).

Ao passar de um lado para outro, no ensurdecedor barco, tornará mais remota o desejo de Guarinin-Ty de seguir a diante com seu pensamento nômade. Todavia estava em conflito consigo! Precisava dos vinténs para viver a navegar nas linhas das histórias, pois era o que gostava de fazer. Mas também tinha que honrar seus pais que financiaram seus estudos e queriam um Professor na família.

— É, eles pelejaram por isso! Lançar-me-ei ao abismo do procurar saber e ensinar o que ainda quero aprender! Agora vou caçar os meus puzzles serrados com cortes aleatórios, sem encaixes, com ranhuras e traços de transitoriedade, assim como “um processo de produzir fissuras no duro gelo das subjetivações instituídas, um quebra-cabeça⁶³, por cujas fendas possíveis se deixem entrever aquilo que denominamos de pensamento⁶⁴”



Puzzels-Máquina, Kátia Gonçalves e...

⁶³“Os conceitos, como totalidades fragmentarias, não são sequer os pedaços de um quebra-cabeça, pois seus contornos irregulares não se correspondem. Eles formam um muro, mas e um muro de pedras secas e, se tudo e tomado conjuntamente, e por caminhos divergentes. Mesmo as pontes de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas, ou desvios que não circunscrevem nenhum conjunto discursivo. São pontes moventes”(Deleuze e Guattari, 1997 p. 35-36).

⁶⁴ Fonseca e Nascimento e Maraschin, 2012, p. 8.

*Guarinim-Ty foi à travessia com seu barco estridente, tirando a água do casco para não afundar, pondo-se a olhar as peças do quebrá-cabeça desconcertante, das sinuosidades onde vibrava o branco ao disparar o devir-cores, a sutileza e agressividade do fixar por semelhanças, do in-*Divisível*, das escolhas sucessivas, dos *ous...* Percebeu que seu silêncio fora invadindo pelo formigar da rocha da sabedoria estática.*

Vem novamente uma tenebrosa ondulação no rio: lancha, navio, chuva tempestuosa... irrita às águas e faz Guarinim-Ty marear, desestabilizar... voltar a ficar inebriado e fazer seu pensar lascár, deixar-se ser agredido pelo abominador dos ventos, em que a cada sopro, rasga e leva o mareado a novos rios, igarapés... Foi então arrastado pelos fluxos do deserto das águas, em que a turbulência empurrava, revirando ferozmente tudo que estivesse nele⁶⁵.

Guarinim-Ty não sucumbiu ao trágico do que é viver. Em ritmo de uma melodia musical tropeçada pelo barulho do motor do barco o professor lança-se a cantarolar com histeria das cores das letras, números, desenhos, escritos-vozes, mosquitos, flores e espinhos. Essa histeria se tornou arte-aula de um professor-força que é movido por uma potência vital que experimenta blocos de sensações por meio de alucinações rítmicas e visuais, que o transborda e o atravessa. A histeria de um professor-força e da arte-aula provoca a histeria de estudantes que podem pegar seus tapetes voadores e em algazarrá insurgirem em algum lugar para afogar a imagem dogmática que inibem as invenções das elaboradas pela imagem do pensamento.

*— Por que eu? Não tenho esse tal de ‘*dem*’ para ser professor! Serei desprezível com meu pensamento atroz e submersível! Ah! Ah! Ah! Vou dizer sem pudor: o sombrio me clareia, tenho um olhar descomparado, gosto de ouvir os nádas que eu não sei...*

⁶⁵“O modelo hidráulico da ciência nômade e da máquina de guerra consiste em se expandir por turbulência num espaço liso, em produzir um movimento que tome o espaço e afete simultaneamente todos os seus pontos, ao invés de ser tomado por ele como no movimento local, que vai de tal ponto a tal outro” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 29).

Contramovimento das embarcações: o guerreiro das águas

Na vazante, a ilha flutua, urge uma montanha das profundezas, uma deseducada dos olhos, da boca, dos ouvidos, das sensações da asperez dos dedos cegos, perto da altura do silêncio e com um “vazio cheio de inerências”, sussurrou Sr M. Barros.

Na dobra do infinito, onde a estrela brilhante levanta e deita, e com ela desponha sentado e encostado ao motor do barco estridente, Guarinim-Ty, mais conhecido pelos Riobeirinhos como o guerreiro das águas, vem com seus apetrechos reluzentes para guerrear. Todos seguindo para pedras crescentes e ele indo às insignificâncias das gramineas sobre a terra da escola do igarapé...

Em uma de suas travessias encontrou com uma pesqueira que tagarelava e muito queria saber do blá blá blá de professorar nos rios e não na cidade petrificadas em que enaltecem as árvores⁶⁶ frondosas. Ela queria saber das coisas que fazia um professor, corajoso, com fala de elefante e olhar de formiga se assombrar e guerrear nas escolas Ribeirinhas! E se pois a perguntar a Guarinim-Ty:

⁶⁶ E as árvores não são uma metáfora, são uma imagem do pensamento, são um funcionamento, são todo um aparelho que se planta no pensamento para fazê-lo andar direito e fazer com que produza as famosas ideias justas. Há todo tipo de caracteres na árvore: ela tem um ponto de origem, germe ou centro; é máquina binária ou princípio de dicotomia, com suas ramificações que repartem e se reproduzem perpetuamente, seus pontos de arborescência; é eixo de rotação, que organiza as coisas em círculo, e os círculos em torno do centro; ela é estrutura, sistema de pontos e de posições que enquadram todo o possível, sistema hierárquico ou transmissão de comandos, com instância central e memória recapituladora; tem um futuro e um passado, raízes e um cume, toda uma história, uma evolução, um desenvolvimento; ela pode ser recortada, conforme cortes ditos significantes à medida que seguem suas arborescências, suas ramificações, suas concentricidades, seus momentos de desenvolvimento. Ora, não há dúvida de que nos plantam árvores na cabeça: a árvore da vida, a árvore do saber etc. Todo mundo pede raízes. O Poder é sempre arborescente (Deleuze e Parnet, 1998, p. 21-22).

— Por que você usa aqueles papéis enfeitados cheios de letras e números gritantes, emborrecidos e estonteantes, botando afiitas as palavras das historietas, fazendo as tintas tremularem e derreter nas cabeças das crianças? As coisas podem ser vestidas assim diferentes?

Em tom musical Guarinim-Ty iniciou as suas *Contações* de estratégias de resistência ao usar os cantos das borboletas, as cores dos pardais, os redondos das nuvens, o criquilar das libélulas, as bolhas dos peixes, as vozes dos sorrisos... para dizer das armadilhas da quadratura, do aprisionamento que precipita e quer sucumbir o desejar⁶⁷ de quem ousar aprender com o acoplar.

Guarinim-Ty foi logo dizendo: meu gorjeio está com defeito, não sei se contarei o que experienciei e vivi, se recitarei uma vontade de verdade que tanto quero iluminar... Quero arriscar “voar fora das asas” e empurrar outros a essa prática de dor ao pensamento.

A pesqueira de ouvidos máqunicos, ficará a espreita esperando respostas em que fulgurassem verdades de pescador.

Oh! Que pena! As *Contações*⁶⁸ não responderam ao inquérito da pescaria, e sim para transbordar entre momentos que atravessaram a vida de um professor, em que vai rumo a invenção de si. Cruze como um contramovimento aquilo que está arraigado na cultura das pedras para o rio e igarapé. Da realeza para a plebe. Guarinim-Ty resiste! Guerreia!

Guarinim-Ty se aproximou e começou a acionar o contar... a experiência do pensamento, do corpo, da vontade do querer, de um sentido ativo e potencializador na experiência-vivência do aprendizado da guerra...

Ainda com o suor da luta, grita ao tom dos lobos as suas

Contação: 1 e 2 e 3 e...

⁶⁷ Que se põe a metamorfosear, “a passar por devires” (Zourabichvili, 2004, p. 24).

⁶⁸ Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vivos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos (Deleuze, 2002, p. 14).

*Conta*ção I: texto que acha problema?!

...Então os nossos livros didáticos eu questiono muito sobre eles... Quando os alunos perguntam: isso daqui professor é uma conta de mais ou é uma conta de menos?

A Matemática na questão adição, subtração, multiplicação e divisão é muito mecanizada aqui para eles, os termos da adição, da subtração. Então eu passava um problema matemático, e até os exemplos me incomodavam porque para mim, os alunos precisam de situações difíceis de resolver e possível.

O aluno, ele precisa ter uma coisa chama *conflito* com a leitura, com os números, quando ele cria esse conflito o aprendizado fica bem melhor, porque ele vai buscar resolver aquela situação e é nesse buscar que ele acaba aprendendo ao longo desse processo.

Eu fico muito feliz quando dentro de um poema problema o aluno consegue ler e a partir disso, eles conseguem dizer: olha professor eu posso resolver essa conta por dois métodos, pelo método da adição e pelo método da subtração! Que foi um texto, assim: vou fazer um texto pra você me responder, cinco casais de gatos quantas unhas devem ter. É um problema difícil, mas possível de eles responderem e lanço nos grupos e eles vão analisar isso e verificar como é.

Fico satisfeito quando eu saio no meu registro e vou analisar os grupos e vejo-os analisando: quanto é um casal?; quantas unhas tem um casal? Ou seja, eles pegam do problema menor para chegar nesse resultado. Um gato tem quantas patinhas? Cada patinha tem 5 unhas. Aí parece que não sai. Ai eu falo, registra isso e vai fazendo os desenhos das patinhas, porque se você identificar quantas unhas tem, pronto, *matou a charada!*

ContaçãO II: minha didática é assim...

Antes eu focava muito na questão dos livros, falava: “eu preciso seguir esse conteúdo, aplicar isso bonitinho pra eles, porque se eu fugir disso daqui vai dar errado”...

Sempre em *grupo*, elas precisam ser assim, eu percebi que dessa forma em grupo é uma forma dos que estão alfabéticos ajudarem. Os alunos que dominam, às vezes, explicam para o coleguinha melhor que você [professor], porque eles usam o jeito deles, a linguagem deles e eles acabam compreendendo.

Antes eu trazia uma atividade específica para o Jardim 1, 2, para o 1º Ano... Mas sempre eu lembrava: vamos supor se eu fosse trabalhar as partes dos vegetais, mesmo sem eu entender muito, dentro de mim eu dizia assim: é melhor tu pegares um único conteúdo para todas as séries!

Passei um texto para o Jardim 1 ao 5º ano: “num jardim tem quinze flores, amarelas e vermelhas são, se eu tenho 10 amarelas e a vermelhas quantas são?”. O Jardim 1, Jardim 2 e 1º Ano resolveram pelo método pictórico.

Porque para construir uma coisa você deve ter participação naquele processo, não é verdade? Como eu vou construir uma coisa que já está pronta?

Eu acredito que a educação é capaz de proporcionar isso. Você colocar o seu aluno *para pensar, o aluno tem que aprender a pensar*. Eu adoro colocar os meus alunos em conflito com o aprendizado, eles precisam ter esse conflito, mas não eu mostrar: “olha isso está aqui e é assim”, não. Mas ele deve descobrir por si só.

As minha são as minhas,

as produções deles, são deles...

Contação III: vidas... vontade de brincar

Eu me preocupo muito com a forma com que os alunos vão enfrentar a vida, com vão ver isso. Minha grande preocupação com eles (alunos) é que possam ser atuantes em sociedade, eles precisam ser atuantes, eles precisam questionar, eles precisam ser participativos...

Eu compreendo dessa forma, quando o aluno pensa, ele é levado a *agir sobre aquela determinada coisa*, não o professor dar a resposta.

E é papel fundamental da escola proporcionar para os nossos alunos aprenderem a pensar, nós precisamos enquanto Escola, ensinar eles a aprenderem a pensar, a defender as suas ideias, e eu me preocupo muito com isso!! Por exemplo, se a nossa geração, *se nós soubéssemos pensar*, o nosso país não estava nessa situação.

Eu vejo que as crianças que moram nessa área são muito penalizados, elas penam muito. E o meu anseio é que lá na frente eles possam se defender e a educação proporcione essa defesa, para que eles possam ser críticos (...). Eu acredito que a educação é capaz de proporcionar isso... Você colocar o seu aluno para pensar, *o aluno tem que aprender a pensar.*

Então quando eu falo assim na questão de alfabetizar o cérebro, muitos têm aquela questão que o professor bom, é quando o aluno tem o caderno cheio de atividades, mas quando o menino chega lá sem atividade, dizem assim "mas menino o que tu fostes fazer pra escola? *Ah tu só brinca né?!*

Aí esse professor não vale nada.

— Na *ContAções*, cavei bem e revolvi todo o estrume, barro, pedregulho, lama e cheguei às gotículas d'água no fundo do buraco e encontrei o que me neutralizou, o que me expôs e denunciou, e vi o que me fez impelir as verdades valorosas do 'como ser professor'. Quero ir ao re-começo e *brincar!* Porque brincar é pensar em criança e suas infinitas possibilidades criativas! Brincar é liberar o desejo: abrir-se para devir-criança. “É invoca o direito a um pensamento irracional, ilimitado, desrrazoado”. É “des-canalizar os devires em prol da criação, é restituir a potência de criação aquele que foi formatado, reprimido pela sociedade, pela escola”. “Aquele que brinca desloca a repressão social, os padrões de conduta engessados, a inadmissibilidade social de ser espontâneo”⁶⁹.

Guarinim-Ty não percebe que a água do rio espira na pesqueira, quando o barco vira para a entrada no igarapé para encontrar as crianças da escola do trapiche. Ela sentada a escutar as *ContAções*, estava voltada apenas a pescar, que não sentiu ser molhada pela revolta da água que saiu do motor paralelo ao barco. Pensará apenas em sua pescaria: Peguei um mero⁷⁰! Não?! Esse peixe que às vezes capturei é relutante e alvoroçado... O mero é fixo e previsível. Ah quem abocanhou foi um robalo⁷¹! É insurgente, desafiador, sabe viver na lama, é indisciplinado. Peixe que sabe viver na lama, que está atento às correntezas torrenciais e à mansidão das marés. Quando no rio, ao ser tomado pelas redes das

⁶⁹ Aquino e Corazza, 2009, p. 24.

⁷⁰ Gigante entre os peixes e ameaçado de extinção pelo homem. O peixe mero, também conhecido como “Senhor das Pedras”, pode medir até três metros de comprimento e apresenta um comportamento inofensivo. Disponível em <http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/peixe-mero-o-gigante-de-tres-metros-ameacado-de-extincao/> Acesso em 10 de dezembro de 2017.

⁷¹ Muitos pescadores o chamam de “rei dos manguezais”, por ser encontrado nesse ecossistema e pelo seu tamanho. Ele dá trabalho na hora de pescar, se tornando um desafio para quem não tem experiência, pois ataca a isca com força e rapidez. Esta espécie possui um fio que se destaca na pele, tornando-o inconfundível. Disponível em <https://hotelsolar.tur.br/blog/5-peixes-da-regiao-do-salgado-para/> Acesso em 10 de dezembro de 2017.

quadraturas traça linhas de fuga e elabora “n” movimentos para escapar da representação das amarrações da árvore da sapiência e dos códigos da cultura do Ribeirinha. A pesqueira ainda instiga:

Como vive e se move o ribeirinho d’Aqui?

O professor responde:

Só sei o NADA aumentado ⁷².

Eu sou culpado de mim.

(...)

Ando em vias de ser compartilhado.

Ajeito as nuvens no olho.

A luz das horas me desproporciona.

*Com palavras chamuscadas da força violenta do pensar, Guarinim-Ity,
faz a língua saltar...*

*Eu não sei NADA sobre as
grandes coisas do mundo,
mas sobre as pequenas eu sei
menos.⁷³*

⁷²Manuel de Barros em O livro das ignoranças, 2009, p. 11.

⁷³ Manuel de Barros em O livro Memórias Inventadas, 2003, p. 23.

DeFormação em liberdade: momento-para-respirar e pensar um querer...

Válvula de escape, por onde sai o ar, mas entra outros ares. Tomo-me da tentação de só inspirar, prender o ar e espiar de longe o entusiasmo criador. De quê? Desequilíbrio-me e esqueço... esmaeço...

É assim quando Guarinim-Ty toma seu barco e olha ao céu e enxerga os estandartes da floresta: árvores retorcidas, miraculosas, gigantescas. A velocidade não o consente que olhe os grávetos jogados ao mato alagadiço e esburacado, nem os insetos reluzentes.

No retorno da ilha, indo aos braços de seu telhado acalorado, carecia rabiscar para depositar no som dos postes a vida de deFormação de professor e o trajeto nômade que se espalha pelo espaço aberto das águas que singram as montanhas profundas. Pois queriam saber que rapidez montava e desmontava a máquina de guerra que tanto o aparelho de Estado se surpreendia!

— Querem me levar a inquisição para cooptar a máquina que montei, a fim de enfeitar a sua própria guerra e torná-la forma-floral!

Guarinim-Ty temia que os ouvidos das pedras tomassem seus dizeres como persuasão para conquistar seguidores. Isso o arrastava a não querer dizer, pois o dizer do que foi, não será mais hoje, amanhã... teriam que viver cada um sua clandestinidade, subversões, fugindo da sedentarização, da homogeneização criptografada em manuais de captura do movimento do ensinar a saber.

No zunzunzum e fervilhamento do pensar, foi ao esconderijo das trevas, ao encontro com intercessores, uma potência coletiva, movido por um fora, uma preocupação com movimento de ensinar e não resultado do saber, para arranhá-lo e precipitar um pensamento sem imagem, do tipo como Sr M. Barros ajeita as nuvens com os olhos.

— Teria que espálfafatar sobre **A l f a b e t i z a r**. O que dizer sobre o que me afeta e me atravessa ao pensar junto com crianças e outras pessoas e... Fui aos meus alfarrapos e encontrei o filme *O Leitor*⁷⁴ e dentro dele o livro *A Dama do Cachorrinho*, e foram eles que falaram do amor e terror do saber, e da liberdade aterrorizante que tem na leitura da desarmonia da partitura com letras, números, notas musicais, acordes, com a envergadura da clave de Sol, em que a morte é a vontade de amor da ópera ao som nebuloso, regido por um maestro alucinado por sua audição. Porém as histórias que passam na tela movediça ficam melhores pintadas nas cores das palavras do Sr M. Barros⁷⁵:

*Entra um chamejamento de luxúria em mim:
Ela há de se deitar sobre meu corpo em toda
a espessura de sua boca!
Agora estou varado de entremências.
Sou pervertido pelas castidades?
Santificado pelas imundícias?
Há certas frases que se iluminam pelo opaco.*

*Mas ainda ficou a indagação de Guarinim-Ty com seus desEncontros: — Como falar desse delírio poético para se encontrar com as coisas de ensinar e aprender na escola multisserie da ilha? Como aumentar a potência no agir para A l f a b e t i z a r sem a tablatura indicando a posição dos dedos? Ouso ser empurrado pela melodia angustiante e melancólica *Moonlight Sonata*⁷⁶ de Beethoven que retine a pele todos os perfectos e afectos.*

⁷⁴ The Reader, O Leitor, de Stephen Daldry (2008), é um filme inspirado na obra Der Vorleser (1995) do escritor alemão Bernhard Schlink. A Dama do Cachorrinho é livro lido por uma personagem do filme: um dos contos do artista-escritor, Anton Pavlovitch Tchekhov (1860-1904) que tinha em suas narrativas curtas, o silêncio das palavras e o encanto dos movimentos dos seus personagens.

⁷⁵ Manuel de Barros em O livro das Ignoranças, 2009, p. 6.

⁷⁶ Sonata ao Luar.

É Guarinim-Ty com seu pensamento as voltas com as forças exteriores, estava operando por vazamentos, um pensamento-problema, um pensamento que faz apelo ao povo em vez de se tomar pelo poder estatal. Pretendia desenhar a movência do território, uma desterritorialização escolar, sem o status da fragmentação das folhagens da árvore, em que: a Matemática fica no topo; a língua pendurada nos ramos da comunicação; a ciências confere ao DNA nossa vigilância; a física estátua ou abalo; geografia entrega a rota certa; a história reconta o contado... As coisas para ele são rasteira, entrelaçadas, rizomática, com linhas vivas, nômades, desconcertantes, sem padrões estáticos.

— Recuso-me a alardear⁷⁷ a deformação para a boca do povinho! O que tanto querem saber das miudezas aqui do matagal? Para se entrincheirar e colocar sua artilharia maior, para controlar o fluxo das águas turbulentas que entram-saem aqui no igarapé e sobem as montanhas molhadas? Diga apenas assim: que aprendizagem de uma vida é acontecimento e que é liberador de uma alguma coisa qualquer... um querer...

Chegou o Nigud, aquele que é a voz dos Riobeirinhos, estremecendo as ripas do trapiche ao saber que Guarinim-Ty que o provocava a pensar o diferente o novo, estava temeroso para se expor e estampar o vir-a-ser professor em uma ilha, assim como, em relatar das travessuras mirabolantes que vive com seus alunos ao ensinar e aprender e saber e acoplar: matemáticas-português-ciências-geografia-história... coisas...

Então Sr Nigud com a garganta forte disse: Guarinim-Ty para chegar a ser o que tu és será preciso saber conviver com a incógnita de cada indivíduo na vida, nos acontecimentos, na história de cada um, em tudo aquilo que possa ser experiência, vivência, sem com isso negar o anseio pelo saber, de conhecer, de formular, de dar nomes, o que faz parte da necessidade do homem⁷⁸. É preciso alardear, mas deixar que façam o que quiserem com o crepúsculo e os ventos, com os frutos amargos, com as raízes retorcidas e enganchadas, com o empalidecer do Sol, com os respingos que saltam dos rios, com o incolorido dos pássaros... Deixem

⁷⁷ A forma-Estado, como forma de interioridade, tem uma tendência a reproduzir-se, idêntica a si através de suas variações, facilmente reconhecível nos limites de seus polos, buscando sempre o reconhecimento público (o Estado não se oculta). Mas a forma de exterioridade da máquina de guerra faz com que esta só exista nas suas próprias metamorfoses; ela existe tanto numa inovação industrial como numa invenção tecnológica, num circuito comercial, numa criação religiosa, em todos esses fluxos e correntes que não se deixam apropriar pelos Estados senão secundariamente (Deleuze e Guattari, 2012, p. 25).

⁷⁸ Brito, 2015.

que usem suas próprias telas, aquarelas, pincel atômico, giz branco, os dedos e cores inventadas. O escuro não pode enfraquecer os olhares deles e sim das iluminuras que aplicam à procurar as coisas!

Guarinim-Ty com respiração trepidante e com movimentos para insurgir, pega suas coisas que estão guardadas nas palavras e recita seu amigo Sr M. Barros:

*Palavras que me aceita
como sou – eu não aceito.
Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.⁷⁹*

É o guerreiro das águas continua à escovar as palavras: vamos fazer o branco rodar e criar cores, coloridos, sons, sonetos... reNovar o professor usando devir-borboleta⁸⁰ do guerreiro. ReTórcer e conTórcer toda estática que pretende aniquilar a falAção dos guerreiros nômades e suas máquinas de guerras, pois nunca cessam de se movimentar, de territorializar e desterritorializar, renunciando à terra e ao poder, indo a outra parte... fogem do Estado-forma e ao aprisionamento da ditadura do enquadramento.

Sr Nigud entorta mais um pouco as palavras e pronuncia: isso mesmo! “Não é em termos de independência, mas de coexistência e de concorrência, num campo perpétuo de interação, que é preciso pensar a exterioridade e a interioridade, as máquinas de guerra de metamorfose e os aparelhos identitários de Estado, os bandos e os reinos, as megamáquinas e os impérios.”⁸¹

Guarinim-Ty engole à seco e respira a potência vida e cospe o som da irreverência: então que criem suas próprias linhas... que façam os corpos vibrar de alegria e tristeza; que inventem um momento-para-respirar num terreno-movimento,

⁷⁹ Retrato do artista quando coisa, Manoel de Barros em Poesia Completa, 2010.

⁸⁰ Em um devir-borboleta, o que importa não é o que forma, mas o que se deforma ao levantarem voo, e o que podem carregar, puxar na passagem. São Multiplicidades de devir, ou de transformações que ocupa um espaço aberto com um movimento turbilhonar, cujo efeito pode surgir em qualquer ponto.

⁸¹ Deleuze e Guattari, 2012, p. 25.

uma vida, pura potência que respira⁸² a essência da singularidade; que traguem o sopro do vento e tomem o veneno das tiriricás⁸³ e saiam sóbrios dos seus enfrentamentos. Não tenho modelamentos para passar como normas regimentares.

*Cansado do seu relampejo vocal, Guarinim-Ty faz digressão, escorre e flamula como as pinturas do filme *Com Amor Van Gogh*⁸⁴, um nomadismo das telas vivas, que se passa em tintas a saga de cartas que procura uma verdade. O som-cor do escuro e da luminosidade de cada frame surpreende pelos movimentos constantes que sai da mente conturbada de Vincent e que instiga a loucura do pensamento do guerreiro, sem permitir que as cenas congelantes o invadam. Chama o Sr Nigud e o interroga com abundância de cor-voz:*

Que terror invade a cabeça de Van Gogh, tomada num devir girassol?⁸⁵

Por que num espelho d'água corrente movimenta-se a *deformidade dos corpos* e foge a perfeição dos **OLHOS?**

⁸² Pode-se sempre invocar um transcendente que recaia fora do plano de imanência ou mesmo que atribua imanência a si próprio: permanece o fato de que toda transcendência se constitui unicamente na corrente de consciência imanente própria a seu plano. A transcendência é sempre um produto de imanência" (Deleuze, 2002, 14).

⁸³ Espécie de mato rasteiro, de folha quebradiça; erva daninha com capacidade de invadir velozmente os terrenos. Ela é bem "complexa" possui tubérculos, rizomas e bulbos subterrâneos. Mais detalhe em <https://casa.umcomo.com.br>.

⁸⁴ Em *Loving Vincent*- original (2016), pinturas a óleo estreiam nos cinemas. Inspirados em cada sequência por pinturas específicas de Van Gogh, 125 pintores fizeram o trabalho de pintar o filme à mão, produzindo 65 mil frames, liberando ao espectador um mergulho a mente conturbada do pintor, a partir de uma fusão de artes: Artes: a Pintura e o Cinema. Sua narrativa fascina com a ausência e presença de Vincent.

⁸⁵ Para as pinturas moventes e dançantes cabe perguntar: "que estranhos devires desencadeiam a música [pinturas] através de suas "paisagens melódicas" e seus "personagens rítmicos", como diz Messiaen, compondo, num mesmo ser de sensação, o molecular e o cósmico, as estrelas, os átomos e os pássaros?" (Deleuze 1997, p. 220).

**Como desfazer os tons escuros e gelados
ensangüentados de
“Vinha encarnada” que são
avassaladores ao cristalino com sua exploração braçal?**

**O que toma a escuridão de “A Noite
Estrelada” de Vincent fulgurar
tragicamente o deserto de areia
e o de gelo⁸⁶?**

**O quarto seria um espaço de desassossego, de
desejos tempestuosos, de criações nebulosas e de
PENSAMENTOS FUGAZES e
mortais?**

⁸⁶O nômade habita e faz sua moradia no Lugar onde “nenhuma linha separa a terra e o céu; não há distância intermediária, perspectiva, nem contorno, a visibilidade é restrita; e, no entanto, há uma topologia extraordinariamente fina, que não repousa sobre pontos ou objetos, mas sobre hecceidades, sobre conjuntos de correlações (ventos, ondulações da neve ou da areia, canto da areia ou estalidos do gelo, qualidades tácteis de ambos); é um espaço táctil, ou antes "háptico", e um espaço sonoro, muito mais do que visual...” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 57).

Os corvos que assolam o trigal incomodam
a vida a ponto de não deixá-la apenas com
as **alucinações** do balançar dourado?

Que **alucinação** criadora leva a amputação de si e a
re-velar sua atrocidade em autorretrato com cores
quentes e RELUZENTES?

*Sr. Nigud com voz rasteira profere: "criar — eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação. Sim, é preciso que haja muitos amargos morreres em vossa vida, ó criadores! Assim sereis defensores e justificadores de toda a transitoriedade"⁸⁷. O **querer** é libertador e aterrorizador, atrai a vontade de inventar, a vontade de não parar, vontade de **querer**, a vontade de liberdade, a vontade de alegria, a vontade de nada, a vontade de morrer-viver, a vontade de ensinar-saber-aprender, a vontade de amar...*

Guaranim-Ty faz o pensamento estremecer, marear, cortar um pensamento a outro e... emite um brado:

Nasci ontem... *entre* morte-vida...

⁸⁷ Assim disse Zaratustra/Nietzsche, 2011, p. 82.

Platô IV

Metarfoscar e insurgir com as moscas E...



Repetir repetir – até ficar diferente.

Repetir é um dom do EstILO.

Manoel de Barros, *Uma didática da invenção*, 2009.

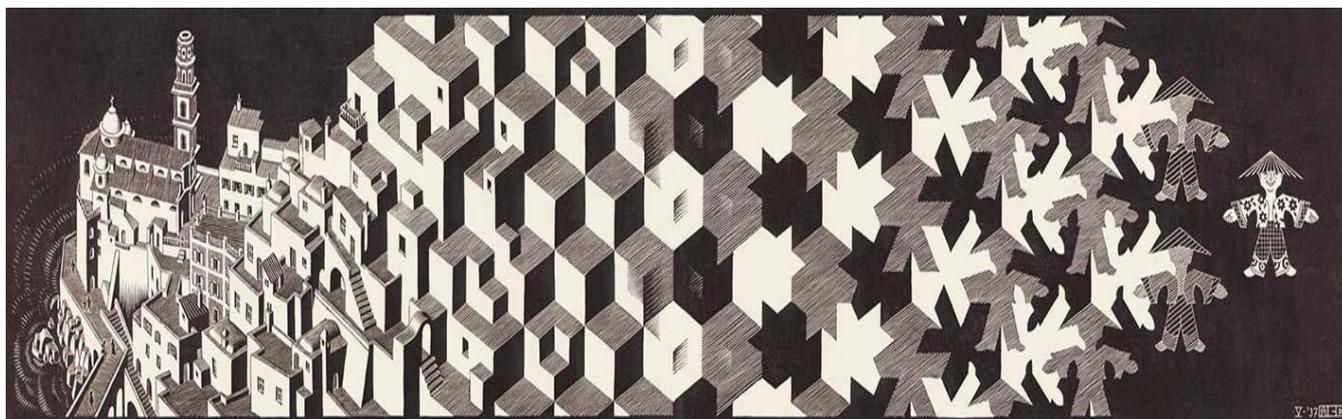
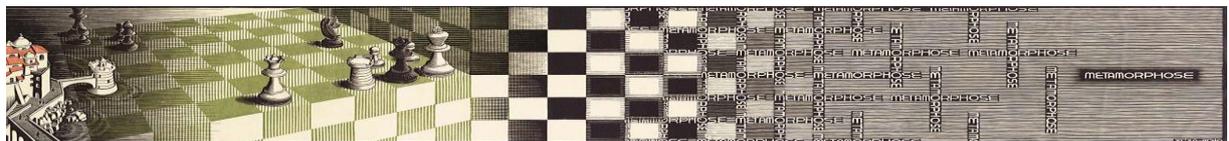
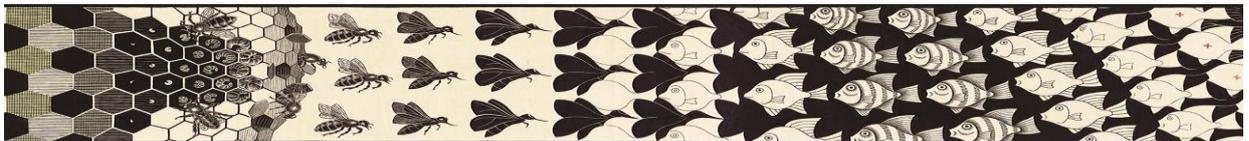


Imagem: Metamorphosis I, M. C. Escher, 1937⁸⁸

⁸⁸Site oficial publicado pelo Maurits Cornelis Escher Fundação Escher e The M.C. Escher Company, B.V.: <http://www.mcescher.com/gallery/switzerland-belgium/metamorphosis-i/>.Obra em Corte de madeira impresso em 2 folhas, com metragem original de 908 mm x 195 mm.



Imagem: Metamorphosis II, 1940⁸⁹



⁸⁹ Site oficial publicado pelo Maurits Cornelis Escher Fundação Escher e The M.C. Escher Company, B.V.: <http://www.mcescher.com/gallery/switzerland-belgium/metamorphosis-ii/> /. Subdividi a obra com metragem original de 3895 mm x 192 mm em quatro parte, para dar amplitude aos 20 blocos em 3 lençóis combinados. Montado em tela, parcialmente colorido à mão.

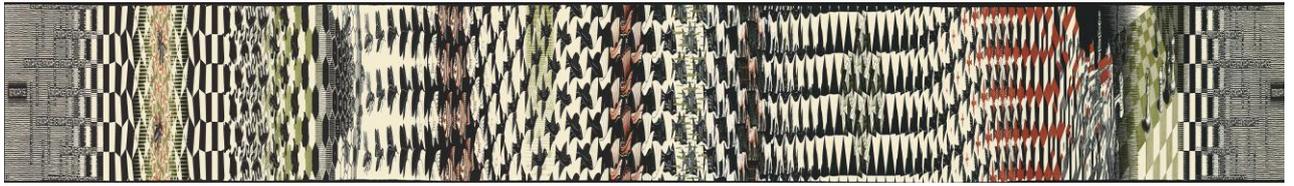


Imagem: Metamorphosis III, 1967-1968⁹⁰



⁹⁰ Site oficial publicado pelo Maurits Cornelis Escher Fundação Escher e The M.C. Escher Company, B.V.: <http://www.mcescher.com/gallery/switzerland-belgium/metamorphosis-ii/>. Para que as metamorfoses fossem visualizadas, subdividi a obra em quatro partes: ela que tem a metragem original de 3895 mm x 192 mm, 33 blocos em 6 lençóis combinados e é parcialmente colorido à mão.

Territoria/liza e Desterritoria/liza

Reterritoria/liza e

Des-re-territoria/liza e

Potencia/liza

O nomadismo

uma vida...

Um movimento metamorfofísico, mutante caleidoscópico, trágico, perturbador, histórico, labiríntico, enigmático, dançarino... Destrói-se no desFazer, no rizomar, proliferar, incomodar, propagar, piruetar, ocupar, trafegar...

As coisas na cabeça de um pintor, de um escritor, de um músico, de um professor e... contaminadas com esse metamorfosear em uma velocidade de lentidão, enxameiam o branco e sua virtualidade ou atualidades, sabendo que essa superfície branca a ser preenchida, antes precisa passar por um esvaziamento, destruição e limpeza para subverte as relações do modelo e assim repetir o diferente (Deleuze e Panert, 1996).

O pintor/escritor/e... das mutações produz transformações nas paisagens quando ao desequilibrar o cristalino realiza um desFazimento provisório em meio ao pintura/palavra ali em olhamento. Um desequilibrar o pensamento, colocando-o em transe, a pura potência nômade⁹¹: conquista-se um território, visando a desterritorializações, muda-se para outro lugar e nesse deslocamento há a reterritorialização. É a itinerância incessante de uma vagabundagem de bando, e um nomadismo de corpo.

O olho vibra, embaralha as imagens capturadas, desterritorializa-se, dissolve as formas/cores/letras, o corpo estremece e explode a metamorfose da

⁹¹ Para Deleuze e Guattari “se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. (2012, p. 56).

Metamorfose II

Visão Subversiva

*Um homem oriental que se desfigura,
voa e plaina em cubos recortados, perfurados,
que monta e desmonta,
tecedo no desfazimento aglomerado de armações
que derrete no Nada de antes...
As lentes subversivas são tensionadas
e delira com o mover
das imagem que agenciam multiplicidades...*

*O que pulsa em **Metamorphosis I** de Escher?*

Metamorfose III

Corromper o Ver

*N*o tabuleiro das quadraturas deslizante às insignificâncias animais
vão-e-vem, descem-e-sobem, voam e nadam, enxameiam os favos no
território hexagonal, deslizam em fluxos escorregadios num piscar e tremer
de pálpebras, corrompendo a linearidade do ver.

*H*ã devorações e capturas, jogos labirínticos, ilusão-perversão do
olhar que levam a corrosão do pensamento da representação. É tenso!

D sólido passa a líquido e o líquido a sólido, sem fusão e nem solidificação. Como acontecem os estremecimentos e as catástrofes?

Desenham-se entrecruzamentos, coisas atravessando e *entre* coisas, evoluções não paralelas que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos; fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes...⁹³

Vibram, cantam e dançam nas trocas gasosas que chama a vida: inspirar-expirar... cada imagem transmuda! Promove devires!

Construções e demolições implodem e explodem sem alarde, apenas com a beleza e alegria-tristeza da reConstrução, desMontagem...

Ds deslocamentos das peças entrelaçadas produz uma desterritorialização, por vizinhança, povoamento, agenciamentos coletivos, para dessa forma se reterritorializar, sem com isso necessariamente, retornar a territorialidade.

Cubos-cidade-pedras amontoados vão a xeque-mate!

Não importa, os irreverentes desabitam mesmo sem sair e viajam no tabuleiro Go, para fazer sua itinerância com as pedras **P**retas e as pedras **B**ranças... Caiem e voltam ao deserto...

Tudo passando por afectos e perceptos!!

Metamorphosis II e III de Escher provoca fissuras?!

⁹³ Deleuze e Parnet em *Diálogos* (1998, p. 12).

Metamorfose IV

*Zaratustra: aquele que possui bravos camelos*⁹⁴

*Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança.*⁹⁵

O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado.

Com o Camelo, acha-se a vontade de verdade, de sujeição, de servidão, de aceitação, de humilhação, de *fazer brilhar sua tolice*. O camelo com todo o peso dos valores joga no seu lombo, e segue para o deserto...

...acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto.

No deserto, a presença do dragão com suas escamas douradas com os “valores milenares” impõem: “*Não farás!*” “*Tu deves!*” O camelo sempre pronto a se ajoelhar, pois posta como subjugado. O leão logo rugiu em fervor: “*Eu quero*”. “*Eu farei*”.

No deserto o leão usurpa a força do camelo, pois percebe seu declínio diz não, ao invés de desistir. Mas o camelo passa a leão porque diz não? Para *Criar novos valores?* Qual seu propósito enfrentamento? O leão com bramido diz apenas o não instalado no poder. Ele *cria a liberdade para a nova criação...*

⁹⁴Significado do nome Zaratustra apresentado no livro chamado *História da civilização em seu desenvolvimento natural* (1874) do historiador Friedrich Von Hellwald, consultado por Nietzsche. Disponível em <<https://razaoinadequada.com/filosofos-essenciais/nietzsche/assim-falou-zaratustra/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2018. Nesse site há discussões filosóficas sobre Nietzsche/Zaratustra, vida e obras.

⁹⁵ Assim falou Zaratustra em *Das três metamorfoses* (Nietzsche, 2011, p. 25-26).

Por que o leão rapace ainda tem de se tornar criança?

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.

Nessa terceira passagem da metamorfose. “Tu-deves” agora tem de achar delírio e arbítrio até mesmo no mais sagrado... Dizer-sim.

Inocência é a criança, e esquecimento, pois é o próprio devir, uma experimentação afirmativa da vida. Ela se atreve a fazer o que nem o camelo e nem o leão puderam fazer: inventar, brincar, jogar... *Quer agora sua vontade... Dizer-Sim para o jogo da criação*. É carregar pesos feitos de nuvens e dizer não a *um primeiro movimento*.

Três metamorfoses do espírito eu vos mencionei: como o espírito se tornou camelo, o camelo se tornou leão e o leão, por fim, criança.

*Como trazer os camelos para a
transitoriedade
das Metamorfoses?*

Metamorfose V

Devires...

Matemáticas-formas e

Matemáticas-Deseducadas...

Maquinaría Xadrez e *Obras de arte e indi Visível*

EDUCAÇÃO e **bandos e** desmanchamentos e Diretrizes

Curriculares Nacionais e vizinhanças e *o plano-respiração e* quadraturas

MATEMÁTICA e Educação Matemática Ribeirinha e

Matemáticas... *Matemáticas-Deseducadas...*

Capturas... e de Composições e os des Encontros e

Estratégias do **Go** com as **guerreiras Pretas** ou pelas **Branças e**

Potência as escola ribeirinha com a Educação Matemática e

Educação Matemática Ribeirinha e MATEMÁTICA... um **entre... e**

Literatura e MATEMÁTICA a Ribeirinha, a **UNI**versal, a MAIOR e

Intensidade e InVisível, visível e coisas desimportantes e miudezas e

Educação Matemática: **Insurgir... Aventure!**

E O científico asseptizado e **Subversão e resistência e**

Educação Matemática Ribeirinha ciência menor... ela aciona uma

a máquina de guerra contra o Estados. *Tem **llllll** e*

os nômades não têm história ... e Acontecimentos e

*e ENTRE e **uma força e** um querer e agenciamentos*

E linha de fuga... potência de multiplicidades... Fluxos!

*Devires... um devir **mulher** de nós todos... vida... e*

Matemáticas-Deseducadas a gagueira e... e... pegar

delírio na LÍNGUA... São rizomáticas ... turbilhonares e musicais e

desencaixantes e irritantes e fissurantes e ativa e inventivas e intempestuosas e incertas... e

brincam... são crianças trá lá lé lú...

*e Singularidade e **multiplicidade** e*

Desenham em rabiscos desAprendendo... e

de répétition... de répétition... diferente! e volta a Nada...

Ela não é ... não será ...

Sempre em destruição!

Um Metamorfosear caleidoscópico.

Clandestinidad: matemáticas e

educações *entre* coisas e...

Força do nomadismo... multiplicidades...

M Foto - liegekata@gmail.com X

Seguro | https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/161aef2b94bc63f2?compose=161aff8f84d9a774

Google

Gmail

ESCREVER

Entrada (238)

Importante

Enviados

Rascunhos (1)

Spam (1)

Lixeira

Categorias

@UFPA (147)

APPLE (1)

ARTIGOS PACTO

BOLEMA REVISTA

COMPRA (24)

DISC FORMAÇÃO

DOC IRRF

DOUTORADO M...

EAD MATEMÁTIC

ETNOMATEMÁTICA

EVENTOS

Kátia Liège Nunes

Vivendo

Fazer uma chamada

Use também nossos aplicativos para dispositivos móveis Android e iOS

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

Para fulano_beltrano_sicrano@terra.br x multi_bandos@terraqua.com.br x |

Cc imecxivel@edu.br x

De Kátia Liège Nunes Gonçalves Gonçalves <liegekata@ufpa.br> ▾ Cco

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

Que o amanhecer seja iluminado pelo silêncio da noite!!

Fulano, Beltrano, Sicrano, Sr IMECxível e Multidões de bandos, gangues e...

As coisas *entre* coisa que passaram por essa vida-escrita-tese foram para guerrear, assim como Guaranim-Ty fez ao enfrentar a guerra-marear. Um guerreiro tem querer de grande batalha^[1], para superar-se. E para isso junta e desajunta territórios, faz inimigos e poucos aliados vagamundos. Um incitador ao pensamento guerreiro, o Zaratustra, provoca dizendo: *Podeis ter apenas inimigos para odiar, não inimigos para desprezar. Deveis ter orgulho de vosso inimigo: então os sucessos de vosso inimigo serão também vossos*^[2].

A escrita-vida-máquina-de-guerra está a procura de de Vastidão, do inacabado, de agenciamentos em que a dor-cor-traço vai se desMontando a partir de alucinação. É um CARTOgrafar uma vida em movências nômade, de territorializando e desterritorializando, desafiando os mundos das palavras-ritmos-tintas com as provocações dos intercessores e as convocações dos desEncontros alegres e tristes.

M Foto - liegekati@gmail X

Seguro | https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/161aef2b94bc63f2?compose=161aff8f84d9a774

Google

Gmail

ESCREVER

Entrada (238)

Importante

Enviados

Rascunhos (1)

Spam (1)

Lixeira

Categorias

@UFPA (147)

APPLE (1)

ARTIGOS PACTO

BOLEMA REVISTA

COMPRAS (24)

DISC FORMAÇÃO

DOC IRRF

DOCTORADO M

EAD MATEMÁTIC

ETNOMATEMÁTIC

EVENTOS

Kátia Liège N

Vivendo

Fazer uma cham

Use também nos

aplicativos para

dispositivos móveis

e iOS

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

Para fulano_beltrano_sicrano@terra.br x multi_bandos@terraqua.com.br x

Cc imecxivel@edu.br x

De Kátia Liège Nunes Gonçalves Gonçalves <liegekati@ufpa.br> Cco

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

Esse dito rascunhado é para anunciar Resistências! Insurgências! De uma escritura que outrora falara de Educação Matemática Ribeirinha, mas traçou linhas de fuga ao maquinar pela clandestinidade a perfurar coisas entre coisas e... Matemáticas e Educações e Educação Matemática Ribeirinha e Matemática e... *Matemáticas Deseducadas e Arte e Literatura e Ciência e Linguagem...* e usando armaduras e fechas ardentes da Filosofia da Diferença com bravos guerreiros .

Há de se inquirir: qual o objetivo dessa escritura para a Educação Matemática? Ele chegará ao topo e ganhará prêmios das siglas da erudição universitárias? Interessa para quem e para quê? Não tem respostas! Tem mais perguntas: *Em quê a Filosofia [da Diferença] pode servir a [Educadores] matemáticos, ou mesmo a músicos^[31], pintores, cineasta, professores dos anos iniciais... e?* Concordo com Deleuze, quando acena, ao dizer que um *escritor não pode desejar ser “conhecido”, reconhecido^[41], ele precisa perder o rosto, ao ultrapassar ou furar o muro ao corroê-lo vagarosamente, pois esse é a intenção de uma escrituraria, de uma escrita-devir.*

Cabe afrontar o pensamento formatado e professorar na diferença como Deleuze o faz, ao comenta que o ensino está ameaçado por uma espécie de *lobotomia. Desta forma, alerta: é de grande interesse pedagógico, (...) jogar no interior de cada disciplina essas ressonâncias entre níveis e domínios de exterioridade. Não existe ouvinte ou estudante que não chegue com saberes próprios, os quais a disciplina ensinada deve “levar em conta” ao invés de deixá-los de lado. É o único meio de aprender uma matéria por si mesma e a partir de seu interior.*

M Foto - liegekati@gmail X

Seguro | https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/161aef2b94bc63f2?compose=161aff8f84d9a774

Google

Gmail

ESCREVER

Entrada (238)

Importante

Enviados

Rascunhos (1)

Spam (1)

Lixeira

Categorias

@UFPA (147)

APPLE (1)

ARTIGOS Pacto

BOLEMA REVISTA

COMPRA\$ (24)

DISC FORMAÇÃO

DOC_IRRF

DOUTORADO M

EAD_MATEMÁTICA

ETNOMATEMÁTICA

EVENTOS

Kátia Liège Nunes Gonçalves

Vivendo

Fazer uma chamada

Use também nossos aplicativos para dispositivos móveis Android e iOS

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

Para fulano_beltrano_sicrano@terra.br multi_bandos@terra.com.br

Cc imecxivel@edu.br

De Kátia Liège Nunes Gonçalves Gonçalves <liegekati@ufpa.br>

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

Que tal agora violentar o pensamento a pensar ao invés de querer extirpa-lo e nele inserir um *chip* com todas as universalidades da ciência?

Nessa provocação a escrita-vida atravessou rios, cores, escuridão, amores, solidão, silêncios, ilhas, disSabores, desertos... e percorreu fluxos turbulentos e mareados para escapar do controle coercitivo do pensamento da representação, fincado pelo sistema dogmático arborescente. Como não amar os guerreiros que nascem de seu sacrifício e com bravura se lançam à vida?! *Que importa viver muito tempo? Que guerreiro quer ser poupado?*^[6] Assim diz Zaratustra sobre seu amor profundo aos *guerreiros*, a quem a vida fala mais alto neles.

Foram muitos estragos na guerra escriturAção, em meio a devastação, reconstruções, invenções. Porém, depois que o guerreiro luta e morre sorrindo, a vida nele supera, reCria, trans(de)forma. Um renascimento! Essa escrita pelo meio, rasteira, menor, com núpcias, com terror, entrecruzada, rizomática, metamorfósica para *saltar*, precisa sangrar, gritar e assim perpassar toda uma imanência, toda uma vida, todo um querer...

Um querer^[6] é libertador e aterrorizador, atrai a vontade de inventar, a vontade de não parar, vontade de querer, a vontade de liberdade, a vontade de alegria, a vontade de nada, a vontade de morrer-viver, a vontade de ensinar-saber-aprender, a vontade de amar...

Foto - liegekata@gmail. X

Seguro | <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/161aef2b94bc63f2?compose=161aff8f84d9a774>

Google

Gmail

ESCREVER

Entrada (238)
Importante
Enviados
Rascunhos (1)
Spam (1)
Lixeira
Categorias
@UFPA (147)
APPLE (1)
ARTIGOS PACTO...
BOLEMA REVISTA
COMPRA'S (24)
DISC FORMAÇÃO...
DOC_IRRF
DOUTORADO M...
EAD MATEMÁTIC...
ETNOMATEMÁTICA
EVENTOS
Kátia Liége Nunes
Vivendoooo

De Kátia Liége Nunes Gonçalves Gonçalves <liegekata@ufpa.br>

Para fulano_beltrano_sicrano@terra.br * multi_bandos@terragua.com.br *
Cc imecxivel@edu.br *

DEVASTIDÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA EM TESE...

E é esse querer que carrega a escrita de Vastada e reConstruída e móvel de *uma vida em tese*. Um querer como o de Guarinim-Ty, que leva a guerrear e a *fazer o pensamento estremecer, marear, cortar um pensamento a outro e... emitir brado ressoante* [de alegria]:

Nasci ontem... *entre* morte-vida...

Convulsivamente,

Prof(a) Kátia Liége Nunes Gonçalves- UFPA/Campus Castanhal-Pará
liegekata@ufpa.br
(55) 91+ 982218662 (TIM)
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5132791406240062>

^[1] Zaratustra - Da guerra e dos guerreiros. "A guerra e a coragem fizeram mais coisas grandes do que o amor ao próximo. Não a vossa compaixão, mas a vossa bravura salvou até agora os desventurados" (Nietzsche, 2011, p. 44).
^[2] Nietzsche/Zaratustra, 2011, p. 44.
^[3] Deleuze, 2002b, p. 2.
^[4] Deleuze e Parnet, 1998, p. 37.
^[5] Nietzsche/Zaratustra, 2011, p. 45.
^[6] Guarinim-Ty em DeFormação em liberdade: momento-para-respirar e pensar *um querer...*(Gonçalves, 2018, p. 114).

Enviar

Salva

Email - Su(in)spiro Kátia Liége Gonçalves e...



A grama... o entre Kátia Gonçalves e...

Cresce, toma, alastra no entre ...

Devora e traça... arruína a gigantez

Estrangulamento, ZERO é no meio... linha de fuga...

Há um desconforto, um reComeço...

"Tem-se grama [intrusa] na cabeça"!

REFERÊNCIAS de Intercessores e muitos e...

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Abecedário: educação da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre Nada**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica*. Conselho Nacional da Educação. *Câmara Nacional de Educação Básica*. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica** ; Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação**. Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental; Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental; Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRITO, M. R.; CHAVES, S. N. **...Cartografia...** uma política de escrita. *Rev. Polis e Psique*, v. 7, p. 167-180, 2017.

BRITO, M. R.. **Da Formação à deformação: Para além da fundamentação**. *Ixtli-Revista Latinoamericana de Filosofia de la Educacion*. , v. 3 (5), p. 85-104, 2016.

BRITO, M. R.. **Entre as linhas da educação e da diferença**. 01. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2015. v. 01.

BRITO, M. R. **A escrita - devir como experimentação: Para uma cartografia de si**. In: CHAVES, Sílvia; BRITO, Maria dos Remédios de. (Org.). **Formação e Docência: Perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. 1ed. Belém: CEJUP, 2011, v. 1, p. 9-255.

CLARETO, S. M.; CARVALHO, F. S. T. **pontolinha, linhaponto, linhalinha Matemática e Arte e Educação**. *Zetetiké (on line)*, v. 23, p. 279-299, 2015.

CLARETO, S. M.; MIARKA, R. eDucAçãO MAtEMátICA AefeTIvA: nomes e movimentos em avessos. *Bolema. Boletim de Educação Matemática* (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 29, p. 794-808, 2011.

CLARETO, S. M.. **ENTRE MAÇÃS E NÚMEROS**: a sala de aula de matemática, políticas cognitivas e educação matemática. *Horizontes* (EDUSF), v. 31, p. 63-70, 2013.

CLARETO, S. M. Como alguém aprende a ser professor? Políticas cognitivas, aprendizagem e formação do professor. In: FONSECA, H. A.; SILVA M.. (Org.). **Formação de Professores, Culturas**. Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. 1ªed.Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, v. 02, p. 50-61.

COLSON, D. **Petit Lexique Philosophique de l'anarchisme** – de Proudhon a Deleuze. Paris : Librairie Generale Française, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

CUNHA, Carlos Fernando Carrer da. Gilles Deleuze e o Pensamento Nômade: A Máquina de Guerra Primitiva. **Blucher Philosophy Proceedings**, v. 1, n. 1, p. 58-65, 2014.

DELEUZE, G. Entrevista em vídeo: **O que é e para que serve uma aula?** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-ln2A0fkA78>>. Acesso em 19 de julho de 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abcedário de Gilles Deleuze**, entrevista feita por Claire Claire Parnet, filmada e dirigida por Pierre-André Boutang. Paris: Vidéo 202 Éditions Montparnasse, 1996. (Transcrição sintetizada, em inglês, por Charles J. Stivale, http://www.langlab.wayne.edu/CStivale/D-G/ABC_1.html, e traduzida para o português por Tomaz Tadeu, disponível em <<http://www.ufrgs.br/faced/tomaz/abc.htm>>. Acesso em 13 de agosto de 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, G. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 2006.

DELEUZE, G. **L'île déserte et autres textes**. Paris: Minuit, 2002. Edição preparada por David Lapoujade. Tradução brasileira. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

DELEUZE, G. **A imanência**: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18, jul./dez. 2002a.

DELEUZE, G. **Em quê a filosofia pode servir a matemáticos ou mesmo a músicos**: mesmo e sobre tudo quando ela não fala de música ou de matemática. In: Gilles Deleuze – Educação e Realidade. v. 27, n. 2. Porto Alegre: UFRGS, 2002b. p. 225-226.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. vol. 4. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro, Ed 34, 1996.

DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas. Fontes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. (3ª edição). Lisboa: Guimarães Editores. 1978.

DESCARTES, René. **Meditações sobre a Filosofia Primeira**. Coimbra: Livraria Almedina. (Trata-se de tradução portuguesa da obra Méditations Métaphysiques). Descartes, R. (1970). *Méditations Métaphysiques*. (4ª edição). Paris: P.U.F. (Col. S.U.P.). Edição bilingue em francês e em latim. 1976.

DESCARTES, René. **Discurso do Método e Tratado das Paixões da Alma**. (5ª edição). Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1968.

DUARTE, C. G.. **A Educação do Campo como vetor de potência para a Etnomatemática**. In: IV congresso brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém do Pará. IV congresso brasileiro de Etnomatemática.

DUARTE, C. G.; TASCHETTO, L. R.. *Ciência Maior e Ciência Menor*: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 105-118, abril 2013 ISSN 1982-5153.

ESCHER. M. C. site: www.mcescher.com. Acesso em 05 de agosto de 2017.

FERNANDES, Filipe. S. **A Quinta História**: composições da Educação Matemática como área de pesquisa. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do.; MARASCHIN, C. (Org.) **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 7 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2001.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

GALLO, Silvio. **Em torno de uma Educação menor**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. p. 1-16.

GO: O que é GO, **Regras e Explicações...** (2014) Disponível em <<http://jotabrasil.com/wp-content/uploads/2014/12/Apostila-completa.pdf>.> Acesso em: 4 de abril de 2016.

GOMES, G. C.; CLARETO, S. M. **A cognição em questão**: invenção, aprendizagem e Educação Matemática. Práxis Educativa (UEPG. Online), v. 7, p. 585-602, 2012.

GOMES, G. C.; CLARETO, S. M. **Problematizando os pressupostos da cognição**: implicações para a aprendizagem matemática. In: XV Encontro Nacional de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática EBRAPEM, 2011, Campina Grande. Anais do XV Encontro Nacional de Estuantes de Pós-Graduação em Educação Matemática EBRAPEM, 2011. v. 1. p. 1-14.

GONÇALVES, K. L. N.; **Práticas socioculturais e a Educação Matemática nas escolas do campo**. In: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Matemática do Campo/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB. 2014. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Cadernos de Formação - PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA).

GONÇALVES, K. L. N.; SILVEIRA, M. R. A. Interações dialógicas em aula de Matemática: a importância das linguagens In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA- II SIPEMAT**, 2008, Brasil- Recife/PE. Matemática Formal e Matemática não-formal 20 anos depois: sala de aula e outros contextos, 2008.

HORN, G.; DUARTE, C. G. **GRAFIAS E ANAMORFIAS DAS FOTOCARTOS**: caminhos de uma pesquisa cartográfica. 2018. (texto digitado).

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001. **Revista Brasileira de Educação**. Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Rio de Janeiro. Jan/Fev/Mar/Abr n. 19, 2002. p. 20-28.

LINS, R. C. Matemática, Monstros, Significados e Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (Org.). **Educação Matemática**: pesquisa em movimento. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MELLO, I. M. de. **A antropofagia oswaldiana como filosofia trágica**. In: Cadernos Nietzsche nº 23. São Paulo: GEN, 2007. p. 59-79.

MONK, R. **Wittgenstein**: o dever do gênio. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

MONTEIRO, A. Álbum escolar: composições sobre aprendizagem e o aprender na escola. In: BRITO, M. R.; GALLO, S. (Org.). **Filosofias da Diferença e Educação**. 1. ed. São Paulo: LF, 2016. v. 1. 300 p..

MORAIS, Vinicius de. **O caminho para a distância**. Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1933.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e ninguém. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Eterno Retorno**. Nietzsche: Obras Completas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 [original 1884/1888]. (Os Pensadores).

NIETZSCHE, F. W. **Vontade de Potência**: Ensaio de uma transmutação de todos os valores. Disponível em <<https://onlinecursosgratuitos.com/23-livros-de-friedrich-nietzsche-para-baixar-em-pdf/>>. Acesso 21 de novembro de 2017.

O LEITOR. Diretor: Stephen Daldry, Produção: Anthony Minghella e Sydney Pollack. Alemanha e USA: Imagem Filmes e Miragem, 2008, 1 DVD.

COM Amor, Van Gogh. Diretor: Dorota Kobiela e Hugh Welchman. Produção: Hugh Welchman e Sean M. Bobbitt. Polônia e Reino Unido: BreakThru Filmes e Ivan Mactaggart da Marca de Filmes: 2016. Net Now.

ONETO, P. G. DOMENECH. **A Nomadologia de Deleuze-Guattari**. Lugar Comum (UFRJ), v. 1, p. 147-161, 2008.

PELBART, P. P. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, F; GARCIA, S. (Orgs.). **Próximo ato**: Questões da Teatralidade Contemporânea. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

PORTAL São Francisco. **Dicionário de Tupi-Guarani**. Disponível em <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/dicionario-de-tupi-guarani>>. Acesso 12 de dezembro de 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade, São Paulo: 1989.

SCHÖPKE, REGINA. **Deleuze e o mundo dos simulacros**. Ariel, v. 10, p. 43-47, 2012.

SOUZA, A. C. C. de. O sujeito da Paisagem. Teias de Poder, Táticas e Estratégicas em Educação Matemática e Educação Ambiental In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (Org.). **Educação Matemática**: pesquisa em movimento. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUZA; Antônio Vital Menezes de. SANTOS; Vinicius Silva. **Aprendência(s) Nômade(s)**: Expressões da multiplicidade em Gilles Deleuze. Colóquio Internacional. Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão-SE/BR. Set 2011.

UMA MENTE Brilhante. Diretor: Robert Redford, Produção: Ron Howard e Brian Grazer. Califórnia, Hollywood: Universal Studios e DreamWorks, 2001, 1 DVD.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Bragança Paulista: Vozes, 2012.

ZOURABICHVILI, François. (2015). **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. versão digital ifch-unicamp. Disponível em <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wpcontent/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acesso 15 de maio de 2015.

LISTA de IMAGENS...

Imagem 1: Jogo tabuleiro Go – Capa

Disponível<http://www.stilemarete.it/images/Psicosi_Tossicomania/PSICOSI_TOSSICOMANIA_game.jpg>. Acesso 15 de julho de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 2: Aplausos-riZoma. Lala-Rocque e Kátia Gonçalves e...

Escriturarias: *Kátia Gonçalves e...*

Design do texto rizoma: *Lala-Rocque*

Imagem 3: Jogo tabuleiro Go

Disponível<http://www.stilemarete.it/images/Psicosi_Tossicomania/PSICOSI_TOSSICOMANIA_game.jpg>. Acesso 23 de agosto de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 4: Jogo tabuleiro Go

Disponível<http://www.stilemarete.it/images/Psicosi_Tossicomania/PSICOSI_TOSSICOMANIA_game.jpg>. Acesso 23 de agosto de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 5: Xadrez 1 e 2. Apostila de xadrez para iniciantes. Projeto Xadrez – ONG O SACI – Itupeva – SP. Elaboração: Vianet Telecomunicações e Internet.

Disponível<<https://www.vianet.com.br/images/stories/download/apostila%20de%20xadrez.pdf>>. Acesso 17 de agosto de 2015. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 6: Peças do Xadrez. Apostila de xadrez para iniciantes. Projeto Xadrez – ONG O SACI – Itupeva – SP. Elaboração: Vianet Telecomunicações e Internet.

Disponível<<https://www.vianet.com.br/images/stories/download/apostila%20de%20xadrez.pdf>>. Acesso 17 de agosto de 2015. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 7: metragem tabuleiros

GO: O que é GO, **Regras e Explicações...** (2014) Disponível em <<http://jotabrasil.com/wp-content/uploads/2014/12/Apostila-completa.pdf>> Acesso em: 4 de abril de 2016. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 8: Livro composição

Disponível<<https://grupoautentica.com.br/img/capas/x/5220150720181305.jpg>>. Acesso 18 de setembro de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 9: O tabuleiro e as pedras

GO: O que é GO, **Regras e Explicações...** (2014) Disponível em <<http://jotabrasil.com/wp-content/uploads/2014/12/Apostila-completa.pdf>> Acesso em: 4 de abril de 2016. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 10: Símbolo Infinito.

Disponível<<http://sp2.trrsf.com/image/getcf4600images.terra.com/2017/12/30/99396331db724bc4-a5e9-44fb-8580-b5eb9007b9ea.jpg>>. Acesso 15 de janeiro de 2018.

Potência-nômade. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 11: Menor Ri

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 12: Alegres Libélulas fendas-infinitas.

Pintura com jato paint e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 13: Caleidoscópio. E pluribus unum: The forgotten function of cultural appropriation. Disponível<<https://ueafeminism.wordpress.com/2013/09/10/e-pluribus-unum-the-forgotten-function-of-cultural-appropriation/>>. Acesso 10 de dezembro de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 14: Caleidoscópio. E pluribus unum: The forgotten function of cultural appropriation. Disponível<<https://ueafeminism.wordpress.com/2013/09/10/e-pluribus-unum-the-forgotten-function-of-cultural-appropriation/>>. Acesso 10 de dezembro de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 15: Borrão amassado

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 16: Exposição de obras Joan Miró

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 17: Borrão amassado

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 18: Azul-Vermelho devir-borboleta

Pintura com jato paint e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 19 e 20: Borrão amassado

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 21: Crista turbilhonar, *Kátia Gonçalves e...*

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 22: Intensidade, *Kátia Gonçalves e...*

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 23: Trapiche-ilha alegre, *Kátia Gonçalves e...*

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 24: LêScrituras, *Kátia Gonçalves e...*

Fotografia e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 25: IndiVisível, Kátia Gonçalves e...

Fotografia e edição Kátia Gonçalves e...

Imagem 26: Passagem no marear Kátia Gonçalves e...

Fotografia e edição Kátia Gonçalves e...

Imagem 27: Puzzels-Máquina, Kátia Gonçalves e...

Pintura com ferramentas do paint e edição Kátia Gonçalves e...

Imagem 28 a 30: papel tintado

Fotografia e edições Kátia Gonçalves e...

Imagem 31: As moscas 1

Disponível<<https://www.vix.com/pt/bbr/50/quanto-tempo-vive-uma-mosca>>.Acesso 28 de setembro de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 32: As moscas 2

Disponível<<https://www.vix.com/pt/bbr/50/quanto-tempo-vive-uma-mosca>>.Acesso 28 de setembro de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 33, 34 e 35: Metarmofose I, II e III de Escher

ESCHER. M. C. site: www.mcescher.com. Acesso em 05 de agosto de 2017. Disponível<>.Acesso 23 de agosto de 2017. Edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 36: Email–Su(in)spiro Kátia Liége Gonçalves e...

Captura da tela do email pessoal da conta gmail e edição *Kátia Gonçalves e...*

Imagem 37: A grama e o entre Kátia Gonçalves e...

Fotografia e edição Kátia Gonçalves e...